



A VIDA DE SRI AUROBINDO DE A. B. PURANI

Uma contribuição do Yoga à
Educação Emocional

CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

ELISA P. GONSALVES POSSEBON
FABRICIO POSSEBON

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

APOIO:

Libellus
Editorial

PROVE[®]
PROGRAMA DE VIVÊNCIA EMOCIONAL

A VIDA DE SRI AUROBINDO
de A. B. Purani
(parte I)

Uma contribuição do Yoga à Educação Emocional

Elisa Gonsalves Possebon
Fabricio Possebon
(orgs.)

A VIDA DE SRI AUROBINDO
de A. B. Purani
(parte I)

Uma contribuição do Yoga à Educação Emocional



João Pessoa, 2026

Conselho Editorial

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)

Elisa P. Gonsalves Possebon (UFPB)

Fabricio Possebon (UFPB)

Fátima Sousa Lima (UFOPA)

Luiz Fernando Dias Pita (UERJ)

Jeane Odete Freire dos Santos Cavalcanti (UNIESP)

Maria Lúcia Abaurre Gnerre (UFPB)

Marilene Salgueiro (UFPB)

Tânia Maria Goretti Donato Bazante (UFPE)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Catalogação na fonte – Libellus Editorial

Bibliotecária Responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

Ed24

A VIDA DE SRI AUROBINDO DE A. B. PURANI Uma contribuição do Yoga
à Educação Emocional / Elisa Gonsalves Possebon, Fabricio
Possebon – João Pessoa: Libellus Editorial, 2026.

152 p.; 21 cm x 29,7 cm.

Bibliografia

ISBN 978-65-5264-088-8

1. Educação I. Possebon, Elisa Gonsalves, II. Possebon, Fabricio, III. Título
IV. Série

CDU 37

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação – 370

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem a permissão escrita da editora.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
------------------	----

A VIDA DE SRI AUROBINDO de A. B. Purani	07
---	----

PREFÁCIO.....	08
---------------	----

PRIMEIRA PARTE

ANCESTRALIDADE-FAMÍLIA.....	14
INFÂNCIA E EDUCAÇÃO.....	15
BARODA.....	56
NA POLÍTICA INDIANA.....	112
INÍCIO DO YOGA.....	120
NA PRISÃO DE ALIPORE E DEPOIS.....	134
CHANDERNAGORE.....	147
PARTIDA PARA PONDICHERRY.....	154

SOBRE OS ORGANIZADORES.....	158
-----------------------------	-----

INTRODUÇÃO

O yoga como uma prática integrativa é de interesse da Educação Emocional. Em seu aspecto mais direto e objetivo, visando o bem-estar (chamado de Yogaterapia), com os recursos de relaxamento, respiração, higiene, exercícios de gestos e posturas, nós já o abordamos em outro texto¹, propondo atividades simples que um professor de Educação Emocional possa conduzir em sala-de-aula. Nesse sentido, a regulação do ser integral é objetivada, nas suas dimensões física, energética, emocional, mental, intuitiva e anímica.

Mas o yoga é mais do que isso, evidentemente, é um sistema milenar filosófico que propõe responder aos anseios da existência humana.

É de particular interesse, segundo nosso entendimento, a abordagem proposta por Sri Aurobindo, denominada *Purna Yoga*, ou seja, Yoga Integral, porque trata-se de uma visão moderna que permite ao homem da atualidade “aproveitar” a sabedoria dos tempos antigos, sem exigir dele o isolamento ascético, o retiro social, o afastamento do contexto familiar, enfim, todas essas inúmeras ocorrências que normalmente o impediriam ou inviabilizariam sua prática.

No caso do Yoga Integral, objetiva-se exatamente o contrário, o que se quer é o yogue em contexto social, no mundo do trabalho, com sua família e todas as realidades mundanas ao seu redor, e, apesar disso, que ele consiga realizar a sua busca.

No amplo universo conceitual do Yoga Integral, destacamos a proposta educacional, chamada de “Livre Progresso”, desenvolvida por Sri Aurobindo com sua discípula Mira Alfassa, cognominada Mãe. O “Livre Progresso” propõe uma educação permanente, durante toda a vida, percorrendo fases que coincidem com as dimensões física, vital, mental, psíquica e espiritual. Portanto, a aproximação desse sistema com o que entendemos como Educação Emocional é imediata.

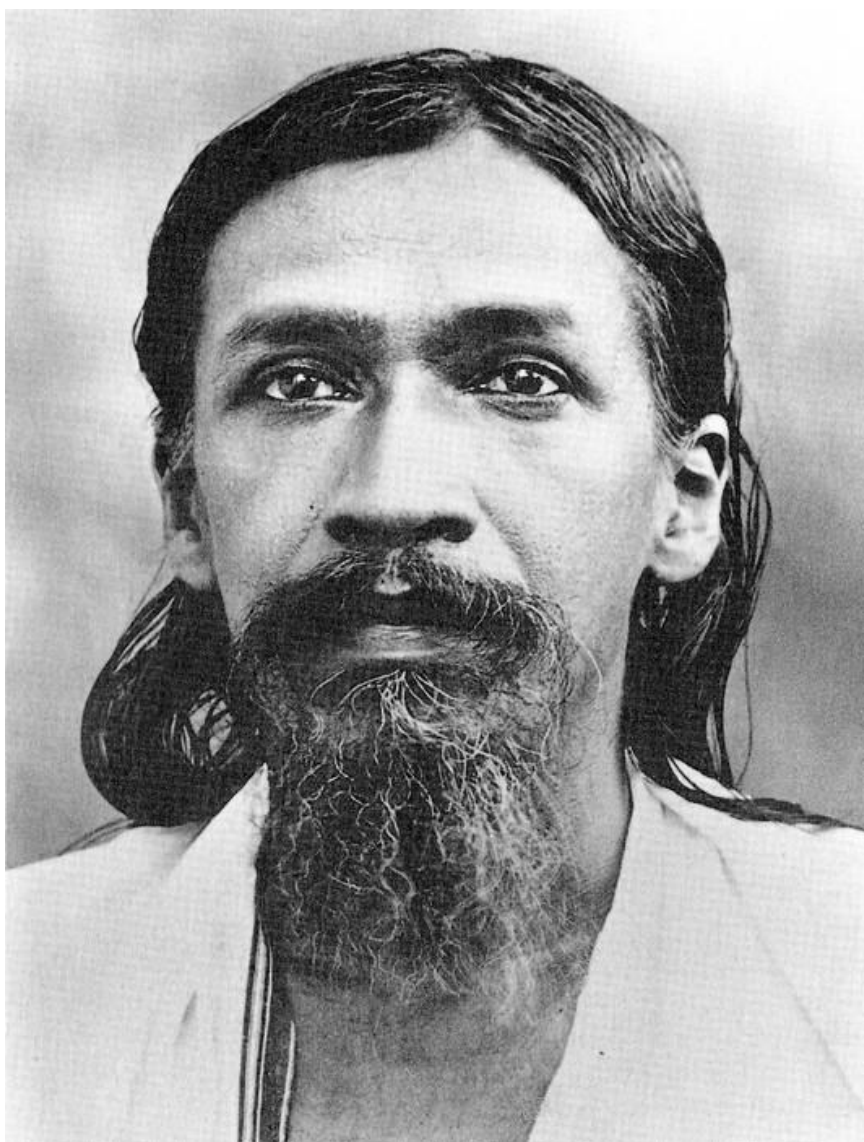
O texto que aqui apresentamos, *A vida de Sri Aurobindo*, escrita por um de seus discípulos, A. B. Purani, foi traduzido por Fabricio Possebon, por sugestão do Prof. Horivaldo Gomes, nosso mestre de yoga. Tem como referência a terceira edição, de 1964, publicada pelo *Sri Aurobindo Ashram*. Não está completo o nosso texto. A Parte I, que foi toda traduzida, trata da vida de Aurobindo, desde o seu nascimento (1872) até a sua partida para Pondicherry (1910). Faltaram a Parte II (*Pondicherry*), a III (*Sri Aurobindo on himself*) e um volumoso apêndice. Os quadros inseridos no texto não constam no original, são obras poéticas de Sri Aurobindo, selecionadas para mostrar a dimensão de seu trabalho. As fotos não correspondem todas àsquelas selecionadas pelo autor. A obra toda de Purani está disponível gratuitamente para leitura, em inglês, na quarta edição,

¹ “Yogaterapia – o saber que vem do oriente” in **Educação Emocional e Práticas Integrativas e Complementares de Saúde**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2019, pp. 53-94. Este texto foi reproduzido em nosso material didático mais de uma vez.

bem como a obra completa de Sri Aurobindo, e inumeráveis outros textos, em várias línguas, no seguinte endereço: <https://motherandsriaurobindo.in/Sri-Aurobindo/>.

A biografia de Sri Aurobindo não é uma obra filosófica ou pedagógica, nem um guia de práticas, mas registra muitos elementos interessantes para conhecer seu pensamento, vamos entendê-la então como uma introdução e um convite para estudos futuros, sobretudo a proposta educacional do “Livre Progresso”.

Elisa Pereira Gonsalves Possebon
Fabricio Possebon
Organizadores



Sri Aurobindo

A VIDA DE SRI AUROBINDO
de A. B. Purani
(parte I)

Obra de Referência

Tradução do inglês por Fabricio Possebon



A. B. Purani

PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Esta é uma versão revisada e aumentada da primeira edição, atualizada com a informação disponível. Foram acrescentados também mais um índice e um glossário.

Eu espero que o livro sirva ao propósito para o qual foi escrito.

04 de março de 1960

O Autor

PREFÁCIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Há vários modos de apresentar uma biografia. Devido a muitas causas, externas e internas, este formato foi escolhido. É gratificante notar que muitas pessoas gostaram do formato e o livro serviu com uma obra de referência. Nesta edição, foram feitos acréscimos necessários.

07 de maio de 1964

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

“Ninguém pode escrever minha vida porque ela não permanece na superfície, à vista dos homens”, escreveu Sri Aurobindo. Em outra ocasião, quando pedido para dar seu consentimento a um discípulo para ajudar a escrever a sua biografia, ele escreveu, em seu modo inimitável: “Eu não quero ser assassinado pelos meus próprios discípulos em uma impressão fria”.

Como alguém pode examinar essa vida interior - infinitamente rica, não somente em seu conteúdo humano de movimentos intelectuais, emocionais e volitivos mas plena, com muitas variadas experiências espirituais, que transcendem a consciência humana? O movimento de ascensão da consciência da Mente para a Supermente, do humano ao Divino, é acompanhado em seu caso por uma descida, com aquela Luz e Potência, na instrumentação humana, - mente, vida e corpo. A vida real de um Yogue é sua vida interior, - de fato, esta é sua única vida real.

Mesmo de um ponto de vista exterior, a escrita da vida de Sri Aurobindo apresenta uma grande dificuldade devido à sua versatilidade. Ele foi professor, erudito, poeta, líder político, jornalista, filósofo, dramaturgo, indólogo, psicólogo, crítico literário, tradutor e intérprete original do Veda, dos Upanishads e do Gita.

Mas há uma razão premente que me incitou tomar esta tarefa. A despeito de sua aversão à escrita de sua biografia, pessoas que conheceram muito pouco dele começaram a publicar livros não autorizados sobre sua vida e sua obra. Algumas delas continham narrativas totalmente fantasiosas até mesmo de episódios de sua vida. Entre elas, deve ser mencionada a biografia do Sr. Kulkarani, em língua marata, *Yogue Sri*

Aurobindo; a chamada *Vida de Sri Aurobindo* de Girijashanker Rai Chaudhuri, que apareceu em série, na revista mensal bengalesa *Udbodhan*; e a história do “movimento revolucionário em Bengala” de Hemchandra Das.

Eu tive a oportunidade de conferir com Sri Aurobindo todos os pontos dúbios desses livros para correção ou corroboração. Isto deu-me a base correta para sua biografia. Eu vinha reunindo materiais por conta própria desde 1923.

Os registros de Sri Aurobindo do serviço do Estado de Baroda foram obtidos por mim, em 1944, com a ajuda de S. D. B. Shukla, e submetidos a Sri Aurobindo. Ele os corrigiu, com seu próprio punho.

Subsequentemente, minha visita à Inglaterra, em 1955, permitiu-me reunir lá materiais sobre sua infância, que incorporei neste livro (a narrativa completa está publicada no pequeno livro *Sri Aurobindo in England*).

Há uma grande quantidade de material biográfico autêntico, em suas próprias cartas e outros escritos, que eu tentei colocar em ordem cronológica. Onde sua própria escrita não estava disponível, eu dependi de evidência contemporânea - principalmente daqueles que participaram dos eventos ou movimentos de sua vida.

Certas seções selecionadas de *Sri Aurobindo on Himself* e organizadas, na terceira parte, darão ao leitor uma ideia, com suas próprias palavras, do trabalho que ele fez para os outros e para o mundo, pelo uso de seu Poder Espiritual sob a Orientação Divina. Na era da bomba atômica, que parece conduzir a humanidade à paz pelo medo, a possibilidade e garantia de um uso dinâmico do Poder Espiritual podem abrir uma nova e mais duradoura via para a paz e harmonia.

E mesmo com todos esses materiais, alguém pode somente indicar os limites de sua vida interior:

1. Seu encontro com Vishnu Bhasker Lele e a experiência da Consciência Silenciosa de Brahman, que nunca mais o deixou.
2. Seu confinamento, em uma cela solitária na prisão de Alipore, e sua vívida experiência do Onipresente Narayana.
3. Seu retiro em Pondicherry e o fato crucial e significativo de seu encontro com a Mãe.
4. A descida do Poder Superior, em 24 de novembro de 1926.

Quanto ao aspecto exterior de sua vida, a produção de seu trabalho literário é impressionante pela quantidade, variedade e originalidade. Sua contribuição para a liberdade política da Índia pode ser sentida, com propriedade, por aqueles que passaram pelos tempestuosos dias da Partição de Bengala, quando o espírito nacional se incendiou como um vulcão, no solo calmo e plano da política indiana. A voz da Índia despertada foi primeiro ouvida, semana após semana, dia após dia, nas orgulhosas colunas do *Vande Mataram* e no *Karmayogin*. Esses jornais respiravam o imponente ar da liberdade

carregada com um idealismo, que erguia a política às alturas do fervor religioso e da espiritualidade. Centenas foram convertidos a uma vida de dedicação à causa da liberdade da Mãe Índia.

Mas, para além e por cima de sua sólida contribuição para a literatura e para a luta pela liberdade, ele deu uma visão mais sublime ao mundo moderno - a visão do destino humano de uma vida divina sobre a terra. Essa visão, acompanhada por um esforço ativo em colaboração com a Mãe, criou, do quase nada, duas instituições de importância internacional - o Ashram e o Centro Internacional de Educação Sri Aurobindo, onde o modelo da nova vida, orientada por sua concepção de destino humano sobre a terra, está sendo elaborado. Essas atividades, empreendidas durante sua aparente aposentadoria, despertaram, fomentaram e ajudaram a mais profunda aspiração espiritual em milhares de homens e mulheres de todas as raças e credos.

Espera-se que este livro inspire o leitor a cumprir o grande ideal, em sua própria vida. Há algumas repetições nesta obra, que foram intencionalmente mantidas.

O formato do livro deve parecer para alguns bastante prático. Creio que a narrativa da vida de Sri Aurobindo, com suas próprias palavras, será considerada inspiradora. A única pretensão que o livro pode ter é que ele é autêntico quanto aos eventos e datas; os pontos de vista e as opiniões são interessados. A ajuda trazida por meus amigos S. Krishnalal Bhatt e S. Vishnuprasad, na preparação do manuscrito, é reconhecida com gratidão.

A. B. Purani

“Ninguém pode escrever minha vida porque ela não permanece na superfície, à vista dos homens”.

“Tirtha Salil”, p. 287.

*

Uma vez quando um discípulo pediu permissão de Sri Aurobindo para ajudar um biógrafo marata em sua tarefa, ele declinou e escreveu: “Eu não quero ser assassinado pelos meus próprios discípulos, em uma impressão fria”.

*

“O segundo fato é que eu não cuido de um botão de roupa, no que concerne a ter meu nome em algum lugar abençoado. Nunca fui ávido pela fama, mesmo em meus dias políticos; eu preferia permanecer atrás da cortina, empurrar o povo sem seu

conhecimento disso e fazer as coisas. Foi o confuso Governo Britânico que estragou meu jogo, perseguindo-me e forçando-me a ser conhecido publicamente como ‘líder’ ”.

02 de outubro de 1934

*

Q: Qual é a verdade por detrás da personalidade?

Sri Aurobindo: Há muitas personalidades no homem. Mas a pessoa verdadeira está também lá; é o Eterno projetado no tempo como o Cósmico e o individual, para um objetivo particular, uso ou trabalho. Essa pessoa verdadeira está o tempo todo consciente de sua identidade com o Cósmico.

*Conversas Noturnas*², 01 de janeiro de 1939

*

“Primeiro de tudo, o que importa na vida espiritual do homem não é o que ele fez ou o que ele era exteriormente, à vista dos homens de seu tempo (isto é o que a historicidade ou a biografia apresenta; não é isso?), mas o que ele era e o que fez interiormente; é somente isso que dá algum valor à sua vida exterior, no todo. É a vida interior que dá à exterior algum poder que ela deva ter, e a vida interior de um homem espiritual é algo vasto e completo e, pelo menos em grandes imagens, tão repleta e fervilhante de coisas significativas que nenhum biógrafo ou historiador nunca poderia esperar apreendê-la completamente ou descrevê-la”.

On Yoga, II, Tomo I.

God must be born on earth and be as man
That man being human may grow even as God

Deus deve nascer na terra e ser como homem
Esse homem sendo humano deve crescer mesmo como Deus

Savitri, Livro VII, Canto 6

² “*Conversas Noturnas (Evening Talks)* é um registro das conversas de Sri Aurobindo com seus discípulos durante dois períodos, 1923-1926 e 1938-1943. O autor, A. B. Purani, fez anotações detalhadas de cada conversa imediatamente após sua realização e, posteriormente, as expandiu em diálogos de fácil leitura. As conversas foram publicadas inicialmente em uma série de três livros em 1939, 1961 e 1966; e reunidas em um único volume em 1982”. <https://motherandsriaurobindo.in/disciples/purani/books/evening-talks-with-sri-aurobindo/>

If far he walks above mortality's head
How shall the mortal reach that too high path?

Se longe ele caminha acima de cabeça da mortalidade
Como o mortal alcançará este caminho por demais alto?

Savitri, Livro VIII, Canto 6

In the unfolding process of the Self
Sometimes the inexpressible Mystery
Elects a human vessel of descent.

No processo de desdobramento do Si mesmo
Algumas vezes o inexpressível Mistério
Escolhe um recipiente humano de descida.

Savitri, Livro I, Canto 4

PRIMEIRA PARTE

ANCESTRALIDADE - FAMÍLIA

Dr. Krishna Dhan Ghose graduou-se na Faculdade Médica de Calcutá. Seu casamento ocorreu em 1864, quando tinha 19 anos, com Swarnalata, a filha mais velha do Sr. Rajnarayan Bose, de acordo com a cerimônia de Adi Brahmo Samaj, com quem Dr. Ghose simpatizava. Swarnalata tinha então 12 anos. In 1869, Dr. Ghose foi à Inglaterra para novos estudos médicos; retornou, em 1871, com outra graduação e, em toda sua aparência externa, um homem completamente anglicizado e ateu. Ele integrou-se ao S.M.C. - Serviço Médico Civil - e começou atuar como Cirurgião Civil. Havia uma veia de loucura na família de Rajnarayan, um de seus filhos era maluco. Swarnalata e sua irmã, que era casada com Krishna Kumar Mitter, ambas sofriam de histeria.

O serviço de seu Pai

O mais longo período de serviço do Dr. Ghose foi gasto em Bhagalpur, Rangpur e Khulna. Em Rangpur, ele gerenciou um trabalho de drenagem realizado, o qual foi chamado “Canal K. D.” pelo povo.

A partir de 1879, ele serviu em Khulna e permaneceu ali até sua morte. Quando foi à Inglaterra, em 1869, para novos estudos, ele tinha dois filhos, Binoy Bhushan e Mono Mohan, que foram deixados com Swarnalata e com uma enfermeira, a Srta. Paget. Em todo lugar em que serviu, era muito popular e altamente respeitado por todos. Ele costumava ocupar um lugar proeminente na vida civil, interessando-se por escolas, hospitais, municipalidades e outras instituições públicas. O povo de Khulna, na época, inaugurou uma escola com seu nome e sua foto foi posta na prefeitura. Foi dito que ele mudou inteiramente a face da cidade de Khulna. Era sempre cuidadoso com o pobre e extremamente generoso, tanto que nunca conseguia guardar algo de seu pagamento. Na parte final de sua vida, entregou-se a bebidas fortes para esquecer a angústia e tragédia de sua vida.

Seus irmãos e sua irmã

K. D. Ghose e Swarnalata tiveram seis crianças - cinco filhos e uma filha: 1. Binoy Bhushan. 2. Mono Mohan. 3. Sri Aurobindo. 4. um filho morto na infância. 5. a filha Sarojini. 6. Barindra Kumar.

K. D. Ghose teve um irmão, Bama Charan Ghose, que serviu em Bhagalpur como escriturário-chefe. Os dois irmãos não se entendiam.

INFÂNCIA E EDUCAÇÃO

15 de agosto de 1872

Sri Aurobindo nasceu às 4h30, uma hora antes do nascer do sol, na casa do advogado Mono Mohan Ghose, na *Lower Circular Road*, em Calcutá. O nome da Sra. Mono Mohan também era Swarnalata. Dr. Ghose e Mono Mohan Ghose eram de fato grandes amigos e igualmente as Swarnalatas.

1872-1877

Aurobindo residiu em Khulna onde seu pai servia. Ocasionalmente a família costumava ir a Deoghar para ficar com o avô, Rajnarayan Bose. Aurobindo não sabia o bengalês, em seus primeiros cinco anos. Havia um mordomo e uma enfermeira na casa e ele costumava falar com eles em um inglês truncado e igualmente em hindustâni. O Sr. Rajnarayan Bose era um patriota e um grande expoente da cultura indiana. Mas seus pontos de vista não tinham efeito sobre seu genro, K. D. Ghose, que decidira dar a todos os seus filhos uma educação totalmente inglesa. Ele acreditava, como muitos indianos naqueles dias, que o caráter inglês era ideal.

Um episódio na infância: Jogendra era o tio materno mais velho de Sri Aurobindo. Ele, certa vez, apontou um espelho a Aurobindo e disse: “Veja, há um macaco”. Depois de algum tempo, Aurobindo, a criança, mostrou o espelho a Jogendra, apontou-lhe e disse: “Grande tio, grande macaco!” (*Baḍo māmā baḍo bānar*).

1877-1879

Dr. Ghose enviou todos os três filhos ao *Loretto Convent School*, em Darjeeling, que era frequentado principalmente pelas crianças dos oficiais europeus na Índia. Aurobindo tinha então cinco anos. Deste modo, muito cedo acostumou-se a estar longe da família e da vida doméstica. As crianças costumavam ir a Khulna durante as férias e visitavam também seu avô em Deoghar. Há muito pouca informação disponível acerca dos dois anos que Aurobindo passou em Darjeeling. Ele lembrava das ruas com samambaias douradas, e também um ou dois episódios. Um foi este: havia um longo dormitório onde os estudantes costumavam dormir. Mono Mohan normalmente dormia junto à porta. Uma noite, alguém estava atrasado e bateu à porta, pedindo-lhe para abri-la. Mono Mohan respondeu: “Não posso, estou dormindo!”. Outro episódio ocorreu em Deoghar, para onde Aurobindo fora durante as férias. Uma noite, todas as crianças estavam caminhando com seu avô, Rajnarayan Bose. Depois de algum tempo, perceberam que ele não mais estava com eles. Caminharam de volta e viram que ele estava dormindo de pé!

Em uma das *Conversas Noturnas*, Sri Aurobindo disse:

“Sua questão recorda-me da história de minha avó. Ela disse: ‘Deus fez um mundo tão mau! Se eu pudesse encontrá-lo, lhe diria o que eu penso dele’.

Meu avô disse: ‘Sim, é verdade, mas Deus assim organizou, de modo que você não pode se aproximar dele, enquanto estiver com esse desejo em você!’ ”

Conversas Noturnas, 22 de janeiro de 1939

A condição mental de Swarnalata não estava normal, durante esses dois anos. Um dia, em um ataque de fúria, ela começou a gritar e a bater em Mono Mohan imerecidamente. Aurobindo, que estava presente, assustou-se e dando a desculpa que estava com sede, abandonou o quarto.

Sri Aurobindo descreve um sonho em Darjeeling, que se lembrava: - “Eu estava deitado um dia quando vi subitamente uma grande escuridão precipitando-se sobre mim, envolvendo-me e a todo o universo. Depois disso, tive um grande *Tamas*³ sempre pendurado em mim, durante toda a minha estadia na Inglaterra. Acredito que essa escuridão tinha algo a ver com o *Tamas* que veio sobre mim. Ele deixou-me somente quando eu estava retornando à Índia”.

“Todo mundo considera os antepassados de um grande homem como alguém de mente muito religiosa, piedoso, etc. Isso não é verdade no meu caso, de modo algum. Meu pai foi um tremendo ateu”.

Conversas Noturnas, 10 de março de 1943

1879

Sua família viajou à Inglaterra: Dr. Ghose estava então com 34 anos, Swarnalata com 27, e as quatro crianças: 1. Binoy Bhushan, 2. Mono Mohan, 3. Aurobindo, 4. Sarojini.

1880

Dr. K. D. Ghose retornou sozinho da Inglaterra para iniciar seu serviço em Khulna. Ele deixou Swarnalata e as crianças na Inglaterra.

Em 5 de janeiro, um filho, Barindra Kumar, nasceu em Croydon, Inglaterra. Seu nome no registro de nascimento foi “Emmanuel Ghose”. Swarnalata, em seguida, retornou à Índia com Barin e Sarojini. Dr. Ghose permaneceu sozinho em Khulna, depois de seu retorno e, quando Swarnalata veio, ele providenciou a moradia dela em Rohini, duas milhas de Deoghar, com Barin e Sarojini. Ele considerou impossível ficar com ela

³ Nota do tradutor. *Tamas* = inércia.

porque a condição mental dela deteriorava-se e rapidamente desenvolvia sinais de insanidade. Ele enviou quantias monetárias regulares aos seus três filhos durante os primeiros anos, mas então elas se tornaram mais e mais irregulares e, quando os três irmãos se mudaram para Londres, elas cessaram totalmente.

1879-1892

Muito pouco é conhecido do intervalo de aproximadamente 14 anos que marca a vida inicial de Aurobindo na Inglaterra e que parece ter sido a mais instrutiva de sua formação cultural e seu desenvolvimento intelectual. O pouco que é conhecido provém sobretudo dele mesmo e o que me foi possível obter de conversas com ele e com outros. Minha visita à Inglaterra foi produtiva na minha coleta de algumas informações autênticas sobre sua vida. Ainda não sabemos, e, temo, nunca saberemos muito mais sobre sua vida no exterior. É praticamente impossível saber como ele vivia com os Drewetts, em Manchester.



Sri Aurobindo, sentado diante de seu pai, em Manchester, 1879

Tudo o que temos são alguns detalhes sem importância na vida de um estudante versátil que tornou-se um grande vidente em sua vida posterior, mas é melhor ter algo autêntico do que ser deixado com uma vaga conjectura.

A vida de Aurobindo na Inglaterra enquadra-se em quatro períodos distintos:

Manchester, de 1879 a setembro de 1884.

Londres, de setembro de 1884 a julho de 1890.

Cambridge, de outubro de 1890 a outubro de 1892.

Londres, de outubro a dezembro de 1892.

Durante as férias ele costumava sair de Londres e de Cambridge, quando as condições econômicas permitiam.

Dr. K. D. Ghose era muito amigo do Sr. Glazier, um magistrado em Rangpur, e quando decidiu a permanência de seus três filhos na Inglaterra para estudar, ele organizou deixá-los com o reverendo William H. Drewett, um primo do Sr. Glazier, que morava em Manchester.

O Sr. Drewett era um ministro congregacional da Igreja *Stockport Road* - agora conhecida como *Igreja Octagonal* - e morava na rua *Shakespeare*, 84, próximo da igreja. Os dois irmãos mais velhos de Aurobindo estavam na idade de ir à escola e matricularam-se na *Manchester Grammar School*, enquanto Aurobindo, que tinha apenas sete anos, e provavelmente era considerado muito jovem para a idade escolar, não foi enviado à escola mas foi educado em casa pelos Drewetts. O Sr. Drewett era um professor formado em latim e ensinou-lhe inglês e latim, nisso ele instruiu Aurobindo muito bem. A Sra. Drewett ensinou-lhe história, geografia, aritmética e francês. Como estava estudando em casa, ele teve muito tempo para ler livros de acordo com seu próprio gosto, incluindo a Bíblia, Shakespeare, Shelley e Keats. Não apenas lia poesia, mas escrevia versos para a *Fox Family Magazine*, mesmo nessa tenra idade. Parece que não praticava nenhum jogo, ao ponto de não se lembrar disso - entretanto uma vez lembrou de ter jogado *cricket* sem muito sucesso.

Durante sua estadia inicial na Inglaterra, todos os três praticamente não tiveram contato com outros indianos, porque o Dr. Ghose havia dado instruções precisas ao Sr. Drewett de não permitir que seus filhos se misturassem com eles ou conhecessem algo sobre o modo de vida indiano. As outras pessoas que unicamente conheceram foram os Bentleys, de York, que ocasionalmente costumavam visitar os Drewetts, e a irmã do Sr. Drewett, que costumava vir vê-lo. Essas visitas eram retribuídas.

A mãe do Sr. Drewett era uma cristã devota e queria converter as crianças Ghose ao Cristianismo, para salvar suas almas. Mas o Sr. Drewett nunca consentiu com seu desejo, e, uma vez quando ele perguntou ao Dr. Ghose sobre a vida religiosa das crianças, sua resposta foi que esperasse até que os meninos chegassem à idade do discernimento, quando eles poderiam escolher sua própria religião.

Um falso rumor foi uma vez corrente de que Aurobindo tivesse se convertido ao Cristianismo. Isso foi provavelmente devido ao seu nome ter sido registrado na Escola *St. Paul*, em Londres, e mesmo em Cambridge como “Aravinda Ackroyd Ghose”. Mas isso não é verdade. Ele mesmo descreveu o que tinha ocorrido: “Havia então uma reunião de ministros não conformistas em Cumberland, quando estavam na Inglaterra. A velha senhora, em cuja casa morávamos, isto é, a Sra. Drewett, levou-me lá. Depois que as orações terminaram, quase todos se dispersaram, mas as pessoas devotas permaneceram um tanto mais e foi neste momento que conversões foram feitas. Eu estava completamente aborrecido. Então um ministro aproximou-se de mim e perguntou-me algumas questões. Não dei nenhuma resposta. Então todos proclamaram: “Este está salvo, está salvo”, e começaram a orar por mim e oferecer agradecimentos a Deus. Eu não sabia o que era tudo isso. Então o ministro veio a mim e chamou-me a orar. Eu normalmente não orava. Mas de algum modo fiz isso do jeito que as crianças recitam suas preces antes de ir dormir, para manter uma aparência. Isso foi a única coisa que aconteceu. Não frequentava a igreja regularmente. Tinha cerca de dez anos nessa época”. Ele sentiu-se infinitamente restaurado quando retornou a Manchester.

O Reverendo W. H. Drewett estava no encargo pastoral em 1879⁴, mas em 1881 abdicou de suas obrigações por causa de diferenças com os diáconos⁵. Ele está citado no registro da igreja em 1882, como estando em Manchester, mas “sem o encargo pastoral”. Deste modo, ele ficou em Manchester até 1882, mas logo antes de 1884, ele parece ter emigrado à Austrália, deixando os três irmãos Ghose sob a responsabilidade de sua velha mãe.

A questão porque Sri Aurobindo foi chamado de Arabinda Ackroyd deixou-me perplexo por algum tempo, até que uma indicação no livro do Sr. Monod Herzen deu-me a chave.

Está agora estabelecido⁶ que a Srta. Annette Ackroyd chegou em Calcutá, em dezembro de 1872 - o ano em que Aurobindo nasceu, na casa de Mohan Ghose, em

⁴ O Rev. W. H. Drewett habilitou-se no *Didsbury College* (para ministros), foi aprovado em 1865 e, com toda probabilidade, ordenado em Manchester, em 1871, como ministro.

⁵ “O Rev. W. H. Drewett, depois do ministério de cerca de dez anos, abdicou da pastoral da *Igreja Congregacional Stockport Road*, nesta cidade. A causa dessa decisão, o Rev. gentilmente explicou, no encerramento do serviço da última noite, que foi seu desacordo com a resolução da assembleia dos diáconos com relação ao estabelecimento de um novo dormitório escolar para crianças e embelezamento da atual igreja da escola. O cumprimento da proposta original, pela qual uma igreja era para ser construída, no espaço assegurado para esse objetivo, de frente a *Stockport Road*, será indefinidamente postergada, se a resolução dos diáconos for levada a cabo”. - *Manchester Guardian*, segunda-feira, 21 de março de 1881.

⁶ *India Office Library*, 24 de outubro de 1956. A seguinte informação foi obtida do livro de Lord Beveridge acerca de seus pais, intitulado *India Called Them*: - Henry Beveridge casou-se com a Srta. Annette Susannah Ackroyd, em 6 de abril de 1875. A Srta. Ackroyd era uma filha de William Ackroyd, de *Stourbridge*,

Calcutá. Como a Srta. Ackroyd estava presente na cerimônia de nomeação da criança, Dr. Ghose, que muito apreciava o modo de vida inglês, quis que a criança tivesse um nome inglês. O nome do pai da Srta. Ackroyd foi provavelmente dado como sendo o do padrinho.

Dr. Ghose costumava enviar £360 por ano, para a manutenção de seus três filhos em Manchester. Mas, ainda mesmo durante os primeiros seis anos da estadia deles na Inglaterra, o Dr. Ghose foi incapaz de enviar quantias monetárias regulares ao Sr. Drewett, que, então, em sua viagem à Austrália, passou por Calcutá e cobrou as dívidas do Dr. Ghose.

Quem levou Aurobindo e Mono Mohan à Escola de *St. Paul*, em Londres, não é conhecido, mas, no registro, Mono Mohan, que foi admitido no mesmo mês - setembro de 1884 -, está citado como um “Tutelado de W. H. Drewett”. O endereço dado é Avenida *St. Stephen*, 49, *Uxbridge Road, Shepherd’s Bush*. Sri Aurobindo costumava dizer que a Sra. Drewett, a mãe de W. H. Drewett, tinha alugado alojamentos para eles em Londres.

II

Escola de St. Paul, West Kensington, Londres, de 1884 a dezembro de 1889.

Aurobindo foi admitido em *St. Paul* depois de ter sido examinado pelo Dr. Walker, que ficou satisfeito com sua proficiência em latim e outros temas, mas considerou-o fraco em grego. Teve um interesse pessoal nele e instruiu-o na classe comum, onde era sua prática, para educar todos os estudantes jovens e promissores. É bem conhecido que o Dr. Walker não tinha nenhuma classe regular, mas costumava manter “rebocadores”, onde poderia instruir cada estudante no tema no qual era fraco. É bem conhecido também que o Dr. Walker tinha um olho para o estudante inteligente e nunca o perdia de vista, uma vez que o encontrava.

Os cinco anos de Aurobindo no *St. Paul* foi cheio de atividade durante os quais ele dominou os clássicos e assegurou o Segundo Prêmio *Butterworth* em Literatura e o Prêmio *Bedford* em História. Foi levado rapidamente aos níveis mais elevados, porque o Grão-Mestre queria colocar o estudante no nível no qual suas potencialidades pudessem plenamente contribuir para seu desenvolvimento. Isso economizou alguns anos para Aurobindo. Ele costumava tomar parte ativa na Sociedade Literária em *St. Paul*. Em 5 de novembro de 1889, está registrado que participou com distinção de um debate sobre “A

Worcestershire, onde ela nasceu em 13 de dezembro de 1842. Ela chegou em Calcutá, em dezembro de 1872, e foi ‘recebida pelos seus amigos indianos, Sr. e Sra. Manomohun Ghose e Sr. Gupta, e foi morar com os primeiros.’ (Ela os recebera na Inglaterra). Em 18 de novembro de 1873, a Srta. Ackroyd fundou uma escola para senhoras indianas - a *Hindu Mahila Bidyalaya* em *Baniapookur Lane*, com algumas dezenas de alunas. *Henry Beveridge, Bengal Civil Service*.

inconsistência das visões políticas de Swift”. Em 19 de novembro de 1889, participou de um debate sobre “Milton”⁷.

Parece bem certo que os três irmãos foram levados a viver em uma situação financeira muito embaraçosa, porque as quantias monetárias de seu pai inicialmente tornaram-se irregulares e então, por fim, quase cessaram. Isso é confirmado por muitas referências, nas cartas contemporâneas de Mono Mohan a Laurence Binyon, como também pelo que Aurobindo relatou, em seu memorial ao Secretário de Estado da Índia, para que lhe fosse dada nova chance para comparecer à prova de equitação, para o exame do Serviço Civil Indiano (S.C. I.)⁸, em 1892. Ele relata:

“Fui enviado à Inglaterra quando tinha sete anos de idade com meus dois irmãos e, nos últimos oito anos, nós temos nos virado com nossos próprios recursos, sem qualquer amigo inglês para nos ajudar ou aconselhar. Nosso pai, Dr. Ghose de Khulna, tem sido incapaz de prover cada um dos três com o suficiente para as necessidades mais básicas e estamos há muito em uma situação embaraçosa” (novembro de 1892).

As cartas de Mono Mohan a Laurence Binyon sustentam o estabelecido acima, com riqueza de detalhes. Em uma carta de julho de 1887, da Avenida *Stephen*, 49, ele escreve:

“Minha posição, a propósito, é muito nebulosa agora mesmo; eu não sei se depois de tudo serei capaz de obter minha bolsa de estudos porque meu pai está com algumas dificuldades financeiras e não pode me ajudar; £ 80 não serão suficientes para me manter em Oxford ... Estou indo a Oxford na próxima semana, para encontrar minha própria solução de algum modo, ou encontrar ajuda ... Tentarei persuadir meu pai a me deixar na Inglaterra para sempre; estou seguro, com os gostos que tenho, que não serei útil na Índia”.

⁷ Pauline, Vol. VII e VIII, p. 52.

⁸ Nota do tradutor: O Serviço Civil Indiano era uma pequena elite administrativa, nunca ultrapassando mil e duzentos membros e, até o século XX, predominantemente britânica em sua composição. Era formado por oficiais nomeados sob a Seção XXXII da Lei do Governo da Índia de 1858 para cargos reservados exclusivamente a eles. Os oficiais eram recrutados por meio de concurso público, inicialmente realizado apenas em Londres, mas posteriormente também em Allahabad, e o número de funcionários era restrito ao estritamente necessário para preencher os cargos de supervisão e controle da estrutura governamental. Os escalões inferiores da administração eram ocupados por um vasto exército de escriturários subordinados e funcionários provinciais, recrutados na Índia para executar as tarefas mais rotineiras. Mas a hierarquia era chefiada e guiada pela mão firme de oficiais do I.C.S. cuidadosamente selecionados. Esses oficiais ocupavam todos os cargos-chave: cercavam o Vice-Rei, dominavam os governos provinciais e eram, em última instância, responsáveis por supervisionar toda a atividade governamental nos duzentos e cinquenta distritos que compunham a Índia Britânica.

<https://www.historytoday.com/archive/administering-india-indian-civil-service>

Uma carta de Mono Mohan, datada de 28 de julho - provavelmente de 1887, da Avenida *St. Stephen*, 49, reconta a história do Dr. Ghose, a qual vale a pena citar. A referência é uma notícia no *Daily News* de Londres. A carta é endereçada a Laurence Binyon:

“Como uma notícia no *Daily News* se refere a mim, isso foi comprometedor simplesmente porque é um jornal radical. Não temos relações familiares com Lal Mohan Ghose, de modo algum, mas seu irmão, que leva o mesmo nome que o meu, é um grande amigo de meu pai. Todos os Ghoses vieram originalmente do Panjab, na divisa afegã. A palavra significa ‘fama’ e eles eram uma tribo de casta guerreira orgulhosa. Mas nossa família tristemente decaiu; a casa ou palácio familiar, um edifício muito nobre, creio que não longe de Calcutá, está muito arruinado. Meu pai quando menino era muito pobre, vivendo quase inteiramente da caridade de amigos; e é somente pela sua quase super-humana perseverança que nós nos recuperamos, até certa medida. Você pode estar certo que eu tentarei tudo que puder para ir a Oxford, mas estou em uma posição tensa. Meu pai quer que eu volte para a Índia e trabalhe como advogado, e me torne um grande homem do mundo como ele mesmo - algo que é muito desagradável à minha natureza. Ele, neste momento, está em dificuldades e, se ele resolver que pode me ajudar na Universidade, deve consentir com minha estadia na Inglaterra e minha tentativa de algum emprego no Serviço Civil, como aquele no Museu Britânico, só para ganhar algum dinheiro ... Mas ele está quase certo de querer que eu tente a Universidade”.

A dificuldade que Mono Mohan relata era comum aos três irmãos. Havia somente uma sutil diferença no caso de Aurobindo porque ele ganhara uma bolsa de estudos da Escola *St. Paul*, em Londres, para o *King's College*, em Cambridge, e também o subsídio para estágio do Serviço Civil Indiano (S.C.I.). Mesmo assim, ele sempre esteve sem dinheiro, particularmente porque costumava ajudar seus dois irmãos sempre que podia.

De Mono Mohan a Laurence Binyon, Hastings, Sussex, 1887:

“Acabei de receber uma carta de meu pai e queria te contar a boa notícia que ele consentiu de boa-vontade em minha estadia na Inglaterra e meu trabalho em literatura, já que é assim de meu interesse. Ele também diz que gostaria que eu fosse a Oxford, mas seus recursos não são suficientes para manter-me lá por muito tempo, mas ele pode ser capaz (ele escreverá logo e me dirá sua decisão) de me manter lá um pouco, como ele diz: “para você ter ainda grandes chances de adquirir gostos literários e fazer amigos entre aqueles que são aspirantes no mesmo campo”, assim ele está tentando o seu melhor para me dar um ano ou dois em Oxford. Quanto a um emprego no Museu Britânico, ele não se importaria, de forma alguma, se eu o conseguisse, embora ele pense

que há objeções a isso. Todavia ele diz: “eu estou de acordo que você deveria ter sua chance e depender de sua própria empreitada no mundo literário. Mas você não deve desistir da bolsa de estudos, no intento de ter um emprego. Você deve passar em sânscrito e deve aprendê-lo. Assim, tentarei o meu melhor para te dar um ano ou dois na Universidade, onde você pode aprender sânscrito e aperfeiçoar seus clássicos, desenvolver habilidade na escrita e fala, definir interesses e fazer amigos. Quando terminar isso, será mais fácil para você não somente obter um emprego no Museu, mas assegurar a rapidez de sua promoção a um emprego mais elevado. Assim, veja que eu não tenho objeções a isso, desde que você possa ter certeza de obter uma promoção gradual. Talvez, se você puder fazer isso e ter uma casa para seu irmão e sua irmã em Londres, eles terão excelentes facilidades para educação”. Citei, nas próprias palavras de meu pai, para que você seja capaz de entender melhor a posição. Talvez você não saiba que tenho uma irmã pequena (ela tem agora cerca de onze anos) e um irmão, de oito anos de idade, no momento, na Índia. O caráter de meu pai deve melhor ser chamado “cuidadoso”. Ele está determinado a lhes dar uma boa educação, no entanto enfrenta dificuldades. Ele deve ser um homem de nervos de aço. Ele não poderia te dizer metade das coisas que sofreu, mas está inclinado a seguir em frente. De fato ele diz: “meu corpo é tão firme quanto minha mente para superar todas as adversidades, as quais eu tenho suportado”. Não posso deixar de me orgulhar com admiração, ao ver esse autossacrifício destemido e perseverança heroica.

Diga-me, o que você pensa dessas perspectivas? Veja que meu objetivo é também agradar a meu pai em um projeto, tentar meu melhor para ter uma casa para minha irmã e meu irmão como ele sugere (depois de ter estado em Oxford), porque sei que a educação deles está mais próxima de seu coração, embora ele não diga muito sobre isso. Ao mesmo tempo, quero me livrar de suas mãos e diminuir seu fardo”.

Essa carta é importante porque traz um acréscimo útil ao material muito escasso disponível acerca da relação entre o Dr. Ghose e seus filhos. Ainda em 1887, a condição financeira era tensa.

Em outra carta a Laurence Binyon, Mono Mohan, que estava sendo pressionado por *Zacharias & Co.*, por um pagamento, refere-se a seu pai: “Estou ficando tão severo quanto meu pai, que é tão estranhamente não sentimental, que estou certo que ele poderia me fazer uma vivissecção, se ele pensasse que isso seria meu maior bem”.

Além das cartas de Mono Mohan, há outras evidências para trazer luz sobre a condição precária, sob a qual todos os três irmãos tiveram, para prosseguir com seus estudos na Inglaterra: uma delas é uma carta escrita a James Cotton por G.W. Prothero, tutor e Professor Sênior⁹ do *King's College*, ao ouvir sobre a rejeição a Sri Aurobindo, feita pelo Serviço Civil Indiano (S.C.I.), pelo fato de ele não ter comparecido ao exame de

⁹ Nota do tradutor: *Senior Fellow*, no original.

equitação. É uma carta valiosa de um homem da Universidade que reivindica os valores da cultura e aprendizado contra a burocracia sem vida de um departamento governamental. Nós a daremos no todo, mais tarde: aqui devemos citar uma parte dela. Prothero diz:

“Suas circunstâncias pecuniárias o impediram de renunciar de sua bolsa de estudos (clássicos), quando ele se tornou um candidato selecionado.

... Ele cumpriu sua parte no trato, no que diz respeito à faculdade, muito honrosamente, e teve uma alta colocação na primeira classe do clássico Tripos¹⁰. Ele também obteve certos prêmios da Faculdade, mostrando competência em inglês e habilidade literária ...

Além disso, o homem não tem apenas habilidade mas caráter. Ele teve um período muito difícil e angustiante, nos últimos dois anos. As provisões monetárias de casa falharam quase inteiramente, e ele teve que cuidar de seus dois irmãos, bem como dele mesmo, e ainda sua coragem e perseverança nunca falharam. Muitas vezes, escrevi a seu pai, em nome dele, mas na maioria das vezes sem sucesso. Só ultimamente é que eu consegui extrair de seu pai o suficiente para pagar alguns comerciantes, que poderiam, de outra forma, colocar seu filho no Tribunal do Condado. Estou muito seguro de que essas dificuldades pecuniárias não são devidas a alguma extravagância da parte do Ghose. Todo seu modo de vida, que é simples e pobre ao extremo, é contra isso ... Posso plenamente acreditar que sua inabilidade para manter seu compromisso em Woolwich foi devido à falta de dinheiro”.

20 de novembro de 1892.

Em uma carta ao Sr. Arthur Macpherson, James S. Cotton escreve:

“Acontece que conheço o Sr. A. A. Ghose e seus dois irmãos, desde os últimos cinco anos, e que tenho sido testemunha da lamentável penúria à qual eles têm sido levados pela falha de seu pai, um Servidor Civil em Bengala, e, creio, um homem muito respeitável, para supri-los com recursos monetários adequados. Em acréscimo, eles têm vivido uma vida isolada, sem qualquer inglês para cuidar deles ou aconselhá-los”.

Embora essas cartas tivessem sido escritas expressamente para influenciar os Comissários do Serviço Civil Indiano (S.C.I.), elas ainda lançam suficientes luzes sobre a pressão econômica embaraçosa, sob a qual os três irmãos viveram por quase oito anos.

¹⁰ Nota do tradutor: no original “classical Tripos”. Trata-se de um curso de graduação, em Cambridge, com duração de três anos. São estudados: grego, latim, literatura clássica, história antiga, arqueologia, arte clássica, linguística e filosofia clássica.

Quando Aurobindo, Mono Mohan e Binoy Bhushan vieram morar em Londres, a velha Sra. Drewett providenciou alojamentos para eles na Avenida *Stephen*, 49, *Shepherd's Bush*, onde permaneceu com eles, durante sua estadia de seis anos, em Londres. Aurobindo morou em três ou quatro diferentes locais. Todos os irmãos permaneceram na Avenida *Stephen*, 49, de setembro de 1884 a julho de 1887. Então, depois de um feriado em Hastings, Aurobindo e Binoy Bhushan se mudaram, em agosto ou setembro de 1887, para quartos no topo do edifício da Rua *Cromwell*, 128, onde estava alocado o escritório do *Clube Liberal de South Kensington*. Parece que ali permaneceram de setembro de 1887 a abril de 1889. De lá, mudaram para alojamentos particulares nos *Kempsford Gardens*, 28, *Earl's Court*. Aurobindo esteve no *King's College*, em Cambridge, de 1890 a outubro de 1892. Depois de outubro de 1892, ele morou na Rua *Burlington*, 6, *Bayswater*, em Londres, até dezembro de 1892. Esse endereço é agora conhecido como *Stephen's Gardens*, 68. Ele partiu para a Índia, no final de dezembro de 1892.



Sri Aurobindo, em sua infância, na Inglaterra

Um episódio relatado por Sri Aurobindo dá-nos a razão de sua mudança da Avenida *Stephen*, 49, para a Rua *Cromwell*, 128. A velha Sra. Drewett era uma piedosa cristã e todo dia costumava ocorrer orações familiares e passagens bíblicas eram lidas. Os três irmãos deviam participar nisso e algumas vezes o irmão mais velho costumava conduzir o serviço. Um dia, na hora da oração, Mono Mohan portou-se de modo insolente e disse que o velho Moisés foi bem servido quando o povo lhe desobedeceu. Isso enraiveceu a velha senhora além da medida e ela disse que não viveria sob o mesmo teto com hereges, já que a casa poderia desabar, e ela foi morar em outro lugar. Sri Aurobindo diz: “Nós nos sentimos aliviados e eu me senti infinitamente agradecido ao Dada¹¹. O filho dela nunca costumava intrometer-se em demasia nesses assuntos, porque era um homem de forte senso comum. Mas estava fora, na Austrália. Naqueles dias, eu não era talentoso sobre dizer a verdade e era um grande covarde. Ninguém poderia ter imaginado que depois eu poderia enfrentar a força ou conduzir um movimento revolucionário. No meu caso, havia toda a imperfeição humana com a qual eu tive de começar, sentir todas as dificuldades antes de incorporar a Divina Consciência”.

O período na Rua *Cromwell*, 128, foi talvez a estadia mais difícil de Aurobindo, na Inglaterra. Foram tão duramente pressionados que Binoy Bhushan teve de aceitar tornar-se um assistente de James S. Cotton, que era Secretário do Clube, por cinco xelins por semana. A ajuda de Cotton para os três irmãos, em suas dificuldades, é uma obrigação inesquecível. Durante esse período, Aurobindo costumava ter um pedaço de bacon com chá e pão, pela manhã, e um pouco de massa ou sanduíches de salsicha, de um centavo, e uma xícara de chá, à noite. Por aproximadamente dois anos, viveu praticamente sem jantar, nessa idade juvenil. Não tinha um sobretudo para protegê-lo do inverno rigoroso de Londres e não havia um sistema de aquecimento no local em que dormia, nem tinha seu próprio quarto.

A descrição desse lugar, feita por uma das cartas de Mono Mohan, sem data, poderia ser interessante: “Escrevo para informar-te meu novo endereço, para onde acabamos de nos mudar, da Avenida *St. Stephen*. Vou te mostrar um dia. É muito diferente do antigo lugar, mas ousa dizer que meus irmãos vão se acostumar lá, em tempo. Certamente, eu (provavelmente) irei a Oxford em um mês. Há uma ferrovia conturbada atrás, mas como os trens se deslocam mais vagarosamente do que eu tenha direito de esperar, então posso aguentar. Há uma sala de leitura lá, um cômodo do Clube onde os membros se reúnem e são ouvidas preleções, e eu não sei o que não ... Esse lugar, você deve se lembrar, é afastado da Rua *Gloucester*, a qual é naturalmente oposta ao *Broad Walk*, nos *Kensington Gardens*”.

¹¹ Isto é, Mono Mohan.

Em algum momento, depois de abril de 1889, Aurobindo mudou-se para alojamentos particulares, nos *Kempsford Gardens*, 28, *Earl's Court*, South Kensington, e permaneceu lá até sua ida a Cambridge.

Em uma carta de 1890, Mono Mohan descreve sua casa:

“Os *Kensington Gardens* voltam-se para o Cemitério *Brompton* e funerais passam por eles, todo dia”.

*

Um vislumbre do interesse literário de Sri Aurobindo dessa época vem daquilo que ele escreveu muito tempo depois:

“*The Revolt of Islam* era meu grande favorito, mesmo quando era muito jovem, e costumava lê-lo repetidas vezes, naturalmente sem compreender tudo. Mas evidentemente ele apelava para alguma parte do meu ser. Não havia outro efeito em sua leitura, com exceção de que eu tivera um pensamento que eu iria dedicar minha vida a mudar semelhante mundo e participar nele”.

Conversas Noturnas, 28 de junho de 1926

Tanto em Manchester quanto em *St. Paul*, Aurobindo dedicou-se ao estudo dos clássicos, mas mesmo em *St. Paul*, nos últimos três anos, ele simplesmente passou por seu curso sem se esforçar nisso e gastou muito de seu tempo em leituras gerais, especialmente poesia inglesa, literatura, ficção, literatura francesa e história da Europa medieval e moderna. Ele gastou algum tempo aprendendo italiano, um tanto de alemão e um pouco de espanhol. Ele podia fazê-lo, porque tinha facilidade em seus estudos. Apesar de que alguns de seus professores costumavam lamentar sua preocupação com leituras gerais, ele foi capaz de ganhar vários prêmios e assegurar uma bolsa de estudos destinada ao *King's College*, em seu exame final em *St. Paul*. Ele manteve consigo, por muitos anos, uma edição ilustrada das *Noites Árabes*, a qual ele mesmo selecionou como um prêmio.

Aurobindo começou a escrever poesia em tenra idade. Mesmo enquanto esteve em Manchester, ele escreveu versos para a *Fox Family Magazine*, “uma terrível imitação”, como costumava denominá-la. Mas em *St. Paul*, entre a idade de dezesseis e dezoito anos, ele começou a escrever poesia inglesa, uma atividade que continuou quando foi a Cambridge, e de fato por toda a sua vida. Seu irmão, Mono Mohan, era um colega de classe de Laurence Binyon e um amigo de Oscar Wilde. Ele também era muito íntimo do poeta galês Stephen Phillips, e ele mesmo era um poeta promissor, tendo escrito versos que foram publicados no *Prima Vera*, uma coleção de Oxford. É provável que, além de seus próprios estudos clássicos e sua inclinação poética, a influência de Mono Mohan tenha estimulado Aurobindo a ler os poetas clássicos. Na idade de dezessete anos, ele

traduziu do grego uma passagem intitulada “Hécuba”. Laurence Binyon, que por acaso a leu, perguntou a Aurobindo por que ele não estava escrevendo mais intensamente poesia. Ocasionalmente ele costumava escrever versos em grego e latim.

Durante aqueles dias, os jogos não constituíam um item importante na vida escolar como são hoje. O futebol e o *cricket* tinham acabado de ser introduzidos. Foi Shepard, um dos mestres, quem popularizou os jogos em *St. Paul*: o Dr. Walker, o Grão-mestre, era meio indiferente aos esportes, no início.

Como já notado, os três irmãos costumavam sair de Londres durante as férias, quando podiam pagar por isso. Em agosto de 1886, foram a Keswick.

Há três cartas de Mono Mohan descrevendo a visita deles a Keswick, que deve ter durado pelo menos três semanas. A primeira carta está datada de 10 de agosto e a última de 23 de agosto. Na última, ele escreve sobre permanecer mais uma semana - o que significa até o final de agosto de 1886.

Aos cuidados da Srta. Scott

Ambleside Road

Keswick

Terça-feira, 10 de agosto de 1886.

“... E Derbyshire, eu posso contar-te de minha própria experiência, é uma das cidades mais agradáveis da Inglaterra, se você for somente para a direita. Permaneci um verão todo em Matlock Bank, e de lá fiz um esplêndido tour a pé. Meu irmão, eu e outro senhor tomamos o trem para Monsel Dale e caminhamos de lá para Castleton-Valley, dormimos em uma pousada muito confortável lá, e na manhã seguinte caminhamos por Kinder Scout e para Mayfield e Chapel-en-le-Frith, de onde tomamos o trem de volta”.

Aos cuidados da Srta. Scott

Ambleside Road

Keswick

Sexta-feira, 13 de agosto de 1886.

“Você viu que mudamos nosso endereço, mas somente umas poucas portas de nosso antigo lugar na Rua *Eskin* - entretanto, estamos pensando em permanecer ali somente até a próxima terça-feira e então partimos para o lado do mar, para *St. Bees*, para onde fomos no último ano; pois tivemos grandes problemas em conseguir alojamentos em Keswick ...”

“Estivemos tendo um tempo muito chuvoso e instável ultimamente - isso é o pior do Lake District - quando o tempo então começa instável, não há previsão quando será de novo agradável. Vi Borrowdale, o Honister Pass, Buttermere, o vale de Newland, e um pouco antes eu e meu irmão mais novo fomos juntos ao lago Thirlmere, com o monte Helvellyn aparecendo em um lado, ao longo de toda a estrada, mas não vimos o lago, que é muito belo - porque, sendo um dia sombrio e enevoadado, começou a chover, quando estávamos a uma milha de distância, e fomos obrigados a retornar.”

Keswick

Segunda-feira, 23 de agosto de 1886

Ambleside Road

Srta. Scott.

“A semana passada toda foi tão ocupada com os passeios que de fato não tive tempo para sentar e escrever até mesmo umas poucas linhas a você. Na sexta-feira, fomos, nós três com um senhor, a Thirlmere, até o meio dele, ao longo do lado oeste, que é arborizado com abetos. Thirlmere é um lago agradável, e maravilhosamente plácido e calmo, situando-se entre o monte Helvellyn, no leste, e uma alta cadeia de colinas, no oeste; e suas margens, ao redor da borda, são belamente arborizadas, as árvores indo a certa distância até os lados do monte. O Helvellyn, nesse dia, estava envolto em uma névoa branca e não podia ser visto claramente. Cruzamos, pelas pontes, o lago ao meio, e retornamos pelo belo vale de St. John e por uma via que contorna o cume Nathdale Fells, chegamos em casa às 18h e tomamos um tremendo chá (nós quatro consumimos dois consideráveis pães).

No sábado, fomos a Watendlath, que é certamente o local mais agradável que ainda vi no Lake District. Foi um belíssimo dia, e a maioria de nós começou às 9h40. Tínhamos duas damas, e naturalmente não muita caminhada poderia ser feita. Elas foram com meu irmão mais velho para um passeio de carruagem pelo vale de Borrowdale para Rosthwaite, e de lá caminharam pela colina, em direção a Watendlath. Meu irmão mais jovem, eu e o mesmo senhor caminhamos ao longo do lago Derwentwater, e de lá até a floresta Borrow, uma subida íngreme para Watendlath. O cenário nessas florestas é bastante alpino (com somente a ausência de neve), havendo uma rocha maciça em um só lugar, densamente arborizado, de alto a baixo subindo mil pés desde o vale Borrowdale.

Lá, em uma lagoa, fiz um esplêndido mergulho, somente a correnteza era muito forte e a água, em algumas partes, era muito profunda, suficiente para me afogar. Nós todos nos encontramos em uma colina acima de Watendlath, tivemos um chá em uma

casa de fazenda e retornamos muito vagorosamente pela floresta Borrow, chegando em casa às 22h.

Hoje ficou muito bom e pretendemos fazer uma caminhada em algum lugar, mas ainda não sei onde.

Não vamos ficar em Keswick muito tempo, provavelmente até o fim desta semana. Estaremos todos sem dinheiro - meu irmão mais velho irá para Londres para estudar para um exame, e nós dois para algum lugar, no litoral, provavelmente não para St. Bees”.

Em uma carta de Keswick, de 10 de agosto de 1886, Mono Mohan escreve sobre o condado de Derbyshire, o que significa que ele deve tê-lo visitado antes de 1886, com toda probabilidade com seus dois irmãos.

Em uma segunda carta (datada de 13 de agosto de 1886), ele escreve: “Estamos pensando em permanecer aqui até a próxima terça-feira e então partir para o litoral, para St. Bees, aonde fomos no ano passado”. Então, em 1885, os três irmãos foram a St. Bees. Na mesma carta, ele se refere a Aurobindo: “E um tanto antes, eu e meu irmão mais novo fomos juntos a Thirlmere”.

A terceira carta (datada de 23 de agosto de 1886) apresenta uma descrição vívida e detalhada de um programa de dois dias que tiveram em Keswick.

“Na sexta-feira, fomos nós três” a Thirlmere; evidentemente uma segunda caminhada para lá. Ele também sugere que “nós dois”, querendo dizer ‘ele mesmo e Aurobindo’, iriam para algum lugar no litoral.

Nas duas cartas de Mono Mohan dadas acima, ele discute a perspectiva de uma visita fora de Londres.

Avenida *St. Stephen*, 49
Julho de 1887.

“Creio que meu irmão já escreveu; mas não seremos capazes de deixar Londres até o fim da próxima semana, com a maior brevidade”.

Avenida *St. Stephen*, 49
28 de julho de 1887.

“Lamento dizer que o lugar que você recomendou em St. Leonard estava cheio; escrevemos a alguém em Hastings ... mas ainda não recebemos uma resposta”.

Quase imediatamente depois dessa carta, eles devem ter recebido a resposta de Hastings, porque os três irmãos foram lá em 2 de agosto de 1887 e permaneceram por quase um mês. Há quatro cartas de Mono Mohan a Binyon, do novo endereço.

Binyon evidentemente foi a Keswick em julho de 1887. Na carta datada de 28 de julho ... há uma referência a isso.

“Sua descrição da caminhada de Grisedale eu apreciei muito. É um dos lugares aonde não fui: mas meus irmãos foram, e eles imediatamente recordaram, quando eu lhes disse, sobre o caminho errado para cima, o qual você descreveu, só que eles desceram por esse caminho em vez de subir ...”

Plynlimmon Terrace, 2

Hastings.

Segunda-feira, 08 de agosto de 1887.

“Chegamos aqui na última terça-feira, tudo em ordem, apenas por um trem lento e terrível ... gosto muito de Hastings - é encantador neste penhasco especialmente onde permanecemos. Mas confesso que o mar é melhor que a terra ... Eu vi Ecclesbourne e Fairlight, que são belas”.

Plynlimmon Terrace, 2

Hastings, 1887.

“Vamos permanecer em Hastings, um pouco mais do que uma semana, a partir de hoje. Gostaria de voltar para casa mais cedo, mas o dinheiro deve vir de meu pai, antes de podermos pagar nosso aluguel aqui. Assim, ficamos um tanto mais”.

É nas duas últimas cartas que Mono Mohan escreve sobre a inabilidade do Dr. K. D. Ghose para mantê-lo longamente em Oxford.

No retorno deles de Hastings, os três irmãos mudaram de seus alojamentos. Uma carta de Mono Mohan menciona esse fato:

Clube Liberal de South Kensington

Rua Cromwell, 128, segunda-feira.

“Escrevo para informar-te meu novo endereço para onde acabamos de nos mudar, da Avenida *St. Stephen*. Vou te mostrá-lo algum dia. É muito diferente do antigo

lugar - mas ousou dizer que meus irmãos vão se acostumar lá, em tempo. Naturalmente, eu (provavelmente) irei para Oxford em um mês” ...¹²

“Esse lugar, você deve se lembrar, é afastado da Rua *Gloucester*, a qual é naturalmente oposta ao *Broad Walk*, nos *Kensington Gardens*”.

Parece, a partir da carta de Mono Mohan do *Christ Church College*, de maio de 1888, que Aurobindo fora a Galway para férias, “meu irmão está provavelmente indo a Galway para suas férias, pelo convite de um amigo que encontramos no clube”.

Durante os últimos dois anos de estudo em *St. Paul*, Aurobindo foi admitido como candidato para o Serviço Civil Indiano (S.C.I.). Ele dedicou-se aos clássicos e a alguns outros temas, mas diferente de outros candidatos ao S.C.I., ele mesmo preparou os temas sem contratar um tutor, porque dificilmente poderia pagar um.

Aurobindo ganhou uma bolsa de estudos destinada aos clássicos em seu exame final, em *St. Paul*, e também passou no teste de seleção para o S.C.I., obtendo o décimo-primeiro lugar, assegurando pontuações muito altas nos clássicos. Deve ser notado que Binoy Bhushan também fez o teste, mas não passou.

A bolsa de estudos de *St. Paul*, em estudos clássicos, fornecia £ 80 por ano, uma soma que não era suficiente para cobrir as despesas em Cambridge, mas foi uma grande ajuda para Aurobindo. Ele também estava tendo um subsídio para o estágio do Serviço Civil Indiano (S.C.I.). Mesmo assim, estava sempre duramente pressionado, porque costumava ajudar ocasionalmente seus irmãos. É evidente que esse duplo trabalho de manter seus estudos clássicos e a preparação para o S.C.I. deve ter sido uma grande tensão sobre ele. O Sr. G. S. Prothero, em sua carta a James Cotton, escreve a respeito dos estudos de Aurobindo:

“Ele cumpriu sua parte no trato, no que diz respeito à faculdade, muito honrosamente, e teve uma alta colocação na primeira classe do clássico *Triplos*, parte um, no final do segundo ano de sua residência. Ele também obteve certos prêmios da Faculdade, mostrando competência em inglês e habilidade literária. O fato de que um homem teria sido capaz de fazer isso (que já é bastante para a maioria dos estudantes de graduação) e, ao mesmo tempo, manter seu trabalho para o Serviço Civil Indiano (S.C.I.), prova uma engenhosidade e capacidade muito incomum. Além de sua bolsa de estudos clássicos, ele possuía um conhecimento de literatura inglesa muito além da

¹² Eles devem ter se mudado para essa casa em setembro de 1887. A carta de Mono Mohan de Oxford prova isso:

Ch - ch (*Christ church*)
Oxford, outubro de 1887

“ Partimos de Paddington, meu irmão e eu, às 10h, penso que foi assim, ...

média dos estudantes de graduação, e escrevia muito melhor em inglês do que a maioria dos jovens ingleses”.

20 de novembro de 1892

Vindo de um dos tutores-seniores do *King's College*, esse não solicitado testemunho da capacidade literária de Aurobindo, como um estudante, é um precioso documento entre o material muito escasso disponível sobre sua vida na Inglaterra.

A mesma carta já foi citada para mostrar como o Sr. Prothero escrevera ao Dr. Ghose, por causa do dinheiro, mas sem muito sucesso. Foi somente quando um comerciante ameaçou mover uma ação legal contra Aurobindo que Prothero “teve sucesso em extrair algum dinheiro dele”. Houve todavia uma seqüela cômica. Depois de enviar o dinheiro, Dr. Ghose escreveu uma carta raivosa a Aurobindo repreendendo-o por ser extravagante! Enquanto relatava isso, Sri Aurobindo costumava rir e dizer: “não havia dinheiro para ser extravagante”.

A despeito do que se apresenta a nós como falta de um senso de dever, da parte do Dr. Ghose, é surpreendente que nem Mono Mohan nem Aurobindo parecem ter tido qualquer amargura contra seu pai. Pelo contrário, toda vez que escreveram ou falaram dele foi com grande admiração e orgulho.

E o Dr. Ghose sabia muito bem que Aurobindo estava fazendo um excelente progresso pelos seus próprios esforços. Em sua carta (publicada em *Orient*, 27 de fevereiro de 1949) para Jogendra Bose, seu cunhado, ele escreve sobre seus filhos:

“Os três filhos que gerei, eu fiz deles gigantes. Não devo, mas você viverá para ser orgulhoso dos três sobrinhos que ornarão seu país e brilharão em seu nome ... Ara¹³, eu espero, ainda vai glorificar seu país com uma brilhante administração. Não viverei para ver isso, mas lembre-se desta carta, se você fizer ... Ele está no *King's College*, em Cambridge, agora conduzido para lá por sua própria habilidade”.

Khulna, datada de 02 de dezembro de 1891

A evidência do Sr. Prothero e de K. D. Ghose é sustentada por uma carta para seu pai, do próprio Aurobindo, na qual a observação do “grande” O. B. (Oscar Browning) é citada.

“Na noite passada, fui convidado a um café com um dos moradores e, em seu quarto, eu encontrei o grande O. B., ou seja, Oscar Browning, que é a marca *par excellence*

¹³ Nota do tradutor. Ara = Arabinda Ackroyd Ghose, ou seja, Sri Aurobindo.

do *King's College*. Ele era extremamente lisonjeiro e passando do tema dos cotilhões¹⁴ para esse da bolsa de estudo, me disse:

‘Eu suponho que você sabe que passou em um exame extraordinariamente difícil. Eu examinei documentos de treze exames e, durante esse tempo, nunca vi tão excelentes documentos como os seus (querendo dizer meus documentos clássicos, no exame da bolsa de estudos)’.

‘Como, sobre seu ensaio, isso foi maravilhoso. Nesse ensaio (uma comparação entre Shakespeare e Milton), eu saciei meus gostos orientais até o topo de suas tendências, que transbordou com uma imaginação rica e tropical, abundou em antíteses e epigramas e exprimiu meus sentimentos verdadeiros sem restrição ou reserva. Pensei comigo mesmo que foi a melhor coisa que até então eu havia feito, mas na escola isso teria sido condenado como extraordinariamente asiático e bombástico’. O grande O. B. depois perguntou-me onde eram meus aposentos e, quando eu respondi, ele disse: ‘Esse buraco miserável!’ (e) então voltando-se para Mahaffy: ‘Como somos rudes com nossos estudantes! Temos grandes preocupações para trazê-los para cá e então os jogamos naquela caixa. Eu suponho que para manter seu orgulho baixo’ ”.

02 de dezembro de 1890

Epigrama grego

μῶρος Ἔρως ἀλάδς θ' · ὁ δ' ὅμως ἄ γ' ἐνὶ φρεσὶ κεῖται
ἡμῶν, ὀφθαλμοὺς ὦν ἀλάδς καθορᾷ.
παῖ, σὺ γὰρ ἡδὺν γελῶν ἰοβόστρυχε καλλιπρόσωπε,
διπτύῳ ἄνδρα καλῶ καὶ σοφὸν ἐξαπατᾷς.
οὐδὲ σοφὸς περ ἀνὴρ σε, δολόπλοκε, φύξιμος οὐδεὶς
καὶ πρότερος πάντων δοῦλος ἔρωτι σοφὸς.

Escrito por Sri Aurobindo, provavelmente como um exercício preparatório aos exames clássicos. Janeiro, 1892.

Louco Amor e cego; que também jaz nos corações
nossos, sendo cego, se dá conta dos olhos.
Ó filho, tu, rindo docemente, cacheado e belo,
numa bela trama, também engana o homem sábio.
Nem o homem sábio, de ti, ó astuto, ninguém escapa.
E primeiro de todos servo sábio do amor.

¹⁴ Nota do tradutor. Cotilhão: antiga dança de salão, de passos complexos, semelhantes aos da quadrilha. Em inglês, no plural, *cotillions*.

Aurobindo passou no exame do Tripos clássico, na primeira divisão, no final de seu segundo ano, em Cambridge. É passando nessa primeira parte que o título de B.A.¹⁵ é normalmente concedido. Mas o título pode ser obtido somente no terceiro ano porque geralmente os estudantes cursam três anos de estudos para sua obtenção. Aurobindo teve somente dois anos à sua disposição e mesmo antes do terceiro ano ele poderia ter obtido o título se tivesse se dedicado a isso, mas ele não se preocupou em obtê-lo.

Em 1891, o líder irlandês Parnell faleceu e Aurobindo escreveu um poema sobre ele, pois tinha um interesse inteligente em todas as questões públicas, naqueles dias, e formou seu próprio julgamento independente e sua opinião a respeito delas.

Foi durante sua estadia em Cambridge que o “Indian Majlis”, uma associação de estudantes indianos, começou. Teve um importante papel na vida social dos estudantes indianos na Inglaterra e muito frequentemente moldava a sua visão política. Aurobindo assumiu uma liderança nele e foi, por algum tempo, seu secretário. Ele advogava a causa da liberdade indiana no “Majlis”, com uma linguagem muito forte, e é muito provável que os relatórios de seus discursos revolucionários pudessem ter chegado aos Comissários do Serviço Civil Indiano (S.C.I.), em Whitehall, e pudessem ter tido algo a ver com a decisão final deles em rejeitá-lo para o S.C.I.

As principais preocupações de Aurobindo em Cambridge foram: 1. Estudos para o Tripos e para o S.C.I. 2. Participação no Majlis indiano e entusiasmo pela independência indiana. 3. Escrita de poesia.

Além de seu Tripos, Aurobindo também ganhou o prêmio pelos jâmbicos gregos e latinos. Ele também passou nos exames finais do Serviço Civil Indiano (S.C.I.), apesar de não parecer ter se ocupado em manter sua alta classificação nele. Deve ter sido por causa de sua inabilidade em obter um tutor, como os candidatos ao S.C.I. normalmente tinham; porém mais provavelmente devido ao seu declinante interesse na carreira do S.C.I., por conta de suas preocupações com a ideia da independência da Índia. De fato, escrever poesia e participar do Majlis indiano foram as duas atividades que lhe interessavam. Estudar e ter sucesso no exame eram uma necessidade. A maioria dos poemas escritos em Cambridge por Aurobindo foram publicados em Baroda, em 1895, em seu livro *Songs to Myrtilla*.

Foi Norman Ferrers, que posteriormente exerceu advocacia no *Straits Settlement*, quem deu a Aurobindo, enquanto estava em Cambridge, a pista para a descoberta do verdadeiro hexâmetro quantitativo em inglês. Ele tinha identificado um verso homérico autêntico de Clough e sua recitação do mesmo deu a Aurobindo o verdadeiro balanço (ou cadência) do metro. Norman Ferrers passou por Calcutá, em seu caminho a Singapura em 1908, quando uma acusação contra Sri Aurobindo (caso da bomba de

¹⁵ Nota do tradutor. B.A. = *Bachelor of Arts*, ou seja, Bacharel em Artes.

Alipore) estava em curso. Ele foi ao Tribunal Superior e estava ansioso por oferecer ajuda a Sri Aurobindo, mas não sabia como fazer isso.

Entre os contemporâneos de Aurobindo em Cambridge, devem ser mencionados Mahaffy Robert Pentland, Hugh Norman Ferrers, Felix Xavier de Souza; K. G. Deshpande, Sir Harishsingh Gaur.

K. G. Deshpande novamente encontrou Sri Aurobindo em Baroda. Lá, Deshpande atuava no Departamento de Receita.

Sendo levados a um país estrangeiro, sem experiência de vida doméstica na Índia ou de vida familiar na Inglaterra, uma vez que eles deixaram os Drewetts em Manchester, deve ter sido um grande desafio para os três irmãos.

Binoy Bhushan, que era generoso por temperamento, parece ter sentido sua responsabilidade intensamente, em particular no início, quando as remessas da Índia se tornaram irregulares. É evidente que Aurobindo teve o mesmo senso de responsabilidade. Mono Mohan, romântico e poeta, enamorado da Inglaterra e da vida inglesa, um pouco propenso ao luxo, sentiu muito fortemente a falta de uma família e o amor paterno. Em sua correspondência, pode-se claramente ver que ele estava tentando ardentemente estender suas mãos a alguém que pudesse melhorar essa perda. Aurobindo, tímido e de temperamento reservado, mas firme em sua vontade e laborioso, não se expressa com a mesma exuberância emocional. Parece-me que as circunstâncias difíceis endureceram sua vontade para encarar a vida com uma resolução inflexível. Vimos antes que Mono Mohan, em uma de suas cartas, exprime seu desejo de ter um lar na Inglaterra, para onde ele poderia trazer sua irmã e seu irmão, para a educação deles. Mas isso nunca veio a acontecer. De fato, Aurobindo teve de sustentar sua irmã, Sarojini, em Bankipore depois de 1893, em seu retorno à Índia, quando se uniu ao Serviço Estatal de Baroda. Ele costumava enviar dinheiro regularmente de Baroda para sua mãe em Rohini. Mais tarde, em 1901, Barin também veio morar com ele.

Mas o que Mono Mohan descreve como sua grande perda, em sua própria infância, deve ter sido sentida com uma perda de todos os três irmãos. Isso se torna claro em sua carta a Binyon.

Christ Church, fevereiro de 1888

“Toda infância e juventude é expansiva. Esse grito humano se estende apaixonadamente em direção às suas jovens ramificações e os calorosos sentimentos são o anseio de vanguarda para doar e ser retribuído; é todo coração, seu cérebro encontra-se subdesenvolvido. É a premeditação sábia da natureza que assim poderia ser, mas no meu caso o Destino interveio e anulou seus decretos, o que para outros é a parte brilhante de suas vidas, seu céu e refúgio, foi para mim arruinado amargamente

e sem esperança. Você não me entenderá até eu contar uma circunstância de minha vida, a qual é triste e dolorosa para eu revelar e para você ouvir. Minha mãe é doente. Julgue o horror disso, como eu me esforço para arrebatrar um terrível amor mas somente tenho sucesso com ódio e repulsa, e no final em congelar-me. Clamando por um pão, me é dada uma pedra. Meu pai era gentil, mas severo, e eu nunca o via. Então, desde a infância, estou propenso a acessos de melancolia e desânimo, que cresceram com minha idade ... Somente relato isso, porque não posso de outra forma explicar a peculiar melancolia que agora, em parte, envolve meu caráter. Também, eu creio que há algo repulsivo em mim. Ninguém nunca gostou de mim, você é o único que me estima. Como menino, eu frequentemente percebia com ciúmes que meus irmãos eram sempre preferidos a mim”.

A citação produz uma leitura triste, mas serve para pôr em relevo uma parte do fundo psicológico dos três irmãos. Isso também explica muito das irregularidades da vida do Dr. Ghose, incluindo sua inabilidade para enviar dinheiro aos seus filhos na Inglaterra.

Ele devia manter uma casa onde trabalhava e outra para sua esposa doente em Rohini, o jovem Barin e Sarojini deviam ser enviados à escola. Adicione a isso o seu temperamento generoso e pode-se entender porque ele foi incapaz de atender as reivindicações financeiras na educação de seus filhos.

Aurobindo deixou Cambridge em outubro de 1892 e permaneceu em Londres (Rua *Burlington*, 6) até o final de dezembro, quando embarcou para a Índia. Ele passou no seu Tripos, parte I, e também no exame do Serviço Civil Indiano (S.C.I.). Mas ele quis engendrar sua não seleção para S.C.I., como nos disse depois em Pondicherry, e então ausentou-se do exame de equitação.

Ele disse, em uma de suas comunicações, que não se sentiu chamado para o S.C.I. e procurou algum caminho para tornar-se desqualificado, sem que ele mesmo rejeitasse o serviço, o qual seu pai e seus irmãos não teriam permitido que ele fizesse.

O Teste de Equitação para o Exame do S.C.I. de Sri Aurobindo

Esta correspondência, relacionada ao Exame de Equitação de Sri Aurobindo, no tempo da seleção do S.C.I., está sendo publicada aqui pela primeira vez. Estou em dívida com a *India Office Library*, em Londres, e particularmente com o Sr. S. C. Sutton, o bibliotecário, pela gentileza e pronta ajuda que deu em providenciar esse material.

Notas sobre a Correspondência

I

Carta datada de 24 de agosto de 1892

(Do Sr. Lockhart, Secretário dos Comissários do Serviço Civil, para o Subsecretário de Estado, Escritório da Índia)

Reporta que “Os Srs. MacIver e A. A. Ghose devem ainda atender aos Comissários quanto à elegibilidade deles no quesito saúde, e o último senhor deve ainda passar na Equitação”.

II

Carta datada de 4 de novembro de 1892

(Do Sr. E. A. Collier, Secretário-Sênior da Comissão do Serviço Civil, ao Sr. Trevor, Secretário-Assistente, Departamento Público e Judicial, Escritório da Índia)

Uma nota particular informa que Aurobindo “passou em seu exame médico e aguardamos ouvir o resultado de seu exame de equitação em breve”.

Então, até 4 de novembro, não havia indício de que ele seria reprovado.

III

Carta datada de 14 de novembro de 1892

(Do Sr. E. A. Collier ao Sr. Trevor)

“O Sr. Ghose nos deu uma boa quantidade de problemas e há alguns pontos, em seu caso, sobre os quais eu devo perguntar ao meu colega Howlett, que agora está ausente, mas amanhã estará aqui”.

Então, entre 04 e 14 de novembro, ocorreu algo que fez o Sr. Collier mudar sua opinião. É também evidente que o Sr. Trevor estava tentando para que Aurobindo fosse selecionado.

IV

Memorando datado de 16 de novembro de 1892

(Do Examinador-Sênior, Comissão do Serviço Civil, com relação ao caso do Sr. Aravinda A. Ghose)

a) Ordenado para ser examinado em 09 de agosto.

Não atendido. Enviado um certificado médico em 11 de agosto.

b) Em 15 de agosto, perguntado quando ele poderia estar pronto para ser examinado.

Não respondido.

Questão repetida em 30 de agosto.

Questão repetida pela terceira vez, em 17 de outubro.

c) Resposta datada de 18 de outubro - afirmando que ele preferia 25 ou 26 de outubro. “O Coronel Brough determinou 26 de outubro às 12h30”. “O Ghose se dispôs, em uma carta de 22 de outubro, a comparecer naquela hora”.

d) “Em 26 de outubro, o Coronel Brough escreveu para dizer que o candidato não compareceu. Uma mensagem foi enviada ao Ghose (mesmo endereço) e pedia para retornar com uma resposta. A resposta foi que o Ghose não tinha recebido a carta que lhe fazia consulta”.

e) Determinado a comparecer aqui pessoalmente na segunda-feira, 31 de outubro. “Eu lhe dei uma carta pedindo-lhe para apresentar a carta pessoalmente”.

Em 05 de novembro, o Coronel Brough escreveu dizendo: “Ghose nunca compareceu”. Brough acrescentou - “ele preferiria não examinar o Ghose”.

f) O Coronel Brough, entretanto, concordou em examiná-lo “se alguém deste escritório estiver presente” (09 de novembro).

Ghose ordenado para comparecer aqui ao meio-dia, no dia 10. Ele veio 10 minutos para as 13h.

“Então eu mostrei ao Ghose a última carta do Coronel Brough, definindo o dia 15 de novembro para o Exame e designando o trem das 2h22 de *Charing Cross*. Eu disse a ele para me encontrar às 2h15 na plataforma, em *Charing Cross*”.

“Eu fui lá ontem (15 de novembro) - mas o Ghose não compareceu. Fui a *Woolwich* - ele não estava lá”.

“Enquanto estava esperando em *Charing Cross*, enviei uma mensagem ao Sr. Bonar pedindo que ele enviasse uma mensagem para a casa dele para inquirir. A mensagem informou que o Ghose estava fora e não era esperado até as 6h da tarde”.

Está claro que ele poderia ter aparecido em (1) 9 de agosto, (2) 26 de outubro, (3) 5 de novembro, (4) 15 de novembro. Que isso ele não fez então é um fato, e conclusivamente prova que ele não queria comparecer para o Teste de Equitação.

A questão deve ser respondida: “Por que ele não queria comparecer, especialmente quando já tinha passado no Exame, em escrita?”

Há várias possíveis respostas: ele nos disse, em suas *Conversas Noturnas*, durante seus primeiros anos em Pondicherry, que não queria se unir ao Serviço Civil Indiano (S.C.I.) e ainda não gostaria de falar com seu pai sobre isso. Assim, ele articulou para ser reprovado¹⁶.

Naturalmente, ele estava precisando muito de dinheiro e fez o curso do S.C.I., sem um tutor. Ele não podia arcar com as despesas de frequentes lições de equitação.

Seu apoio à liberdade política da Índia, no Majlis em Cambridge, não era uma eloquência imatura de um inexperiente aluno de graduação. Era algo que veio de uma profunda convicção de sua alma. Que isso era assim é amplamente mostrado pelo fato de seu mergulho na política indiana, imediatamente ao seu retorno à Índia. Ele escreveu a famosa série de artigos “New Lamps for Old”, no *Induprakash*, em 1893.

Que a rejeição final da oferta do Sr. Cotton (veja VIII) e do seu próprio memorial (veja XI) foi influenciada pelo “obiter dictum”¹⁷ do Lord Kimberly (veja XIX), cuja opinião deve ter sido formada pelos relatos que recebeu, a partir do Majlis de Cambridge, nos quais um futuro servidor civil estaria representado como alguém que faz ventilar pontos de vista revolucionários sobre a liberdade da Índia, isso parece muito evidente.

V

Carta datada de 17 de novembro de 1892

(Da Comissão do Serviço Civil ao Subsecretário de Estado, Escritório da Índia)

Esta carta transmite ao Secretário de Estado a rejeição dos Comissários do Serviço Civil a Sri Aurobindo. Ela diz: “Apesar de muitas oportunidades terem sido

¹⁶ Sri Aurobindo tinha estabelecido consigo mesmo muito explicitamente a razão para o seu não comparecimento ao Teste de Equitação, na seguinte nota, dada por ele enquanto lia o manuscrito de um de seus biógrafos, submetido a ele para verificação e aprovação, uns poucos anos antes de seu falecimento em 1950: “Nada o detinha em seu quarto. Ele não se sentiu chamado para o S.C.I. e estava buscando algum modo para escapar da submissão. Por meio de certas manobras, ele articulou ser desqualificado para equitação, sem que ele mesmo rejeitasse o Serviço, que sua família não teria permitido que ele fizesse”. *Sri Aurobindo On Himself and On The Mother*, p. 12.

¹⁷ Nota do tradutor. *Obiter dictum*, em latim, “de passagem, dito”. Refere-se a comentários apresentados retoricamente, sem acréscimo ao raciocínio jurídico em desenvolvimento.

oferecidas ao Sr. A. A. Ghose para cumprir o Exame de Equitação ... ele repetidamente falhava no cumprimento do horário indicado.” Portanto, eles são “incapazes de certificar que ele esteja qualificado para ser indicado ao Serviço Civil da Índia”.

VI

Minuta datada de 18 de novembro de 1892

(Esta é uma minuta sobre a carta dos Comissários do Serviço Civil, preparada no escritório do Secretário de Estado para circulação, “para informação” ao Subsecretário, ao Secretário de Estado e ao Comitê.)

Desta extraímos o seguinte: “O Sr. Ghose obteve o décimo-primeiro lugar na competição aberta de 1890, foi o Nº 23 no Primeiro Exame Periódico, Nº 19 no Segundo Periódico e Nº 37 no final, em agosto último”.

VIII e IX

Carta datada de 19 de novembro de 1892

(Do Sr. James S. Cotton ao Sr. Arthur Macpherson, Secretário, Departamento Público e Judicial, Escritório da Índia)

Carta datada de 20 de novembro de 1892

(Do Sr. G. W. Prothero ao Sr. J. S. Cotton e enviada por este aos Comissários do Serviço Civil.)

Quando a rejeição pareceu conclusiva, dois ingleses - Sr. Cotton e Sr. Prothero - abraçaram a causa de Aurobindo. O leitor encontrará a implacabilidade da burocracia, aliviada pelo sabor da simpatia e do caloroso apoio desses dois homens que representaram a verdadeira cultura da Inglaterra.

O Sr. James S. Cotton do Clube Liberal de Kensington era um dos editores da “Academy”. Ele nasceu na Índia, em Connor, e era irmão do Sr. Henry Cotton, Serviço Civil Indiano (S.C.I.), o qual teve uma proeminente participação no estabelecimento do Congresso Nacional Indiano, naqueles primeiros dias.

O Sr. G. M. Prothero era Tutor-Sênior em Cambridge. Cedo tornou-se “Sir” e era um proeminente historiador. Esse testemunho vindo, como foi não solicitado, de um homem da Universidade, joga uma luz única sobre Sri Aurobindo como estudante em Cambridge. O tributo pago pelo Sr. Prothero a Sri Aurobindo, não apenas como um intelectual, mas como um homem de caráter, é altamente significativo.

Essas cartas não requerem comentário porque falam por si mesmas.

XI

Carta datada de 21 de novembro de 1892

(Esse é um Memorial de Sri Aurobindo ao Conde de Kimberley, Secretário de Estado da Índia)

É evidente que Sri Aurobindo o escreveu de má-vontade por causa da persuasão de seu irmão mais velho, Binoy Bhushan, e da pressão moral do Sr. James S. Cotton. O Sr. Cotton escreve em sua carta: “Eu então o instruí a apresentar uma petição sem demora ao Lorde Kimberley”.

Nesse memorial, há uma nota autobiográfica de profunda comoção, relacionada à sua condição financeira, durante aqueles anos.

“Fui enviado à Inglaterra quando tinha sete anos de idade com meus dois irmãos e, nos últimos oito anos, nós temos nos virado com nossos próprios recursos, sem qualquer amigo inglês para nos ajudar ou aconselhar. Nosso pai, Dr. Ghose de Khulna, tem sido incapaz de prover cada um dos três com o suficiente para as necessidades mais básicas e estamos há muito em uma situação embaraçosa”.

Isso é uma prova de que Sri Aurobindo bebeu profundamente do cálice amargo da pobreza desde a sua infância.¹⁸

¹⁸ “Mas que estranhas ideias de novo! Que eu nasci com um temperamento Supramental e que eu nada conheci de realidades difíceis! Bom Deus! Minha vida toda tem sido uma luta com realidades difíceis - desde privações, fome na Inglaterra, perigos constantes e cruéis dificuldades, até as maiores dificuldades constantemente brotando aqui em Pondicherry, externas e internas. Minha vida tem sido uma batalha; o fato de que eu a empreendo agora, a partir de um quarto no andar superior e por meios espirituais, bem como por outros que são externos, não faz diferença para o seu caráter”.

Dois outras interessantes citações de Sri Aurobindo, relacionadas a sua estadia na Inglaterra, devem ser adicionadas aqui:

“Eu suponho que eu mesmo tenha tido então uma educação mais completamente europeia que você, e tenha tido também meu tempo de negação agnóstica, mas a partir do momento em que olhei para essas coisas, eu jamais poderia ter uma atitude de dúvida e de descrença, a qual estava por um longo tempo em moda na Europa”.

“Eu mesmo nunca fui um esportista - fora ter um interesse de espectador em *cricket* na Inglaterra ou como um membro não-jogador do Clube de Baroda - nem participei de nenhum jogo físico ou atlético, com exceção de alguns exercícios aprendidos com os lutadores de Madras, em Baroda, tal como o *Dand* e o *Baithak*, e esses eu tomei somente para pôr um pouco de força e vigor em um corpo frágil e fraco, embora não sem saúde”.

XII - XIII - XIV

Minuta datada de 21, 25 e 26 de novembro de 1892

(Esta é uma minuta do escritório do Secretário de Estado sobre a carta do Sr. A. A. Ghose)

Baseado nesta Minuta, uma resposta aos Comissários do Serviço Civil foi rascunhada em 25 de novembro de 1892, com correções, alterações e acréscimos, passando o memorial de Sri Aurobindo aos Comissários do Serviço Civil. Ela transfere a responsabilidade do Secretário de Estado da Índia ao Comissário do Serviço Civil.

Um rascunho da resposta enviada a Sri Aurobindo, em 26 de novembro, também acompanha esta Minuta.

XV

Minuta datada de 25 de novembro de 1892

(Esta é uma minuta sobre uma carta dos Comissários do Serviço Civil preparada no escritório do Secretário de Estado da Índia)

Ela contém os pontos de vista dos membros do Comitê do Secretário de Estado da Índia.

XVI

Carta datada de 29 de novembro de 1892

(Da Comissão do Serviço Civil ao Subsecretário de Estado, Escritório da Índia)

Esta comunica ao Secretário de Estado a rejeição final, feita pela Comissão do Serviço Civil, do memorial enviado por Aurobindo, em 21 de novembro, e retorna o memorial ao Secretário de Estado.

XVII-XVIII

Minutas datadas de 30 de novembro e 01 de dezembro de 1892

(Minutas do Sr. G. W. Russell, Subsecretário Parlamentar do Estado da Índia, e do Lorde Kimberley)

O Secretário de Estado transferiu a responsabilidade de decidir o caso de Aurobindo para a Comissão do Serviço Civil. A nota pelo Sr. Russell, datada de 01 de dezembro de 1892, recomenda o caso de Aurobindo para reconsideração. Ele diz: “Eu gostaria que o candidato tivesse uma nova chance de qualificação. Os Comissários não estão muito enfáticos contra isso. Eles somente dizem que eles mesmos não estão dispostos a concedê-lo. Eles poderiam estar perfeitamente dispostos a concedê-lo, a partir de uma indicação sua”. O Sr. Russell não poderia ter pressionado o caso de Aurobindo ao Lorde Kimberley, em um modo mais enfático. Ele diz: “O candidato me parece notadamente um homem merecedor e eu posso bem acreditar que a pobreza foi a causa de sua falha no comparecimento”.

Mas a mente do Lorde Kimberley já estava formada. Ele diz: “Lamento que eu não possa tomar um ponto de vista compassivo como o Sr. Russell sugere do caso”. E ele então se afasta de seu caminho para acrescentar um “*obiter dictum*”: “Eu devo entretanto acrescentar, como um *obiter dictum*, que eu duvidaria muito, que o Sr. Ghose seria uma adição desejável ao Serviço”.

Lorde Kimberley parece ter sido particularmente irritado pela carta, com as palavras fortes do Sr. Prothero.

É também evidente que a alegação do Sr. Russell deve ter sido o resultado da forte influência do Sr. James Cotton.

XIX

Carta datada de 02 de dezembro de 1892

(Do Secretário do Escritório do Estado ao Sr. A. A. Ghose)

Essa é a rejeição final, pelo Secretário de Estado da Índia.

Deve ser acrescentado que havia casos em que os candidatos, que não passavam no Exame de Equitação, eram nomeados ao S.C.I., na Índia, e passavam em seus Exames de Equitação enquanto serviam na Índia. Essa solução estava disponível aos Comissários do Serviço Civil e ao Secretário de Estado da Índia.

XXII

Carta datada de 12 de dezembro de 1892

(Este é outro memorial de Sri Aurobindo ao Secretário de Estado)

Pergunta-se pelo pagamento de £150 que deveria ser pago a ele, como sendo um estagiário do S.C.I.

Evidentemente, James S. Cotton e Binoy Bhushan pressionaram-no a fazer esse pedido. Ainda que fosse, de fato, uma reivindicação legítima, ele mesmo não estava inclinado a fazer tal petição.

XXIII

Minuta datada de 12 de dezembro de 1892

(Esta é a minuta sobre a carta do Sr. A. A. Ghose, preparada no escritório do Secretário de Estado)

O memorial circulou e a opinião foi a favor do pagamento de £150.

Aqui está a primeira menção do Serviço em Baroda:

(“Nota: O Sr. J. S. Cotton me informa que tem motivos para esperar que o Sr. Ghose obterá imediatamente uma indicação ao Serviço para o Gaekwar¹⁹ de Baroda”)

A minuta estabelece:

“Como este é o primeiro caso de um candidato rejeitado, depois de passar em seu exame periódico e final, por causa de falha ao passar no Exame de Equitação, aceitou-se que o valor de £150 seja pago ao Sr. A. A. Ghose, pelo motivo de que aos candidatos que nos anos passados perderam suas convocações por não se qualificarem em passar no exame médico, a eles tem sido permitido receber as somas devidas ao passarem no Exame Final”.

O pagamento foi autorizado e pago em 22 de dezembro de 1892.

É interessante saber como os irmãos receberam a decisão dos Comissários do S.C.I. e do Secretário de Estado, com relação ao memorial de Sri Aurobindo, que foi instado a escrever por James S. Cotton e Binoy Bhushan. Sri Aurobindo depois contou que estava passeando pelas ruas de Londres, quando soube que deveria ter ido a

¹⁹ Nota do tradutor. Sayajirao Gaekwad III (1863–1939) foi o Marajá do Estado de Baroda, de 1875 a 1939. Segundo o dicionário Collins, em inglês britânico, o termo *Gaekwar* provém da língua marata *Gaekvād*, literalmente: Guardião das Vacas, do sânscrito *gauh* vaca + *-vad* guardião. Na tradução, mantivemos a oscilação do original: ora Gaekwar, ora Gaekwad.

Woolwich. Quando chegou em casa, mais tarde à noite, ele disse a Binoy “estou fora”, com um sorriso quase zombeteiro. Binoy tomou isso mais filosoficamente e convidou-o a jogar cartas. Depois de algum tempo, Mono Mohan entrou e, informando-se de sua rejeição do S.C.I., soltou um grito como se os céus tivessem caído. Depois disso, todos os três sentaram-se para fumar e começaram a jogar cartas.

A questão da carreira de Aurobindo deve ter sido resolvida depois da rejeição do S.C.I. De fato, James S. Cotton já tinha começado negociações com o Gaekwad de Baroda, Sr. Sayaji Rao, que então estava em Londres. Há uma referência sobre isso na correspondência com o Escritório da Índia (veja a Minuta XXIII).

Então, no final de dezembro de 1892, tudo parecia estar definido, e Aurobindo embarcou no ‘*Carthage*’ para entrar para o serviço do Estado de Baroda. O salário miserável que lhe foi definido não foi proposto à Sua Alteza por Aurobindo. Ele não tinha experiência de vida mundana e então deixou as negociações para outras pessoas. Foi pelo conselho delas que ele aceitou a oferta. Sua Alteza ficou muito satisfeita por ter um homem do S.C.I. por 200 rupias por mês!

Ele chegou à Índia, em fevereiro de 1893.

Havia uma consequência que era cômica para Sri Aurobindo, quando ele a contava. Um certo alfaiate em Cambridge não deveria ser privado do que ele acreditava ser suas dívidas, - nesse caso £4 -, mesmo quando Sri Aurobindo tinha deixado a Inglaterra e entrado para o serviço do Estado de Baroda. Sri Aurobindo disse que ele nunca sentiu que estava obrigado a pagar a soma, primeiro porque Mono Mohan costumava comprar coisas caras e deixar as contas sem pagar, e, segundo, porque ele sabia que o alfaiate sempre cobrava em dobro, já que Aurobindo tinha de tomar crédito pela falta de dinheiro vivo. Ele sabia que o alfaiate já tinha mais do que o devido. O alfaiate escreveu ao Governo de Bengala e até mesmo ao Estado de Baroda e, quando Aurobindo explicou a situação, Sua Alteza o persuadiu a pagar e o dinheiro foi enviado.

A relação entre os três irmãos, durante a estadia deles na Inglaterra, é um capítulo obscuro de suas vidas. Não há um indício autêntico sobre isso, com exceção das cartas escritas por Mono Mohan a Laurence Binyon. Surge dessas cartas que Mono Mohan sentia-se um pouco fora de sintonia com os outros dois - ele foi para diferentes alojamentos, quando foram para a Rua *Cromwell*, 128, o escritório do Clube Liberal de Kensington.

Em uma carta datada de 20 de abril de 1887, ele escreve a Binyon sobre seus esforços poéticos:

“Você é o único que me dá algum encorajamento para escrever ... Meu irmãos são muito apáticos a respeito deles”. E ainda a preocupação de Mono Mohan com poesia deve ter estimulado Aurobindo, que tinha em si mesmo o incipiente poeta que tentava surgir por conta própria.

Em outra carta de Hastings, datada de 1887, ele evidentemente se refere a Aurobindo quando escreve: “você não tem sido o único a pensar que alguns de meus versos têm uma similaridade com os de Mathew Arnold. Meu irmão, uma vez, me fez notar que, segundo ele pensa, eu imito Mathew Arnold, em muitos de meus poemas. Você vai acreditar em mim quando digo, se eu o imitei, foi perfeitamente inconsciente”.

Em 08 de janeiro de 1890, ele dá um informe de sua enfermidade em uma carta e descreve sua condição miserável. Há uma referência a seu irmão - evidentemente a Binoy Bhushan porque Aurobindo deve ter ido a Cambridge nessa época - dela é certo também que Mono Mohan deve ter se instalado em um alojamento separado: “Por fim, para minha alegria, meu irmão veio me ver, que como você sabe é uma pessoa muito prática, com uma mente comercial, uma pessoa que olha para tudo a partir de um ponto de vista de negócios. E ele começou reconfortando-me muito alegremente com a reflexão de que todo corpo deve morrer um dia, notando como próximo do cemitério estava (*Kempsford Gardens*, eu devo ter-lhe dito, de frente ao Cemitério *Brompton* e funerais passam todo dia) e esperando que os agentes funerários não iriam cobrar muito caro, porque tinham quase chegado ao fim de sua última remessa”.

Talvez Binoy não pudesse, dada à carência econômica em Londres, ser algo mais do que uma pessoa prática, e especialmente quando as remessas chegavam ao fim, e ele teve de aprender, necessariamente, a olhar para tudo de um ponto de vista de negócios.

Em uma carta de 13 de julho de 1890, ele de novo escreve a Binyon: “Pretendo fazer alguns trabalhos de tutoria e escrita, enquanto tiver o suficiente para viver, com uma pequena ajuda de meu irmão”. Deste modo, Binoy estava oferecendo ajuda a Mono Mohan, na medida do possível das remessas. Mono Mohan também pediu a Binyon uma cópia do *Prima Vera* para seu irmão. Essa, muito provavelmente, era para Sri Aurobindo.

Da correspondência de Mono Mohan, mostra-se claramente esse seu temperamento romântico, a exuberância exterior de sua natureza poética e sua grande atração pela Inglaterra, fazendo dela não somente seu país adotivo, por um tempo, mas um país que ele amava para se estabelecer permanentemente. No caso de Aurobindo, vemos que ele não lamentou ao deixar a Inglaterra. Ele estabeleceu poucas amizades lá e nenhuma muito íntima. Ele não achou agradável sua atmosfera mental. Alguém se referiu ao seu poema “Envoi” e estabeleceu que ele mostrava sua ligação com a Inglaterra. Sri Aurobindo replicou: “Havia uma atração ao pensamento inglês e à literatura, mas não à Inglaterra, lá eu não tinha laços e não fiz da Inglaterra meu país adotivo, como Mono Mohan fez por um tempo”.

A política de Mono Mohan, podemos ver em suas cartas, respira um alto patriotismo, mas no final ele desiste e escreve:

Hastings, 08 de agosto de 1887.

“Quanto a mim vou jogar a política no mar e não tenho mais nada a ver com ela ... Devo deixar meu triste país com suas próprias desgraças, ele achará o caminho a que se destina, qualquer que deva ser, e de fato eu poderia ajudá-lo um pouquinho. Vou me enterrar na poesia, simples e exclusivamente”.

Ele fez assim. Mas há nisso um notável contraste com Aurobindo, com a potente defesa da independência da Índia e sua atitude revolucionária, mesmo quando estava em Cambridge. De fato, ele mesmo responde à questão de como e quando ele se interessou pela política indiana:

“Seu pai começou enviando-lhe o jornal *The Bengalee* com passagens marcadas, relatando casos de maus-tratos de indianos pelos ingleses e escreveu em suas cartas denunciando o Governo Britânico na Índia como um governo impiedoso. Na idade de onze anos, Aurobindo já recebera uma forte impressão de que um período de revolta geral e de grandes mudanças revolucionárias estava chegando ao mundo e ele mesmo estava destinado a tomar parte nisso. Sua atenção estava agora atraída para a Índia e seu sentimento foi logo canalizado para a ideia de liberação de seu próprio país. Mas a “firme decisão” tomou forma completa somente no final de outros quatro anos. Isso já tinha ocorrido quando ele foi a Cambridge e, como um membro e por um tempo secretário do Indian Majlis em Cambridge, elaborou muitos discursos revolucionários os quais, como ele depois ensinou, tiveram sua parte na decisão das autoridades ao excluí-lo do Serviço Civil Indiano; a reprovação no teste de equitação foi somente a ocasião, porque, em alguns outros casos, a oportunidade era dada para remediar essa falha na própria Índia”.

Sri Aurobindo on Himself, p. 13.

Que a decisão para libertar o país foi tomada por ele é mostrada pela sua adesão à sociedade “Lotus and Dagger”, antes de sua partida para a Índia. Era uma “Sociedade Secreta na qual cada membro jurava trabalhar pela libertação da Índia em geral e assumir um trabalho especial em prol desse objetivo”. Ele se tornou um membro junto com seus irmãos. Mas a Sociedade era “natimorta”. Isso ocorreu imediatamente antes de seu retorno à Índia, quando ele finalmente deixou Cambridge - isto é, entre outubro e dezembro de 1892. Os sete artigos que escreveu sobre a independência da Índia no *Induprakash* - “New Lamps for Old” - imediatamente ao seu retorno à Índia, artigos que advogavam um novo ideal, uma nova abordagem e um novo método a ser adotado pelo Congresso Nacional Indiano, são um sinal a mais de que seu interesse pela liberdade da Índia não era meramente acadêmico, mas dinâmico: havia uma intensa chama que tocava muitos corações indianos e os fazia incendiar.

Algumas pessoas supõem que Aurobindo tivesse estudado a filosofia grega quando esteve na Inglaterra. Não é verdade. Ele leu a “República” e o “Simpósio” de Platão, mas não estudou a filosofia grega. Ouviu falar de Heráclito, enquanto esteve na Inglaterra, mas leu sua obra depois de voltar à Índia. Ele não leu os filósofos alemães.

O fato é que sua filosofia se desenvolveu depois da prática do Yoga. Os pensamentos costumavam descer sobre ele como um resultado do *Sadhana*²⁰. Se algo pudesse ser dito para tê-lo ajudado nessa direção, isso seria a leitura do Gita e dos Upanishads, e as ideias básicas do Vedanta com as quais era familiar.

Aurobindo começou o estudo de bengalês enquanto estava em Cambridge. O professor de bengalês era então o Sr. Towers. Aurobindo costumava dizer que ele²¹ era chamado de “Pandit Towers”. Seu conhecimento de bengalês era limitado às obras de Ishwar Chandra Vidyasagar e aos primeiros escritores da prosa sanscritizada. Ele conhecia Bodhodaya e outras obras similares. Uma vez Aurobindo citou uma passagem de Bankim Chandra para ele. Depois de lê-la atentamente, “Pandit Towers” virou e disse: “Mas isso não é bengalês!”

No Majlis, costumava haver espaço suficiente para o humor. A questão da independência de nações subjugadas estava sendo discutida. Um estudante de graduação falou eloquentemente e, citando o exemplo do Egito, repetiu duas ou três vezes durante sua fala: “Os egípcios se levantaram como um homem”; quando ele disse isso pela terceira vez, alguém da audiência perguntou: “Mas quantas vezes eles se sentaram?”

Uma anedota divertida era lembrada por Sri Aurobindo a respeito de sua vida em Cambridge: “Bem, um estudante do Punjabi, em Cambridge, uma vez tirou nosso fôlego pela franqueza e abrangente profundidade de sua afirmação: “Somos todos mentirosos”. Ele quis dizer “Advogados”²², mas sua pronúncia deu ao seu comentário uma força profunda de observação filosófica e generalização, que ele não tinha pretendido. Mas parece-me a última palavra sobre a natureza humana”.

Sobre a estadia de Sri Aurobindo na Inglaterra, não há mais informação disponível além do que aqui foi mencionado. Não é provável que alguém descubra mais, exceto a partir daquelas poucas pessoas que ainda estão vivas e eram seus contemporâneos, ou no *St. Paul* ou no *King’s College*. Entretanto, é satisfatório que o testemunho de três homens diferentes - Dr. K. D. Ghose, G. W. Prothero e Oscar Browning - esteja disponível, não somente a respeito de sua brilhante carreira

²⁰ *Sadhana*: prática espiritual.

²¹ No catálogo de John Venn, *Alumni Cantabrigenses*, Parte II, Vol. VI, p. 214: Towers, Robert Mason, *Master of Arts*, 1889, incorporado a partir de Dublin, Serviço Civil Indiano, Professor Universitário de Bengalês, 1888-1907. Admitido em Gains, 1889. Filho do Reverendo Robert Towers, falecido, de Affane, Co., Waterford. Nascido em 27 de junho de 1840, em Grange, County Tipperary. Escola, *Kilkeny*. (M. A. do *Trinity College*, Dublin), morto pelas suas próprias mãos, em 06 de abril de 1907, em Cambridge.

²² Nota do tradutor. Liars [*lai·urz*]: mentirosos; Lawyers [*loy·urz*] : advogados.

acadêmica, mas sobre seu caráter mesmo como estudante. É muito provável que o Dr. F. W. Walker deva ter sido impressionado profundamente por Aurobindo, durante sua carreira no *St. Paul*. A natureza extremamente simpática do Dr. Walker não teria deixado escapar Aurobindo, mesmo em sua jovem idade.

De fato, Sri Aurobindo recordava uma ou duas mudanças internas que lhe ocorreram, enquanto estava na Inglaterra. Na idade de treze anos, tornou-se consciente de que era egoísta e sentia, a partir de seu interior, que deveria desistir do egoísmo. Ele tentou realizar essa ideia em seu próprio caminho na vida.

Em outra ocasião, enquanto lia as traduções de Max Muller, nos *The Sacred Books of the East Series*, ele teve a ideia do “Si mesmo” ou Atman. Isso o atingiu como alguma realidade e ele decidiu, em sua mente, que o Vedanta tem algo a ser realizado na vida.

King's College,
Cambridge.

20 de novembro de 1892.

Estimado Sr.,

Lamento muito ouvir o que me informa do Ghose, que ele foi rejeitado em seu exame final do Serviço Civil Indiano (S.C.I.), pela reprovação na equitação. Sua conduta nesses dois anos aqui foi muito exemplar. Ele tinha uma bolsa de estudo da fundação, que obteve (antes de passar no primeiro exame do S.C.I.), em uma competição aberta, nos clássicos. Suas circunstâncias econômicas o impediram de renunciar a ela, quando ele se tornou um candidato selecionado, e os regulamentos da bolsa de estudo obrigaram-no a dedicar uma grande parte de seu tempo aos clássicos, é claro que até certo ponto como uma desvantagem em seus estudos do S.C.I. Ele cumpriu sua parte no trato, no que diz respeito à faculdade, muito honrosamente, e teve uma alta colocação na primeira classe do clássico Tripos, parte um, no final do segundo ano de sua residência. Ele também obteve certos prêmios da Faculdade, mostrando competência em inglês e habilidade literária. O fato de que um homem teria sido capaz de fazer isso (que já é bastante para a maioria dos estudantes de graduação) e, ao mesmo tempo, manter seu trabalho para o Serviço Civil Indiano (S.C.I.), prova uma engenhosidade e capacidade muito incomum. Além de sua bolsa de estudos clássicos, ele possuía um conhecimento de literatura inglesa muito além da média dos estudantes de graduação, e escrevia muito melhor em inglês do que a maioria dos jovens ingleses. Que um homem desse calibre poderia ser perdido pelo Governo Indiano apenas porque falhou em sentar-se sobre um cavalo ou não ter mantido o compromisso de comparecer a mim, eu confesso, é uma porção de miopia oficial que seria difícil superar.

Além disso, o homem não tem apenas habilidade mas caráter. Ele tem vivido um período muito difícil e angustiante nos últimos dois anos. As provisões monetárias de

casa quase totalmente falharam, e ele tem sustentado seus dois irmãos bem como a si mesmo, e ainda sua coragem e perseverança nunca falharam. Muitas vezes, escrevi a seu pai, em nome dele, mas na maioria das vezes sem sucesso. Só ultimamente é que eu consegui extrair de seu pai o suficiente para pagar alguns comerciantes, que poderiam, de outra forma, colocar seu filho no Tribunal do Condado. Estou muito seguro de que essas dificuldades pecuniárias não são devidas a alguma extravagância da parte do Ghose. Todo seu modo de vida, que é simples e pobre ao extremo, é contra isso: elas eram devidas inteiramente a circunstâncias além de seu controle. Mas elas devem tê-lo dificultado de muitas maneiras e impedido-o de gastar o suficiente com cavalos para capacitá-lo a aprender equitação. Posso plenamente acreditar que sua inabilidade para manter seu compromisso em *Woolwich* foi devido à falta de dinheiro.

Em conclusão, espero sinceramente que seus esforços para o integrar como um candidato selecionado tenham sucesso, porque penso que, se ele for finalmente expulso, isso será, apesar de legalmente justificável, uma injustiça moral contra ele e uma perda muito realista para o Governo Indiano. Deve-se também talvez ser sugerido que rejeitar um hindu tão capacitado, porque ele não pode cavalgar, é provável que dê origem a incompreensões sérias na Índia e abra a porta para uma acusação de parcialidade, que é de fato totalmente improvável, mas que poderia ser posta pelos nativos com alguma plausibilidade.

Sinceramente,
G.W. Prothero

Um artigo na Calcutta Review, junho de 1931, “Sri Aurobindo, um Estudo” por Harihar Das se refere à carreira de Sri Aurobindo na Inglaterra.

“Ao concluir este breve relato sobre Sri Aurobindo, alguma referência deve ser feita às suas distinções acadêmicas. Ele esteve por algum tempo no *St. Paul’s School*, Londres, onde em 1889 ganhou o Segundo Prêmio *Butterworth*. Ele deixou a escola no ano seguinte, tendo recebido uma bolsa de estudo no *King’s College*, Cambridge, onde foi considerado o mais distinto estudante indiano de sua época, mostrando um gosto marcado pelos clássicos europeus. Ele estava também se preparando para o Serviço Civil Indiano, e, em julho de 1890, assegurou o décimo-primeiro lugar no exame competitivo. Em 1892, obteve a Primeira Classe (Divisão III), no Clássico *Tripas*, Parte I. No mesmo ano, ganhou o Prêmio *Rawley*, pelos jâmbicos gregos.

Como uma prova a mais de suas realizações escolásticas e literárias, extratos de duas cartas endereçadas ao presente escritor estão inseridas aqui. A primeira é de um galês, Professor R. S. Lepper, M. A., que era um estudante de graduação com Sri Aurobindo, no *King’s College*, durante 1890-91, e anteriormente estava a serviço de Sua Alteza, o Marajá de Travancore. Ele escreve: “Eu o conhecia muito bem, naqueles dias,

e tenho felizes recordações dele como um brilhante jovem estudante dos clássicos, um ingressante ‘Estudante de Admissão da Faculdade’, de gosto poético e literário marcado, e, tanto quanto eu vi, um jovem de caráter elevado e atitude modesta, que era apreciado por todos que o conheciam. É claro, era também um estudante de sânscrito, e passou no seu Exame de Admissão para o Serviço Civil Indiano, bem como na Primeira Parte do Clássico Tripos.

Neste último, ele assegurou a Primeira Classe ao final de seu segundo ano, um sucesso altamente honroso. Infelizmente para ele, eu compreendo, ele era um cavaleiro muito mau e a proficiência em equitação era obrigatória para os servidores civis indianos (contratual). Eu creio que lhe foram dadas três provas separadas, em uma delas ele caiu do cavalo (um final nada incomum em seus passeios de treino, eu compreendo) e as duas outras provas ele falhou no comparecimento. Não totalmente anormal, os examinadores, considerando-o sem esperança na equitação, o desqualificaram.

O Sr. Ghose, eu compreendo, deixou a Índia quando era muito criança e não conheceu praticamente nada das condições indianas, exceto por ouvir dizer; deste modo, sua informação e opinião sobre a Índia era, às vezes, grotescamente imprecisa, especialmente sobre os europeus que viviam lá.

Ele era também, penso, sofredor de uma espécie de náusea religiosa ou espiritual, devido aparentemente a sobredoses longas e continuadas de um tipo estreito de Cristianismo infligido a ele, sem dúvida com excelentes intenções, por algumas velhas senhoras provavelmente devotas, sob cujos cuidados, eu creio, ele foi entregue quando era um jovem menino na escola, em Londres. O efeito dessa dosagem foi naturalmente fazer dele um firme panteísta, com uma antipatia bastante incompreensível dos Missionários Cristãos”.

*

O segundo extrato vem de uma carta de um inglês que era um Professor Sênior de Sri Aurobindo, e lê-se como segue:

“Quanto ao Sr. Aravinda Ackroyd Ghose, embora estivesse em meu ano, eu pouco o vi, deste modo não posso dar informação de interesse. Ao mesmo tempo, ocasionalmente cruzei com ele. Ele era um estudante de clássicos muito capaz, facilmente foi o primeiro nesse assunto, na admissão ao Exame de Bolsa de Estudo, e provavelmente único foi o fato de que, para cumprir os regulamentos do Serviço Civil Indiano, ele teve de passar no Tripos da Universidade depois de dois anos (em vez dos usuais três), impedindo-o de estar na divisão principal da Primeira Classe no teste final.

Com relação a sua vida em Cambridge, uma completa falta de interesse em jogos deve ter diminuído seu prazer da vida do lugar. Seus interesses estavam na literatura: entre os poetas gregos, por exemplo, ele uma vez ficou entusiasmado com Safo, e teve

um agradável sentimento do estilo inglês. Já para a Inglaterra, ele parecia ter pouca afeição; não era somente o clima que ele achava penoso: como um exemplo, ele se indignou muito quando, em uma ocasião, eu chamei a Inglaterra de a moderna Atenas. Esse título, ele declarou, pertence à França: a Inglaterra parece muito mais Corinto, um estado comercial, e deste modo sem atração para ele.

Eu somente espero que seus pontos de vista da raça inglesa sejam agora mais indulgentes do que foram nos “dezenove”, porque algumas de suas virtudes mentais e morais devem ser certamente imputadas à sua educação inglesa”.

*

Q: Você não compareceu no teste de equitação, em seu S.C.I.?

Sri Aurobindo: Não. Deram-me outra oportunidade, mas eu de novo não compareci e finalmente me rejeitaram.

Q: Mas então, por que não compareceu para o S.C.I.? Foi por alguma intuição que não fez o teste de equitação?

Sri Aurobindo: De modo algum. Eu nada sabia de Yoga, nesse tempo. Compareci para o S.C.I. porque meu pai queria isso e eu era jovem demais para compreender. Depois, descobri que tipo de trabalho é e tive aversão por uma vida de administrador e não tive interesse no trabalho administrativo. Meu interesse estava em poesia, literatura, estudo de línguas e ação patriótica.

18 de dezembro de 1938.

Sarojini parece ter dito que Sri Aurobindo estava jogando cartas *no momento agendado* para o teste de equitação. Isso não é verdadeiro. Ele não estava jogando cartas no momento do teste. Ele estava somente caminhando pelas ruas de Londres para passar o tempo. Finalmente, quando chegou em *Woolwich*, era tarde demais. O examinador veio e partiu. Ele voltou para casa e disse a seu irmão mais velho: “Estou fora”.

LORSQUE RIEN N'EXISTAIT

*Lorsque rien n'existait, l'amour existait,
Et lorsqu'il ne restera plus rien, l'amour restera.
Il est le premier et le dernier,
Il est le pont de la vérité,
Il est le compagnon dans l'angle du tombeau,
Il est le lierre qui s'attache à l'arbre et prend sa belle vie verte dans le cœur qu'il dévore.*

*C'est pourquoi, Ô mon frère doué d'intelligence pure,
Qui te diriges dans la voie par le tamarin de la direction,
Qui pénètres le sens caché des choses par ton cœur,
Qui prépares pour toi-même le jujube de la solitude et la thériaque du courage supérieur,
Qui fréquentes dans la solitude la divine maîtresse
Invisible et si visible,
Dominatrice des deux Orient et des deux Occidents,
La divine amie!*

*Ô toi dont l'oreille n'est pas dure,
Qui saisis le sens du cri aigre de la porte,
Du bourdonnement de la mouche,
De la marche des caravanes,
Du mouvement de la nuée matinale,
Du ciel entr'ouvert devenu la rose;
Réponds! Qu'as-tu compris à la voix du luth et de la flûte?*

Poema original de Sri Aurobindo, em francês, circa 1914-20, Pondicherry

QUANDO NADA EXISTIA

*Quando nada existia, o amor existia,
E quando não restar mais nada, o amor restará.
Ele é o primeiro e o último,
Ele é a ponte da verdade,
Ele é o companheiro no ângulo da tumba,
Ele é a hera que se liga à árvore e toma sua bela vida verde no coração que ela devora.*

*É por isso, ó meu irmão dotado de inteligência pura,
Que te diriges na via pelo tamarindo da direção,
Que penetras no sentido oculto das coisas pelo teu coração,
Que preparas para ti mesmo a jujuba da solidão e a teriaga da coragem superior,
Que frequentas na solidão a divina mestra
Invisível e visível,
Dominadora dos dois Orientes e dos dois Ocidentes,
A divina amiga!*

*Ó tu, cujo ouvido não é insensível,
Que compreendes o sentido do guincho agudo da porta,
Do zumbido da mosca,
Da marcha das caravanas,
Do movimento da nuvem matinal,
Do céu entreaberto transformado numa rosa;
Responde! O que compreendeste, sob a voz do alaúde e da flauta?*

BARODA

“O pensamento de Baroda trouxe à minha mente a conexão com o Gaekwar. É estranho como as coisas se arranjam elas mesmas em tempo, por exemplo, quando fui reprovado no Serviço Civil Indiano e estava procurando um trabalho, exatamente quando o Gaekwar aconteceu estar em Londres. Eu não sei se ele nos chamou ou nós o encontramos, mas um velho senhor a quem consultamos estava querendo muito propor 200 rupias por mês, isto é, ele pensava que £ 10 era uma soma suficientemente boa, e o Gaekwar passou a dizer às pessoas que tinha conseguido um civil por 200 rupias. É surpreendente, a autoridade estava muito satisfeita com 200 rupias por mês.

Mas eu deixei as negociações com meu irmão mais velho e com James Cotton. Eu nada sabia sobre a vida, naquele tempo”.

*

“Nossa senhoria era um anjo. Ela veio de Somerset e instalou-se em Londres talvez depois que se tornara viúva. Estava sofrendo por muito tempo e nunca perguntou por meses e meses se não íamos pagar. Eu admirava como ela administrava.

Tínhamos duas dessas senhorias. A outra também era gentil conosco. Eu a paguei com minha bolsa do Serviço Civil Indiano.

Foi parcialmente uma falha do meu pai que eu fui reprovado no teste de equitação. Ele não enviou o dinheiro e lições de equitação em Cambridge, naquele tempo, eram muito caras. E o Mestre foi também descuidado, desde que pegou o dinheiro, ele simplesmente deixou-me com o cavalo e eu não era talentoso. Tentei de novo em Baroda com Madhav Rao, mas foi sem sucesso. Foi um desapontamento para meu pai porque ele tinha arranjado tudo para mim, por meio do Sr. Henry Cotton. Ele tinha arranjado alojar-me no distrito de Arrah, que é visto com um lugar muito agradável e que o Sr. Henry Cotton iria cuidar de mim.

Isso tudo caiu como um muro. Admiro com o que teria acontecido comigo se tivesse entrado para o Serviço Civil. Penso que teriam me expulsado por preguiça e atraso de meu trabalho”.

Conversas Noturnas, 16 de janeiro de 1939.

“Então fui para Londres. O alfaiate de algum modo rastreou-me lá e achou também Mono Mohan, a quem começou a sondar. Mono Mohan gostava de um terno de veludo, não um vermelho berrante mas um marrom elegante, e ele costumava visitar Oscar Wilde com este terno.

Então ele partiu para a Índia, mas o alfaiate não queria ser privado de suas dívidas. Ele escreveu ao Governo de Bengala e ao Governo de Baroda para recuperar a quantia de Mono Mohan e de mim.

Eu paguei todas as minhas dívidas e fiquei com £4 ou mais e não pensava que seria obrigado a pagar mais, porque ele sempre cobrava em dobro. Mas Sua Excelência disse que era melhor eu pagá-lo e eu o paguei.

Mono Mohan costumava interpretar o poeta na Inglaterra. Ele tinha um doença poética e costumava gemer seus versos com tons profundos. Passávamos por Cumberland e gritamos para ele, mas ele não prestou atenção e veio depois vagarosamente em seu próprio ritmo. Sua interpretação poética desapareceu depois que voltou à Índia”.

Conversas Noturnas, 08 de janeiro de 1939



Sri Aurobindo com seus alunos, em Baroda

1893

Sri Aurobindo retornou à Índia no início de 1893 e entrou para o Serviço de Baroda, em 08 de fevereiro de 1893. Infelizmente seu pai faleceu uns poucos dias antes de seu retorno em trágicas circunstâncias. É evidente, a partir de uma carta do Dr. K. D. Ghose de 02 de dezembro de 1890, que ele tinha grandes esperanças de carreira para os seus três filhos, especialmente a de Sri Aurobindo. Queria que ele tivesse um trabalho judicial ou administrativo no Governo Indiano, para o qual usou sua influência. Ouviu de sua nomeação em Baroda e foi informado erradamente pelos banqueiros, Srs. Grindley & Co., sobre a partida de Sri Aurobindo de Londres. O navio, no qual supôs que Aurobindo tivesse embarcado, naufragou na costa de Portugal, perto de Lisboa. Dr. K. D. Ghose leu sobre esse acidente e concluiu que Aurobindo tivesse perecido. O choque foi tão grande que teve um infarto e faleceu de insuficiência cardíaca, repetindo o nome de Sri Aurobindo.

O que de fato ocorreu foi que Sri Aurobindo partiu no navio postal “Carthage” e, apesar de ele ter encontrado uma violenta tempestade no Mediterrâneo, chegou à Índia em segurança. Isso foi no início de fevereiro de 1893.

Tão logo Sri Aurobindo pôs seus pés no solo da Índia, ele experimentou uma paz tremenda. Essa é uma das experiências que lhe veio revelada.

Aqui está o que escreveu incidentalmente, em uma resposta a um discípulo acerca dessa experiência:

“Desde de que pus meus pés no solo indiano, no píer *Apollo Bunder*, em Bombaim, comecei a ter experiências espirituais, mas essas não estavam separadas deste mundo, mas tinham um comportamento interior e infinito nele, tal como um sentimento do Infinito, atravessando o espaço material, e o Imanente, abrigando objetos materiais e corpos. Ao mesmo tempo, eu me encontrei a mim mesmo adentrando o mundo suprafísico e os planos com influências e um efeito a partir deles sobre o plano material”.

On Yoga II, Tomo I, p. 129

Serviço de Baroda

De 08 de fevereiro de 1893 a 18 de junho de 1907. Sri Aurobindo tinha 21 anos, quando entrou para o serviço, e 35 anos, quando praticamente o deixou.

Tempo de serviço de 13 anos, 5 meses e 17 dias.

I. “Sri Aurobindo conversava muito pouco, porque talvez acreditasse que fosse melhor falar o menos possível sobre si mesmo”.

II. “Sem desejos, um homem de poucas palavras, equilibrado em sua dieta, autocontrolado, sempre entregue ao estudo”.

III. “Sri Aurobindo não falava de si mesmo, como se adquirir conhecimento fosse sua única missão na vida”.

Dinendra Kumar Roy

(*Sobre a morte do Dr. K. D. Ghose, uma narrativa*, por Brajendra Nath De, publicada em 1954, é reproduzida aqui)

Dr. K. D. Ghose não pertencia ao Serviço Médico Indiano. Ele era O.M.C. (isto é, Oficial Médico Civil).

“Bom doutor, longa prática” em Khulna (em Jessore e igualmente em Baker-Guni). Ele era Presidente do Município de Khulna e Vice-presidente do Distrito de Board (Sarojini e Barin estavam morando em Khulna e em Calcutá). Binoy Bhushan foi empossado em Cooch Bihar (isso foi depois).

Dr. Ghose acreditou até o fim que seu filho tinha sido admitido no Serviço Civil Indiano e que estaria de fato voltando. De fato, tirou uma licença de um mês para ir encontrá-lo em Bombaim, e trazê-lo em triunfo, mas não conseguiu obter nenhuma notícia definitiva de quando seu filho estaria voltando e retornou de Bombaim, com um quadro mental muito depressivo. Uma tarde, recebeu um telegrama de seus Agentes de Bombaim. Nele o nome de seu filho não aparecia na lista de passageiros do navio, no qual estava esperando que seu filho tivesse partido para a Índia.

Aconteceu que, na mesma noite, ele e o Superintendente de Polícia estavam vindo jantar em minha casa. O jantar estava pronto, o Superintendente veio, mas não havia sinal do doutor, ainda que seu bangalô fosse muito perto de minha casa. Depois de esperar algum tempo, enviei um mensageiro para lembrá-lo do fato de que ele havia concordado em jantar em minha casa, nesta noite. O homem voltou e me informou que o doutor estava muito doente. Imediatamente fui lá e soube do telegrama e encontrei o doutor muito doente e bastante inconsciente. Os outros médicos, no posto, foram assíduos no atendimento. Fiz o que pude, mas não adiantou. O pobre homem resistiu por um ou dois dias e enfim faleceu. Tive de levar o corpo para o local da cremação e esperar a cremação”.

Brajendra Nath De

Reminiscências de um Membro Indiano do Serviço Civil Indiano. The Calcutta Review, 1954, Julho a Dezembro, Vol. 132, Nº 1.

As três citações dadas logo acima vieram de *Sri Aurobindo Prasanga*, escrito por Dinendra Kumar Roy, o qual permaneceu com Sri Aurobindo durante 1898-99, para familiarizá-lo com o idioma bengalês. A vida em Baroda foi plena, apesar de a carreira

política que seguiu ter sido como um tornado. A atividade durante esse período pode ser dividida em cinco partes:

I. Serviço em vários departamentos do Estado.

II. Atividade literária, leitura e estudo. Essa parte estava parcialmente ligada com o trabalho na Faculdade.

III. Atividade política - artigos no *Induprakash* e início do movimento revolucionário, visitas a Bengala durante as férias com esse propósito.

IV. Vida espiritual.

V. Vida familiar.

Durante esse período, sempre que Khaserao Jadhav estivesse em Baroda, Sri Aurobindo permanecia com ele em sua casa, em Dandia Bazar, e em sua ausência ele permanecia com seu irmão Madhavrao Jadhav. Muitas outras casas foram usadas em diferentes períodos em Baroda:

I. No campo, próximo do Bazar.

II. *Kiledar's Wadi*, na estrada para o Palácio Makarpura.

III. *Mir Bakarali's Wada*, próximo de Shiapura.

IV. Atrás da Faculdade, na estrada para o Campo (quarteirões do Governo)

02 de agosto de 1893

Início do serviço no Departamento de Regularização de Inquéritos, pagamento de 200 rupias por mês. Foi-lhe pedido familiarizar-se com vários Departamentos. Em alguns, ele devia aprender as atividades rotineiras e observar o procedimento do trabalho departamental. Do Departamento de Regularização, ele foi até o Departamento de Selos e Receitas. Depois desse, trabalhou por algum tempo na Secretaria. Trabalhou com os estagiários no escritório de Vahivatdar, para dominar o trabalho. Mas um trabalho permanente foi-lhe dado finalmente na Faculdade de Baroda.

O Editor do *Indu Prakash* apresentou a série de Sri Aurobindo com a seguinte nota:

“*New Lamps for Old*”²³”

Nós prometemos a nossos leitores, há algum tempo, uma série sobre nosso atual progresso político por um observador extremamente capaz e perspicaz dos tempos atuais. Estamos muito satisfeitos de dar a nossos leitores o primeiro número dessa série. O título sob o qual esses pontos de vista aparecem é “*New Lamps for Old*”, que é sugestivo, embora metafórico. O prefácio nos conduzirá até a próxima edição. Os pontos de vista nele contidos não são aqueles que normalmente são sustentados por nossos políticos, e por essa razão são muito importantes. Temos sido convencidos de que

²³ Nota do tradutor. “Novas lâmpadas para as velhas”.

nossos esforços no progresso político não são sustentáveis, mas são carentes de vigor. A hipocrisia tem sido o pecado que assola a nossa agitação política. O ponto de vista enviesado é a moda. A crítica verdadeira, prática e honesta é extremamente necessária. Nossas instituições não têm uma sólida fundação e estão no perigo iminente de ruir. Sob essas circunstâncias, era ocioso e mesmo criminoso ... manter silêncio enquanto toda nossa energia no progresso político era gasta numa direção errada. As questões em causa são de grande importância. É o construir ou o desconstruir da nação. Asseguramos, entretanto, um senhor de grandes talentos literários, de cultura liberal e de considerável experiência, bem destro na arte da escrita, com grande incômodo pessoal e provável deturpação, para mostrar seus pontos de vista com uma voz não incerta, e, seja-nos permitido acrescentar, em um estilo e direção especialmente próprios. Rogamos a nossos leitores uma leitura muito cuidadosa e constante do que estiver sob seu nome e lhes asseguramos que encontrarão, naqueles artigos, material que os fará pensar e mover suas almas patrióticas.

L. G. DESHPANDE²⁴

Induprakash, 07 de agosto de 1893

No início, seus serviços foram emprestados de outros Departamentos à Faculdade, para aulas de francês, em certos períodos na semana. Assim, ele começou seu trabalho na Faculdade como professor de francês. Outro trabalho da faculdade lhe foi gradualmente acrescentado. Finalmente, o Reitor solicitou ao Marajá indicá-lo para o cargo permanente de Professor de Inglês e a partir disso ele elevou-se para ser o Vice-Reitor da faculdade. Uma vez, ele desempenhou como Reitor, cobrindo uma ausência.

Mas antes de assumir o trabalho permanente na faculdade, ele costumava ser chamado pelo Marajá, de seu palácio, para um trabalho pessoal ou para rascunhar alguma carta importante, ou fazer uma compilação de alguma correspondência ou documentos, ou mesmo para rascunhar contratos. Isso estava fora de seu trabalho oficial. Mas a despeito desse fato, deve ser mencionado que Sri Aurobindo nunca foi um Secretário Particular do Marajá. Somente uma vez, em 1903, o Marajá o tomou como secretário numa viagem a Caxemira, mas, como a experiência não foi agradável, não se repetiu.

Do “*Sayaji Rao Gaekwad Yancha Sahavasat*”, escrito por Govind Sakharam Sardesai, 1956 (o famoso historiador em língua marata), a seguinte parte, referindo-se a Sri

²⁴ K.G. Deshpande, depois de seu retorno da Inglaterra, estabeleceu-se em Bombaim como advogado e foi também editor da seção inglesa do *Indu Prakash*. O jornal tinha também uma seção em língua marata. Na admissão de Sri Aurobindo no Estado de Baroda, Deshpande lhe solicitou - conhecendo seu forte ponto de vista nacionalista em Cambridge - para escrever artigos sobre o Congresso Indiano. Deshpande subsequentemente integrou-se ao Serviço do Estado de Baroda em 1898 - cinco anos depois de Sri Aurobindo.

Aurobindo, fornece uma evidência contemporânea acerca de seu Serviço no Estado de Baroda e de sua Vida.

“Sri Aurobindo e eu mesmo estávamos juntos com Sayaji Rao muito frequentemente” ... “Algumas vezes, homens como Sri Aurobindo podiam escrever palestras para ele”.

“Uma vez, o Marajá devia dar uma conferência social. Sri Aurobindo preparou o discurso. Nós três (isto é, o Marajá, Sardesai G. S. e Sri Aurobindo) sentamos juntos e o lemos. O Marajá, após ouvi-lo, disse: “Você não pode, Arabind Babu, diminuir-lhe o tom? Está bom demais para ser meu”.

Sri Aurobindo respondeu sorrindo: “Por que fazer uma mudança por nada? O Sr. pensa, Marajá, que, se o tom for diminuído um pouco, as pessoas vão acreditar que é seu? Bem ou mal, de que modo esteja, as pessoas sempre dirão que os discursos do Marajá são escritos por outros. A questão central é se os pensamentos são seus. Essa é sua parte principal”.

Sardesai também afirma que Sri Aurobindo encarregou-se da maior parte da correspondência que tramitava entre o Governo Indiano e o Estado de Baroda, a respeito do insulto que Curzon sentiu quando o Marajá, que estava em Paris, e foi chamado pelo Governo Indiano (visto que Curzon estaria visitando Baroda em 1900), e o Marajá não veio.

“Eu costumava sair para caminhar com Sri Aurobindo, naqueles dias. Sua natureza usual era reservada, não comunicativa. Para certa questão, ele respondia “sim” ou “não”, e nada além disso, - havia algo de místico nele”.

*

A série de artigos políticos para o *Induprakash* de Bombaim, intitulada “New Lamps for Old”, severamente criticando a política do Congresso Nacional Indiano, foi publicada de 09 de agosto de 1893 a fevereiro de 1894. Sri Aurobindo foi pressionado por K. G. Deshpande, seu amigo de Cambridge, a escrever a série. Deshpande era o editor da seção inglesa do *Induprakash*. Mas a publicação dos primeiros dois artigos criaram um furor nos círculos políticos e Mahadev Govind Ranade, o famoso líder marata, que estava ligado ao jornal, enviou uma advertência ao editor que ele poderia ser perseguido por sedição. Deshpande ficou num aperto. Ele solicitou a Sri Aurobindo que abaixasse um pouco o tom de sua crítica, ou usasse termos mais suaves. Depois disso, Sri Aurobindo perdeu todo o entusiasmo para escrever a série e, apesar de tê-la de algum modo concluída, levou muito tempo na realização. Ele nunca apreciou a política mendicante do Congresso.

“Escrevi muitos memorandos para o Marajá. Geralmente ele costumava indicar as direções e eu costumava segui-las. Mas, eu mesmo não tinha muito interesse em

administração. Meus interesses estavam em outro lugar, no sânscrito, na literatura e no movimento nacional. Quando vim da Inglaterra a Baroda, descobri o que o Congresso era naquele tempo e formei um desprezo por ele. Então encontrei-me com Deshpande, Tilak, Madhav Rao e outros. Deshpande solicitou-me que escrevesse algo no *Induprakash*. Lá eu critiquei duramente o Congresso por sua política moderada. Os artigos eram tão incisivos que M. G. Ranade, o grande líder do Estado de Maharashtra, pediu ao proprietário do jornal para não permitir que aparecessem tais artigos sediciosos no jornal, de outro modo ele poderia ser preso e encarcerado. Deshpande aproximou-se de mim com as novidades e solicitou-me que escrevesse algo menos violento. Eu então comecei a escrever sobre filosofia da política, deixando de lado a parte prática. Mas logo tomei desgosto com isso”.

Conversas Noturnas, 18 de dezembro de 1938

Alguns extratos dessa série histórica, “New Lamps for Old”:

1. “Eu digo do Congresso, então, isso: que seus objetivos são equivocados, que o espírito com o qual ele procede para suas realizações não é o espírito da sinceridade e total coragem, e que os métodos escolhidos não são os métodos corretos, e os líderes nos quais ele confia não são um conjunto de homens que deveriam ser líderes - em resumo, somos no presente momento cegos conduzidos, se não por um cego, pelo menos por um caolho”.

2. “Pois, pela reflexão ou instinto de ter uma visão clara de nossa posição e pela destreza de fazer o melhor dela, isto é todo o segredo da política, e isto é justamente o que falhamos em fazer”.

3. “Perdemos em sinceridade, que é outro nome para força”.

4. “Enquanto este temperamento prevalecer, nunca perceberemos o quanto está totalmente além do poder até mesmo de uma máquina excelente, para renovar o caráter nacional esgotado e pobre, e o quanto é palpavelmente necessário para começar do interior e não depender de nenhum agente externo”.

5. “Para pôr isto em uma forma concreta, deve-se dizer que Paris gira em torno do Teatro, do Conselho Municipal e da Academia Francesa; Londres volta-se mais para Câmara dos Comuns, e Nova York para a Bolsa de Valores”.

Essa série mostrou muitas questões políticas e poderes de Sri Aurobindo, pela primeira vez, ao público - uma compreensão abrangente, um sutil poder de pensamento, capacidade para expressão e uma maestria sobre a língua, rara coragem, sinceridade absoluta, patriotismo ardente e caráter altruísta. Tudo isso pode ser visto na série do *Induprakash* mesmo agora, depois de cinquenta e oito anos²⁵.

²⁵ Nota do tradutor. Ou seja, em 1952, quando este texto foi escrito por A.B. Purani. A primeira edição do livro saiu em 1958.

O círculo de amigos em Baroda incluía Madhavrao e Khasirao Jadhava, K. G. Deshpande, Fadke, Mangesh Kolasker, etc. Sr. Fadke tirou uma fotografia de Dinendra Kumar Roy e Sri Aurobindo.

“Eu me lembro que um jovem *Sannyasi*²⁶, com longas unhas, veio a Baroda. Ele costumava ficar sob as árvores. Deshpande e eu fomos vê-lo. Deshpande perguntou-lhe o que era o *Dharma* - padrão de ação.

Ele respondeu: Não há um padrão fixo. É o *Dharma* do ladrão roubar porque este é seu *Dharma*. Deshpande ficou muito irritado ao ouvir isso. Eu disse: ‘É somente um ponto de vista!’ ”

Conversas Noturnas, 22 de janeiro de 1939

1894

Houve uma correção do Marajá a Sri Aurobindo, sugerindo-lhe ser mais diligente e regular, quando mencionar sua capacidade para o trabalho rápido e bem-sucedido. De fato, o trabalho confiado a ele era, algumas vezes, fastidioso, requerendo ação mecânica por meio de relatórios e elaborando resumos. Sri Aurobindo não sentia entusiasmo para fazer tal tipo de trabalho. Uma vez, o trabalho confiado foi consultar as tabelas de horários das Ferrovias, na Europa!

Sri Aurobindo parece ter visitado Bengala pela primeira vez (?), neste ano (1894), depois de seu retorno da Inglaterra. Ele encontrou todos os seus parentes - Swarnalata, Sarojini, Barin, Jogendra e seu avô Rajnarayan. Eis como Sarojini descreve sua aparência: “uma face muito delicada, longos cabelos cortados à moda inglesa, Sejda (Sri Aurobindo) era uma pessoa muito reservada”.

Sua mãe não o reconheceu, o que foi natural depois de um intervalo tão longo - quando eles se encontraram. Ela afirmou: “Meu Aurobindo não era tão grande, ele era pequeno!”, quando lhe foi explicado que ele retornara da Inglaterra depois de concluir seus estudos, ela teve subitamente um lampejo de memória e disse: “Meu Aurobindo tinha um corte em seu dedo.” De fato, ele tinha uma marca de corte recebido de uma garrafa de vidro quebrada. A marca lhe foi mostrada e ela o reconheceu.

As cartas escritas por Sri Aurobindo a sua família eram poucas e são difíceis de encontrar. A seguinte carta a Sarojini o mostra como um irmão afetuoso. Ela mostra também que Binoy Bhushan não tinha retornado à Índia até 1894. Pode-se ver quão rara era a correspondência entre os irmãos.

²⁶ Nota do tradutor. *Sannyasi* ou *sannyasin*: um renunciante do mundo, asceta.

Minha cara Saro²⁷,

Recebi sua carta anteontem. Tenho tentado persistentemente te escrever, nas últimas três semanas, mas até agora tenho falhado. Hoje estou fazendo um grande esforço e espero pôr a carta no correio antes do anoitecer. Como estou agora revigorado por três dias de folga, quase penso que conseguirei.

Será, eu temo, totalmente impossível vir até você de novo tão cedo quanto a Puja, embora se eu pudesse, partiria amanhã. Nem minhas obrigações, nem minhas finanças vão permitir isso. Na verdade, foi meu grande erro ter ido, de toda forma; porque tornou Baroda totalmente insuportável para mim. Há uma velha história de Judas Iscariotes, que combina comigo até o chão. Judas, depois de trair Cristo, enforcou-se e foi para o Inferno, onde foi honrado com o forno mais quente de todo o lugar. Lá ele deve queimar por toda a eternidade; mas, em sua vida, ele fez uma única ação generosa e por causa disso lhe permitiram, por uma especial graça de Deus, refrescar-se por uma hora, todo Natal, em um iceberg no Polo Norte. Ora isto sempre me pareceu não ser uma graça, mas um refinamento especial de crueldade. Pois como o Inferno poderia falhar em ser dez vezes mais Inferno para o pobre miserável, depois do delicioso frescor de seu iceberg? Eu não sei por qual enorme crime fui condenado a Baroda, mas meu caso é justamente igual. Desde minha agradável estada com você, em Baidyanath, Baroda parece cem vez mais Baroda.

Ouso dizer que Bino deve te escrever em três ou quatro dias antes de deixar a Inglaterra. Mas você deve se sentir com sorte, se ele fizer tanto quanto isso. O mais provável é que a primeira coisa que ouvirá dele será um telegrama de Calcutá. Certamente não me tem escrito. Nunca esperei e teria medo de receber uma carta. Seria uma surpresa chocante que eu certamente seria capaz de nada fazer, mas rolar pelo chão e respirar com dificuldade pelas próximas duas ou três horas. Não, os favores dos Deuses são terríveis demais para serem cobiçados. Ouso dizer que ele terá energia suficiente para entregar a Mano, como eles devem estar se vendo quase diariamente. Você deve dar a Mano um pouco de tempo antes que ele te responda. Ele também é um irmão de Bino. Por favor, forneça-me o endereço de Bino, porque não sei para onde enviar uma carta que tenho pronta para ele. Você pode também me fornecer o nome do *English Composition Book* de Bari e de seu organizador? Quero muito tal livro, porque me será útil não apenas em bengalês mas em gujarati²⁸. Não há livros convenientes como este aqui.

²⁷ Nota do tradutor. Nesta carta, Sri Aurobindo usa nomes carinhosos para sua irmã e seus irmãos: Saro: Sarojini; Bino: Binoy Bhushan; Bari : Barindra Kumar; Mano: Mono Mohan.

²⁸ Nota do tradutor. Sinônimos para o nome dessa língua são: guzerate, guzarate ou gujarate.

Você diz em sua carta “todos aqui estão muito bem”; já na próxima sentença eu leio “Bari tem um ataque de febre”. Você quer dizer então que Bari é ninguém? Pobre Bari! Que ele seja excluído da lista dos seres humanos é somente correto e próprio, mas é um tanto duro que lhe seja negada a existência completamente. Espero que seja somente um leve ataque. Estou muito bem. Trouxe uma reserva de saúde comigo de Bengala, que, eu espero, levará um tempo para exaurir; mas acabei de passar minha vigésima-segunda marca, no último 15 de agosto, desde meu aniversário estou começando a sentir-me terrivelmente velho.

Infiro de sua carta que você está fazendo um grande progresso em inglês. Espero que aprenda muito rapidamente; posso então te escrever inteiramente o que eu quero dizer e exatamente do modo que eu quero dizer. Sinto alguma dificuldade em fazer isto agora porque não sei se você entenderá.

Com amor,
Seu afetuoso irmão,
AURO

PS.

Se você quer entender a nova ortografia de meu nome, pergunte ao tio.

(*Puja number Jugantar* 1364)

1894

Sri Aurobindo encontrou M. G. Ranade em Bombaim por meia-hora. Foi Ranade quem enviou, após ler sua série no *Induprakash*, uma advertência ao editor. Ele estava ansioso para encontrar o jovem homem, inteligente e promissor. Finalmente, quando uma entrevista foi organizada, ele teve a oportunidade para tentar persuadir Sri Aurobindo de não gastar sua energia atacando violentamente o Congresso, mas levando-os para algum trabalho construtivo como a reforma prisional! Quando Sri Aurobindo foi para a prisão, ele recordou o conselho de Ranade e ironicamente escreveu depois, que ele tinha começado a reforma prisional indo lá!

1894, de 16 a 27 de agosto

Sri Aurobindo contribuiu com uma série de artigos no mesmo *Induprakash* sobre Bankim²⁹, contendo crítica literária e uma avaliação de seu trabalho. Significa que Sri

²⁹ Nota do tradutor. Bankim Chandra Chattopadhyay (26 de junho de 1838 - 8 de abril de 1894) (bengalês: বঙ্কিম চন্দ্র চট্টোপাধ্যায় *Bôngkim Chôndro Chôttôpadddhae*) ("Chattopadhyay" no original bengalês; "Chatterjee" como pronunciado pelos britânicos) foi um poeta bengalês, novelista, ensaísta e jornalista, mais famoso como o autor do *Vande Mataram* ou *Bande Mataram*, que inspirou as lutas de liberdade da Índia, e foi depois declarado o Hino Nacional da Índia. Nascido em uma família de um oficial do governo, sob a dominação britânica da Índia, foi um dos primeiros dois graduados da Universidade de Calcutá e depois obteve um diploma em direito. Trabalhou no serviço governamental por vinte anos, frequentemente envolvendo conflitos com as autoridades. Publicou sua primeira novela, *Kapalkundala*,

Aurobindo conhecia bengalês bem o suficiente e tinha se familiarizado com as obras de Bankim e Madhusudan Dutt³⁰, antes de ter chamado Dinendra Kumar Roy, em 1898, para instruí-lo nos termos coloquiais e pronúncia do bengalês.

1895

Em Baroda, ocupou-se com o ensino de francês, por seis horas semanais. Neste ano, a primeira coleção de seus poemas “*Songs to Myrtilla*” foi publicada “para circulação particular”. Ele costumava ler Homero, Dante, o Mahabharata, Kalidasa, Bhavabhuti, durante esse período. Fazia contínuos contatos com as empresas de Bombaim: Booksellers, Messers, Radhabai Atmaram Sagun e Messrs, Thacker Spink & Co., para que lhe enviassem catálogos de novas publicações, dos quais poderia escolher livros e encomendá-los. Os livros costumavam chegar por meio de pacotes ferroviários.

A rotina de sua vida diária era como segue:

Depois do chá da manhã, Sri Aurobindo costumava escrever poesia e prosseguia até as 10 horas. Banho entre 10 e 11 horas. Almoço às 11 horas, - um charuto poderia estar ao seu lado mesmo enquanto comia. Costumava ler jornais enquanto tomava suas refeições. Ele pegava menos arroz e mais pão. Uma vez ao dia, havia carne ou peixe.

Havia intervalos quando tomava uma dieta completamente vegetariana. Era indiferente ao paladar. Achava a comida marata por demais quente (com pimenta) e a gujarati por demais rica em *ghee*³¹. Depois, certa vez, teve um jantar no Tilak's, que consistiu em arroz, *puri*³², legume (*dal*³³) e vegetais. Gostou dele porque era a “simplicidade espartana”.

em 1866, e chegou a publicar mais de dezessete romances, novelas históricas e ensaios, bem como muitos diários literários. *The New World Encyclopedia*.

https://www.newworldencyclopedia.org/entry/Bankim_Chandra_Chattopadhyay

³⁰ Nota do tradutor. Michael Madhusudan Datta, Datta também pronunciado Dutt, (nascido em 25 de janeiro de 1824, Sāgardari, Bengala, Índia [agora em Bangladesh] — morto em 29 de junho de 1873, Calcutá, Índia), poeta e dramaturgo, o primeiro grande poeta da moderna literatura bengalesa. Datta foi uma personalidade dinâmica e errática e um gênio original de primeira grandeza. Foi educado na Faculdade Hindu, em Calcutá, o lar cultural da classe média bengalesa, educada no padrão ocidental. Em 1843, tornou-se cristão. Suas primeiras composições foram em inglês, mas não tiveram sucesso, e ele retornou, relutantemente a princípio, ao bengalês. Suas obras principais, escritas principalmente entre 1858 e 1862, incluem drama em prosa, poemas narrativos longos e lírica. Sua primeira peça, *Sarmistha* (1858), baseada em um episódio do antigo épico em sânscrito, o *Mahābhārata*, foi bem recebida. Suas obras poéticas são: *Tilottamasambhab* (1860), um poema narrativo sobre a história de Sunda e Upasunda; *Meghnadbadh* (1861), sua mais importante composição, um épico sobre o tema do *Rāmāyaṇa*; *Brajangana* (1861), um ciclo de poemas líricos sobre o tema de *Radha-Krishna*; e *Birangana* (1862), um conjunto de 21 poemas epistolares sobre o modelo das *Heroídes* de Ovídio. *Britannica*. <https://www.britannica.com/art/Indian-literature>.

³¹ Nota do tradutor. *Ghee* é uma espécie de manteiga clarificada.

³² Nota do tradutor. *Puri* é uma espécie de pão frito.

³³ Nota do tradutor. *Dal* é um termo coletivo para lentilha, ervilha e feijão.

Tinha o hábito de ler até tarde da noite e dormir muito tarde. Era um madrugador.

Durante este período, costumava enviar dinheiro regularmente para o sustento de sua mãe e para a educação de Sarojini, em Bankipore. Os dois irmãos mais velhos, Binoy Bhushan e Mono Mohan, que tinham retornado da Inglaterra, estavam recebendo salário também, mas não prestavam ajuda à família. Quando lhe perguntado sobre isso, costumava dizer: “Dada está no serviço do Estado de Coochbihar e assim deve manter um certo alto padrão de vida. Mono Mohan se casou e casamento é um luxo caro!”

1898-1899

Sri Aurobindo organizou-se para ter S. Dinendra Kumar Roy como um tutor particular para que se familiarizasse com o bengalês falado. Ele chegou em Baroda depois dos feriados da Puja. Como já dito, Sri Aurobindo começou a aprender bengalês enquanto estava em Cambridge e leu muitos autores durante sua estada em Baroda. Queria tornar-se familiar com o crescimento da literatura bengalesa, para compreender o idioma da língua falada e para aprender a falar. Dinendra Roy tentou aprender francês e alemão com Sri Aurobindo. O estudo que fez com Roy não foi da natureza de lições regulares, mas principalmente de um programa informal. Assim acontecia algumas vezes que ele podia ler e conversar um dia inteiro e então por dias não havia aprendizado algum.

Basanti (Chakravarty), filha da tia de Sri Aurobindo, foi a primeira pessoa a receber uma carta escrita por Sri Aurobindo em bengalês. Basanti amargamente sentiu a perda de sua posse dessa carta, durante os motins muçulmanos e hindus em Bengala, depois do estabelecimento do Paquistão. Depois, ele aprendeu bengalês suficientemente para conduzir, nesta língua, o semanário *Dharma*, e até mesmo escreveu alguma poesia bengalesa. Mas seu domínio sobre a língua bengalesa não era igual ao do inglês.

Dinendra Kumar um dia lhe perguntou: Por que você não é bem conhecido - isto é, por que você não avança - na vida de Baroda?

Sri Aurobindo: “Não há alegria ou encanto nisso”.

D. K. encontrou livros que vieram pelos pacotes ferroviários, e viu livros em francês, alemão, latim, grego, e mesmo em russo, em seu armário. Viu todos os poetas, de Chaucer a Swinburne, em sua biblioteca. Mas ficou imensamente surpreso ao constatar que, a despeito de sua estadia prolongada na Inglaterra, não havia nenhuma marca de qualquer profunda influência europeia nele.

D. K. escreve a respeito de sua condição econômica: “Ele estava sozinho, não sabia o que era correr atrás de prazeres; nunca gastava, nem mesmo um ‘pastel’, de modo errado; e ainda assim, no final do mês, não tinha um centavo em suas mãos”.

D. K., em seu livro, deste modo descreve a impressão que teve de Sri Aurobindo, durante sua estada em Baroda:

“Sri Aurobindo não é um homem desta terra; é um deus que desceu do céu por algum sortilégio”.

Entre os temas sobre os quais Sri Aurobindo escreveu poemas, D. K. Roy menciona “Savitri” - deve ser o primeiro embrião do grande poema que enfim concluiu em um épico.

Um pintor bengalês, Shashi Kumar Hesh, veio a Baroda durante esse período. Fez um retrato de Sri Aurobindo a óleo.

1899

Quando o Prof. Littledale saiu de licença, Sri Aurobindo foi designado professor de inglês, além do francês. Ele discursou sobre “Oxford e Cambridge”, por ocasião da reunião social da Faculdade de Baroda.

Durante estes anos (primeiros anos do serviço em Baroda), Sri Aurobindo costumava passar suas férias em Bengala, especialmente suas segundas férias que geralmente coincidiam com os Feriados da Puja. As férias costumavam ser:

I. De 15 de abril a 9 de junho.

II. De 30 de setembro a 31 de dezembro.

Basanti (prima de Sri Aurobindo, filha de Krishna Kumar Mitter) registrou suas reminiscências (em “Galpa Bharati”, Paush) das visitas de Sri Aurobindo a Deoghar. Ela era então uma menina, estudante da escola, e costumava ir a Deoghar para visitar a família de Rajnarayan. Havia colinas em torno e todos desfrutavam uma vida livre das convenções da cidade. Todas as crianças costumavam ser amigas de Jogendra Mama, sentarem-se em torno dele, ouvirem histórias e se divertirem. Sri Aurobindo gostava de Jogendra, a quem costumava chamar humoristicamente “o profeta de Isabgul”, porque costumava prescrever “Isabgul” como um remédio para quase todos os males do estômago!

Sri Aurobindo costumava encontrá-los todos nos Feriados de Puja. Ele geralmente permanecia em Deoghar e passava poucos dias com sua tia em Calcutá.

Basanti Devi escreve: “Auro Dada costumava chegar com dois ou três baús e nós sempre pensávamos que conteriam trajes caros e outros artigos de luxo como perfumes, etc. Quando ele os abria, eu costumava olhar e admirar. O que é isto? Poucas roupas comuns e todo o resto livros e nada além de livros! Auro Dada gosta de ler todos estes? Todos nós queremos prostrar e nos divertir nas férias, ele quer gastar até mesmo este tempo lendo estes livros?”

Mas porque gostava dessa leitura não é que não se encontrava conosco em nossas conversas e bate-papos e em nossos divertimentos. Sua conversa costumava ser cheia de perspicácia e humor”.



Sri Aurobindo e sua esposa Mrinalini Devi

1899

Em setembro de 1899, Rajnarayan Bose, seu avô, faleceu. Sri Aurobindo escreveu um soneto sobre ele, após sua morte.

1899 (1898?)

Jatindranath Banerjee (depois chamado Niralamb Swamy) veio a Baroda para treinamento militar no exército de Baroda, para se preparar para ação revolucionária. Sri Aurobindo com a ajuda de Khasirao Jadhav e Madhav Rao o inscreveram no exército para treinamento. Ele se declarou com um homem de Uttar Pradesh, não um bengalês. Sri Aurobindo o convenceu a unir-se ao movimento revolucionário que pretendia lançar em Bengala. Jatin concordou.

1900

O Reitor Tait propôs ao Marajá indicar Sri Aurobindo como professor permanente de inglês da Faculdade de Baroda. Em sua proposta ele falou muito bem de seu trabalho e habilidade. O Marajá aceitou o pedido. Pagamento de 360 rupias. Diferente de seu irmão Mono Mohan (também um professor de inglês), Sri Aurobindo nunca se preparou para as aulas com apontamentos elaborados.

Sobre sua carreira como professor, Sri Aurobindo durante uma conversa disse:

“Eu não era um professor tão consciencioso quanto Mono Mohan”.

“Nunca costumava olhar os apontamentos e algumas vezes minhas explicações não concordavam absolutamente com eles. Fui professor de inglês e algumas vezes de francês. O que era uma surpresa para mim era que os estudantes costumavam anotar tudo textualmente e conservar de cor. Tal coisa jamais teria acontecido na Inglaterra”.

“Lá (em Baroda) os estudantes, além de tomar minhas anotações, costumavam pegar anotações de algum professor de Bombaim, especialmente se um deles fosse o examinador”.

“Uma vez, eu estava dando uma aula sobre a *Vida de Nelson* de Southey. Minha aula não estava de acordo com as anotações. Então os estudantes notaram que não estava totalmente de acordo com o que se achava nas anotações. Eu respondi: Eu não li as anotações - em qualquer caso elas são todas entulhos! Eu não poderia ir aos mínimos detalhes. Eu lia e deixava minha mente fazer o que quisesse. É por isso que eu nunca poderia me tornar um Especialista³⁴. Até a idade de 15 anos, era conhecido como um Especialista muito promissor de *St. Paul*. Depois dos 15, eu perdi essa reputação. Os professores costumavam dizer que eu me tornara preguiçoso e estava deteriorando - porque eu estava lendo somente novelas e poesia; na época dos exames, eu costumava me preparar um pouco. Mas, uma vez ou outra, quando eu escrevia versos em grego e latim, meus professores costumavam lamentar que eu não estava usando meus notáveis dons por causa de minha preguiça”.

“Quando ganhei uma bolsa de estudos para o *King's College*, em Cambridge, Oscar Browning notou que ele não tinha visto antes tais notáveis papéis”.

Conversas Noturnas, 29 de dezembro de 1938

Jatin Banerjee foi enviado a Calcutá para obter homens e materiais para o trabalho revolucionário em Bengala. Ele encontrou P. Mitter e Bibhuti Bhushan Bhattacharya e os apresentou a Sri Aurobindo.

Barin passou em seu Exame de Ingresso, neste ano. Ele ficou seis meses com Mono Mohan em Dacca e então tentou estudar agricultura, mas não conseguiu apoio

³⁴ Nota do tradutor. No original, “Scholar”: um especialista em dado ramo do conhecimento, tendo-o estudado por longo tempo e em profundidade.

financeiro. Ele tentou administrar uma casa de chá em Patna, mas lá também não teve sucesso e então foi para Baroda ficar com Sri Aurobindo.

1901

Sri Aurobindo esteve por algum tempo no Departamento do Fisco. Continuou sendo o Presidente do *College Union* e do *Debating Society*.

1901, abril

Casamento com Mrinalini Bose, filha de Bhupal Chandra Bose; com 14 anos de idade. Nascimento em 6 de março de 1888. Aurobindo tinha muitas ofertas possíveis das quais escolheu Mrinalini Bose. O Reitor Girish Chandra Bose, um amigo de Bhupal Chandra Bose, arranhou esse encontro. Local do casamento: Rua *Baithakkhana*, em uma das casas pertencentes à família Hatkhola Dutt. Como Sri Aurobindo tinha ido à Inglaterra, a questão do rito de purificação apareceu. Sri Aurobindo categoricamente recusou, assim como o fez seu pai, K. D. Ghose, em sua época. Por fim, houve a proposta de raspar a cabeça! Quando isso foi recusado, “um brâmane prestativo cumpriu todos os requisitos do *Shastra*³⁵, por uma consideração financeira!”

Byomkesh Chakravarty, Sr. Sinha, Sr. e Sra. Jagadish Chandra Bose compareceram ao casamento. O casamento ocorreu de acordo com os ritos hindus. A noiva foi conduzida por seu tio. Sri Aurobindo tinha vinte e nove anos.

Toda vez que Sri Aurobindo passava por Calcutá, durante esse período anterior a 1906, ele costumava ficar com Krishna Kumar Mitter, no *College Square*, n. 8.

1901

Foi muito provavelmente durante este ano que o Sr. Mandavale, um cavalheiro marata, prestou o juramento do Partido Revolucionário a Sri Aurobindo. Essa cerimônia era considerada importante, nessa época.

Sri Aurobindo foi a Deoghar, após seu casamento. De lá, Mrinalini, Sarojini e ele mesmo foram a Naini Tal (em 28 de maio de 1901) (Há uma carta - um cartão postal - escrita por Sri Aurobindo a Bhuvan Chakravarty, datada de 28 de maio de 1901).

1901, maio

Cópia do cartão postal escrito por Sri Aurobindo a Bhuvan Chakravarty:

Caro Bhuvan Babu,

Estou aqui em Naini Tal com minha esposa e minha irmã, desde 29 de maio. O lugar é belo e não tão frio quanto esperava. De fato, durante o dia, é somente um pouco menos quente que Baroda, exceto quando está chovendo. O Marajá vai provavelmente

³⁵ Nota do tradutor. *Shastra*: regras de conduta.

partir daqui no vigésimo-quarto dia, - se estiver chovendo em Baroda, mas como ele vai parar em Agra, em Mathura e em Mhow, não chegará em Baroda antes do início de julho. Vou provavelmente em separado e devo chegar também em primeiro de julho. Se preferir, você poderia ir lá um tanto antes e encontrar-se com Deshpande. Pedi a Madhavrao para deixar minha nova casa mobiliada, mas não sei o que ele está fazendo neste sentido.

Banerjee está, creio, em Calcutá. Ele veio ver-me, em Deoghar, por um dia.

Sinceramente seu,
Aurobindo Ghose

Neste ano, Sri Aurobindo, um dia, encontrou Barin, em Baroda, antes mesmo de se levantar da cama. Encontrou-o com um saco sujo de lona e roupas muito sujas. Ele exclamou: “Como é que está aqui neste estado?” Enviou-o diretamente ao banho! Nesta época, havia quatro membros da família em Baroda: Sri Aurobindo, Sarojini, Mrinalini e Barin.

Antes mesmo de 1901, sempre vez que Sri Aurobindo costumava ir a Deoghar, ele costumava inculcar o espírito revolucionário em Barin. Quando este chegou em Baroda, foi a oportunidade para prepará-lo para a ação revolucionária.

1901

Durante sua estadia em Baroda, Barin leu alguns livros sobre espiritualismo e começou a fazer experimentos com a prancheta e as batidas na mesa³⁶. Sri Aurobindo também costumava participar, à noite. Uma ou duas experiências são notáveis.

1. Uma vez, Barin invocou o Dr. K. D. Ghose, o pai deles. A resposta veio que ele estava lá. Pediu-lhe para dar um sinal ou prova de sua identidade. Ele recordou Barin sobre um relógio de ouro que havia lhe presenteado. Barin havia esquecido totalmente desse fato, mas disse que era verdadeiro. Então lhe pediu para dar outra prova. Ele mencionou a existência de certa pintura na parede da casa do Sr. Devdhar, que era um engenheiro. Uma averiguação foi feita, mas tal pintura não foi encontrada. O assunto foi reportado ao Espírito que alegava ser o Dr. K. D. Ghose. Em resposta, ele disse que eles deveriam averiguar de novo. Então, fizeram novo esforço, um esforço mais detalhado, e encontraram que havia uma pintura que fora coberta por uma caiação.

2. Em outra sessão, Tilak estava presente. O Espírito do Dr. K. D. Ghose foi invocado e lhe perguntado “que tipo de homem é este?” Ele respondeu: “Quando todo o seu trabalho estiver arruinado e muitos homens curvarem suas cabeças, este homem manterá sua cabeça de pé”. Isso se provou verdadeiro.

³⁶ Nota do tradutor. São chamados, no Espiritismo, de experimentos com as mesas girantes. A prancheta é conhecida também como tabuleiro ou tábua Ouija.

Uma vez Ramakrishna Paramhansa foi invocado e questões foram perguntadas. Mas ele permaneceu em silêncio por muito tempo. Então, enquanto partia, disse: “Façam um templo, façam um templo” (*Mandir gado*).

Nessa época, a ideia de independência da Índia era dominante e assim todos acreditavam que Ramakrishna havia dado seu consentimento ao projeto do “Bhavani Mandir”. O verdadeiro significado disso Sri Aurobindo interpretou depois de anos como sendo o comando dele para fazer em nós mesmos um templo para a Mãe, ao produzir tal transformação de nós mesmos é que nos tornamos o templo da Mãe.

Essas sessões não tinham muito valor do ponto de vista do yoga. Mas indicavam a limitação da visão de que o físico fosse a única realidade. Sua importância repousa no fato de que apresentaram a Sri Aurobindo a existência de agentes suprafísicos e planos de consciência, e a possibilidade de alcançá-los.

Sri Aurobindo mantinha uma carruagem em Baroda. Para a descrição dela, pode-se ler o livro de D. K. Roy: “*Sri Aurobindo Prasanga*”.

Houve um episódio que é importante. Uma vez, Sri Aurobindo estava indo do *Camp Road* em direção à cidade, em sua carruagem. Exatamente ao lado dos jardins públicos, um acidente foi evitado por pouco. Como ele viu a possibilidade do acidente, achou que, com a vontade de evitá-lo, apareceria lá um Ser de Luz nele, que seria como se fosse o mestre da situação e capaz de controlar os detalhes. Essa experiência foi uma prévia para o início de sua *Sadhana*³⁷.

Essa experiência deve ser a semente do seguinte poema:

THE GODHEAD

I sat behind the dance of Danger's hooves
In the shouting street that seemed a futurist's whim,
And suddenly felt, exceeding Nature's grooves,
In me, enveloping me the body of Him.

Above my head a mighty head was seen,
A face with the calm of immortality
And an omnipotent gaze that held the scene
In the vast circle of its sovereignty.

His hair was mingled with the sun and breeze;
The world was in His heart and He was I:
I housed in me the Everlasting's peace,
The strength of One whose substance cannot die.

³⁷ Nota do tradutor. *Sadhana*: prática espiritual.

The moment passed and all was as before;
Only that³⁸ deathless memory I bore.

A DIVINDADE

Sentei-me atrás da dança dos cascos do Perigo
Na tumultuada rua que parecia um capricho futurista
E subitamente senti, excedendo os entalhes da Natureza,
Em mim, envolvendo-me o corpo Dele.

Acima de minha cabeça uma pujante cabeça era vista,
Uma face com a calma da imortalidade
E um onipotente olhar que sustentava a cena
No vasto círculo de sua soberania.

Seu cabelo estava misturado com o sol e a brisa;
O mundo estava em Seu coração e Ele era eu:
Abriguei em mim a paz do Eterno,
A força do Uno cuja substância não pode morrer.

O momento passou e tudo estava como antes;
Somente sua imortal memória me resta.

13 de setembro de 1939

*

“A filha de meu tio estava a ponto de morrer de tifoide. Os médicos perderam toda esperança e disseram que a única coisa era rezar. Então rezaram e depois da reza acharam que a consciência dela havia retornado!”

“Outra ocorrência foi aquela do filho de Madhav Rao, que estava falecendo em Navsari. Os doutores perderam a esperança. Madhav Rao telegrafou a sua família para interromperem os medicamentos e rezarem a Deus. Quando rezaram, o menino foi curado. Eu sei do caso, por mim mesmo. Madhav Rao mostrou-me o telegrama”.

Conversas Noturnas, 7 de janeiro de 1940

³⁸ its.

1902

Ensino de francês e inglês na faculdade. “*Life of Nelson*” de Southey e “*Reflections on the French Revolution*” de Burke: livros-texto nas primeiras duas turmas.

Aula de Sarat Chandra Mallick na faculdade, Sri Aurobindo conduzindo-a.

Neste ano, Sri Aurobindo foi a Midnapur, pela primeira vez, durante as férias. Lá encontrou Hemchandra Das. Prática de tiro de rifle em suas terras. Resolução para constituir seis centros de ação revolucionária em Bengala. Jatin Banerjee e Barin o acompanharam a Midnapur. Jatin já havia iniciado a organização. Em Calcutá, ele começou uma organização de jovens em colaboração com P. Mitter. Quando Sri Aurobindo foi a Calcutá, Jatin organizou uma entrevista entre os dois. Sri Aurobindo prestou o juramento do partido revolucionário a P. Mitter.

Foi principalmente para a ação revolucionária que Sri Aurobindo visitou Bengala durante esses anos.

Foi a Midnapur pela segunda vez e prestou o juramento a Hemchandra Das, com uma espada e o Gita em sua mão. O conteúdo do juramento era assegurar a liberdade da Mãe Índia, a qualquer custo, e não revelar o segredo da Sociedade a qualquer um de fora.

A ideia de constituir Sociedades Revolucionárias Secretas estava no ar, em Bengala, há muito tempo. Até mesmo Rajnarayan Bose, seu avô, começou uma sociedade, a qual Tagore se filiou quando jovem! Mas esses esforços não resultaram em qualquer resultado. Havia uma sociedade secreta em Maharashtra, presidida por Thakur Ramsingh, o príncipe de Rajput. A filial de Bombaim era dirigida por um conselho de cinco. Sri Aurobindo se organizou para contactar esse grupo e filiou-se a ele. Isto foi depois que já tinha começado sua atividade em Bengala.

Durante este ano (1902), uma sociedade foi iniciada em Deoghar, sob Satyen Bose.

O espírito revolucionário estava tão exaltado que até mesmo os servidores do Governo lhe eram simpáticos e homens como Jogendranath Mukherji, um juiz, ativamente uniram-se ao movimento.

De 28 de abril a 29 de maio de 1902, Sri Aurobindo gozou de uma licença privilegiada. Ele preparou o relatório administrativo do Estado de Baroda. Houve um acréscimo em seu pagamento.

Irmã Nivedita veio a Baroda neste ano. Ela se identificou com a ideologia política de Vivekananda. Ela tinha uma aspiração ardente pela liberdade da Índia. Por fim, ela devia estabelecer sua conexão com a Missão Ramakrishna, por conta de sua atividade política.

A relação entre Irmã Nivedita e Sri Aurobindo não foi bem conhecida e muitas conjecturas, rumores e boatos circularam na imprensa indiana. Damos aqui, nas próprias palavras de Sri Aurobindo a verdade sobre o assunto. “Então, sobre minhas

relações com a Irmã Nivedita - elas foram puramente no campo da política. Espiritualidade e assuntos espirituais não adentraram nelas e não me recordo nada ocorrendo entre nós sobre esses temas, quando eu estava com ela. Um ou duas vezes, ela mostrou o seu lado espiritual, mas ela estava então falando com alguém que tinha vindo vê-la, enquanto eu estava lá”.

Conversas Noturnas, 13 de setembro de 1946

“Encontrei Irmã Nivedita, primeiro em Baroda, quando ela veio ministrar algumas aulas lá. Fui recebê-la na estação e conduzi-la para a casa que lhe fora designada; também a acompanhei em uma entrevista que teve com o Marajá de Baroda. Ela ouviu falar de mim como alguém que acreditava em força e era um devoto de Kali, com isso ela quis dizer que tinha ouvido falar de mim como um revolucionário. Eu já a conhecia porque havia lido e admirado seu livro *Kali - a Mãe*. Foi nestes dias que estabelecemos uma amizade. Depois que comecei minha ação revolucionária em Bengala, através de certos emissários, fui lá pessoalmente para ver e organizar coisas. Encontrei um número de pequenos grupos de revolucionários que tinham recentemente passado a existir, mas todos dispersos e agindo sem referências uns dos outros. Tentei uni-los sob uma única organização com o Advogado P. Mitter, como o líder da revolução em Bengala, e um conselho central de cinco pessoas, sendo uma delas Nivedita”.

“Não tive ocasião de encontrar Nivedita depois disso, até me estabelecer em Bengala como Reitor da Faculdade Nacional e editor-chefe do *Bandemataram*. Por ocasião desse período, me tornei um dos líderes do movimento público conhecido primeiro como extremismo, depois como nacionalismo, mas isso não me deu oportunidade de encontrá-la, com exceção de uma vez ou duas no Congresso, porque minha colaboração com ela foi somente no campo revolucionário secreto. Estava ocupado com meu trabalho e ela com o dela e nenhuma oportunidade apareceu para consulta ou decisões acerca da conduta do movimento revolucionário. Mais tarde, comecei a ter tempo para ir vê-la ocasionalmente em Bagbazar”.

“Em uma dessas visitas, ela me informou que o Governo havia decidido deportar-me e ela queria que eu fosse para a clandestinidade ou deixasse a Índia britânica e atuasse do exterior, de forma a evitar a interrupção de meu trabalho. Não havia perigo para ela, nesta época, apesar de seus pontos de vista políticos, ela tinha relações amigáveis com oficiais do alto escalão do governo e não havia risco de ser presa. Eu lhe disse que não pensava que fosse necessário aceitar sua sugestão; eu escreveria uma carta aberta, no *Karmayogin*, a qual, eu pensava, iria impedir essa ação do Governo. Isso foi feito e, na minha visita seguinte a ela, ela me disse que meu movimento foi totalmente bem sucedido e que a ideia de deportação tinha sido descartada. A partida

para Chandernagore aconteceu depois e não houve conexão entre os dois episódios, os quais foram completamente confundidos, na narrativa do livro”.

Conversas Noturnas, 13 de setembro de 1946

Em sua entrevista, Irmã Nivedita pressionou o Marajá a se unir e ajudar o movimento revolucionário. O Marajá não se comprometeu e simplesmente disse que enviaria sua resposta por Sri Aurobindo, o que nunca fez. Disse desse modo apenas para se esquivar da questão. Mas se surpreendeu ao descobrir que Sri Aurobindo mantinha tão vivo interesse no movimento.

Muito provavelmente foi durante este ano (1902?) que Barin foi enviado a Calcutá para ajudar Jatin Banerjee. Barin permanecera em Baroda, desde 1901. O trabalho em Calcutá começou na *Upper Circular Road*, n. 106. Jatin, Barin e Abinash eram os ativistas. Jatin costumava atuar entre os advogados das classes educadas, doutores, etc. Barin e Abinash entre os estudantes da faculdade. Onde encontrassem um solo fértil, eles tentavam lá organizar os jovens e ensiná-los a lutar *lathi*³⁹, esgrima e até mesmo equitação. Após trabalharem juntos por seis meses, eles se separaram. Barin e Abinash transferiram-se para *Madan Mitter Lane* e Jatin mudou-se para *Sitaram Ghose Street*.

1903

De 22 de fevereiro a 21 de março de 1903, Sri Aurobindo gozou de um mês de licença. Depois, foi chamado pelo Marajá para acompanhá-lo em sua viagem a Caxemira. De 22 de março a 15 de abril de 1903, pegou turmas extras de francês, em casa, para compensar a perda das aulas devido à sua licença.

Em abril, foi a Caxemira com o Marajá. O Reitor fez um duro relatório contra sua ausência da Faculdade, durante o período corrente; e na abertura da Faculdade, o Tesoureiro⁴⁰ pediu uma explicação de Sri Aurobindo, que estava em viagem. A explicação que ele ofereceu foi a seguinte:

1. Uma carta foi enviada ao Reitor, a qual parece não ter sido recebida por ele.
2. Antes de ir a Caxemira, ele fora chamado pelo Marajá para um trabalho urgente e importante.
3. “Eu estava dando aulas, pela tarde, em minha casa, porque três quartos de uma hora na manhã eram insuficientes. Tenho sempre o costume de fazer minha própria

³⁹ Nota do tradutor. *Lathi* é uma arte marcial tradicional de Bengala, que utiliza uma vara de bambu.

⁴⁰ Nota do tradutor. No original, “Diwan”. Designa um alto funcionário do governo, que se ocupa com finanças, entre outras funções.

organização com os estudantes do que é o mais necessário, porque tinha muitos desdobramentos do trabalho a fazer!”

Datado de 4 de junho de 1903

A explicação foi enviada durante a viagem, e assim ele conclui a nota dizendo: “Como estou com o Marajá, neste momento, anote por favor que eu não poderei pegar as turmas do segundo período”. O pagamento deste ano foi 450 rupias.

O Comitê Rowlatt faz menções a uma brochura revolucionária, *Bhavani Mandir*. Foi escrita por Sri Aurobindo. Um templo da Mãe Índia seria construído, em algum lugar na floresta ou no topo de alguma montanha, onde trabalhadores, que iriam se dedicar no espírito de total renúncia para a liberdade da Índia, seriam preparados. Outros, que não podiam galgar a esse tom de renúncia de tudo, iriam ajudar esses *Sannyasins*⁴¹ políticos, de outro modo. É possível que a concepção básica deste projeto deva ter sido derivada de *Ananda Math* de Bankim.⁴²

Mencionamos antes que Sri Aurobindo tirou licença de 22 de fevereiro a 21 de março de 1903. A razão de sua licença foi ajustar diferenças que surgiram entre Jatin Banerjee e Barin, em Calcutá. Pareceu que Jatin, depois de seu treinamento militar em Baroda, tinha se tornado um tipo de disciplinador rígido e insistia em impor disciplina nos jovens da organização. Barin não era capaz de trabalhar sob as ordens de ninguém, com exceção dos principais líderes. Jatin tornou-se impopular por causa de sua rigidez. Pode-se dizer que havia rivalidade entre os dois pela liderança. Sri Aurobindo permaneceu neste período com Jogendra Vidya Bhushan que era um servidor do Governo e simpatizante do movimento revolucionário. Devavrata e Suresh Samajpati estavam do lado de Barin. Mesmo Hemchandra Das estava com Barin. Hemchandra Das escreve (em seu livro): “Ele (Jatin) tinha um grande desejo de fazer o trabalho. Era mais do que um militar. Para um bengalês este fato de se tornar um militar é algo tão inimaginável que seu temperamento virou o de um “general”. Jatin costumava praticar seu generalato totalmente sobre os jovens”.

Sri Aurobindo ouviu ambos os lados e deu sua decisão de que Jatin devia continuar o trabalho. A autoridade final não devia ser depositada em Jatin ou Barin, mas no comitê de cinco membros, que incluíam P. Mitter e Irmã Nivedita. Deveria ser notado aqui que as diferenças não seriam de fato removidas e desavenças ocasionais continuariam. Sri Aurobindo não teve interesse na questão. Ele encontrava os membros somente na ocasião do trabalho.

Sri Aurobindo escreve sobre este trabalho: “O trabalho sob P. Mitter se espalha enormemente e por fim abriga dezenas de milhares de jovens e o espírito da revolução,

⁴¹ Nota do tradutor. Renunciantes do mundo, ascetas.

⁴² Veja o texto do *Bhavani Mandir*, reproduzido mais à frente.

espalhado pelo periódico de Barin “Yugantar”, tornou-se geral na geração jovem, mas durante minha ausência em Baroda, o conselho deixou de existir, porque foi impossível manter um acordo entre os vários grupos”.

Foi neste ano (1903) que Sri Aurobindo encontrou Abinash Bhattacharya pela primeira vez. Foi quando Sri Aurobindo veio para resolver as diferenças que Abinash teve a oportunidade de ver Sri Aurobindo.

Este é o modo como ele descreve isso: “Sri Aurobindo e Jatin estavam sentados e conversando juntos (na casa de Jatin), quando Barin conduziu-me a Sri Aurobindo”. Ele havia feito o juramento. O ato da Partição de Bengala estava sendo passado na legislatura. Sri Aurobindo disse aos três que estivessem presentes, “era uma oportunidade muito boa. Continuar a agitação contra a partição, com força. Obteremos muitos trabalhadores para o movimento”.

Sri Aurobindo escreveu um panfleto, com o título “Sem Compromisso”, nesta época. Nenhuma gráfica em Calcutá estava querendo imprimi-lo. Por fim, Abinash, em sua casa, mandou Kulkarni, um revolucionário marata, editá-lo, e à noite fez algumas milhares de cópias impressas e gratuitamente as distribuiu.

Quando Sri Aurobindo estava em viagem na Caxemira, ele visitou Takhat-i-Suleman ou o que é conhecido como o “monte de Shankaracharya”. Lá, sem nenhum esforço, ele experienciou o Infinito vazio de um modo muito tangível e a experiência deixou em sua mente uma profunda impressão.

Poesia não é autobiografia, exceto no sentido de ser uma expressão da experiência do ser interior. As visitas de Sri Aurobindo a Chandod e a Caxemira parecem ter-lhe dado inspiração para dois ou três poemas. Dois deles estão reproduzidos aqui:

ADWAITA

I walked on the high-wayed Seat of Solomon
Where Shankaracharya's tiny temple stands
Facing Infinity from Time's edge, alone
On the bare ridge ending earth's vain romance.

Around me was a formless solitude:
All had become one strange Unnamable,
An unborn sole Reality world-nude,
Topless and fathomless, for ever still.

A Silence that was Being's only word,
The unknown beginning and the voiceless end

Abolishing all things moment-seen or heard,
On an incommunicable summit reigned,

A lonely Calm and void unchanging Peace
On the dumb crest of Nature's mysteries.

NÃO-DUALIDADE

Caminhei sobre o elevado Trono de Salomão
Onde o pequeno templo de Shankaracharya se situa
Faceando o Infinito desde o limite do tempo, só
No cume nu que encerra o vão romance da terra.

Em torno de mim havia uma solidão sem forma:
Tudo se tornara um estranho Inominável,
Uma única Realidade não nascida mundialmente nua,
Sem cume e sem fundo, para sempre ainda.

Um Silêncio que era a única palavra do Ser,
O desconhecido princípio e o fim sem voz
Abolindo todas as coisas vistas ou ouvidas no momento,
Sobre um incommunicável topo reinava,

Uma amável Calma e vazio que não abala a Paz
Na silenciosa crista dos mistérios da Natureza.

19 de outubro de 1939

Nota: Trono de Salomão é Takhat-i-Suleman.

THE HILL-TOP TEMPLE

After unnumbered steps of a hill-stair
I saw upon earth's head brilliant with sun
The immobile Goddess in her house of stone
In a loneliness of meditating air.

Wise were the human hands that set her there
Above the world and Time's dominion;

The Soul of all that lives, calm, pure, alone,
Revealed its boundless self mystic and bare.

Our body is an epitome of some Vast
That masks its presence by our humanness.
In us the secret Spirit can indite
A page and summary of the Infinite,

A nodus of Eternity expressed
Live in an image and a sculptured face.

O TEMPO NO CUME DO MONTE

Depois de inumeráveis degraus de uma escada de colina
Eu vi sobre o cume da terra brilhando com o sol
A imóvel Deusa em sua casa de pedra
Em uma solidão de ar meditativo

Sábias foram as mãos humanas que a colocaram lá
Acima do mundo e do domínio do Tempo;
A Alma de tudo o que vive, calma, pura, solitária,
Revelou seu ilimitado Si mesmo mítico e vazio.

Nosso corpo é um epítome de algo Vasto
Que marca sua presença por nossa humanidade.
Em nós o secreto Espírito pode indicar
Uma página e sumário do Infinito,

Um nódulo de Eternidade expresso
Vivo numa imagem e num rosto esculpido.

21 de outubro de 1939

1904

28 de setembro: ele foi indicado Vice-Reitor da faculdade, pagamento de 550 rupias por mês. Era muito popular com os estudantes e o Reitor também gostava muito dele. O Marajá manteve um orçamento para suas atividades pessoais, mesmo quando fez essa indicação permanente.

O mais importante trabalho que o Marajá lhe designou para fazer neste ano foi preparar um rascunho do processo de Bapat, que se arrastava há muito tempo. Sri Aurobindo foi chamado a Ooty para esse objetivo, durante suas férias.

Sri Aurobindo encontrou Charu Chandra Dutt, do Serviço Civil Indiano (S.C.I.), que estava trabalhando em Thana. O projeto do *Bhavani Mandir* lhe foi explicado e Dutt se uniu ao partido revolucionário.

Durante este ano (1904), no mês de setembro, Sri Aurobindo de novo passou por Thana, encontrou Sri Charu Chandra Dutt e discutiu o esquema do Bhavani Mandir com Haribhau Modak, editor do *Rastramat*, Kaka Saheb Patil, um advogado de Vasai, e um ou dois outros homens. O ponto de vista deles era que o elemento espiritual deveria ser deixado de fora, o lado político deveria ser realçado e, no lado material, bombas e pistolas deveriam ser colocadas.

Foi durante este ano que Sri Aurobindo começou yoga, de certo modo seriamente. Ele consultou o engenheiro Devdhar, que era um discípulo do Swami Brahmananda de Chandod, para detalhes sobre pranayama. Havia uma ideia corrente também que o yoga não poderia ser feito sem pranayama. Ele descreve os resultados como segue:

“Minha própria experiência é que o cérebro se torna *Prakashmaya* - cheio de luz. Quando estava praticando pranayama em Baroda, eu costumava fazê-lo de cinco a seis horas por dia, três horas pela manhã e duas à noite. A mente trabalha com grande iluminação e poder. Neste período, eu costumava escrever poesia. Normalmente, eu escrevia de cinco a oito ou dez versos por dia, cerca de cem versos em um mês. Depois do pranayama, eu podia escrever duzentos versos, em meia hora. Anteriormente minha memória ficava aborrecida, mas depois, quando a inspiração chegava, eu podia lembrar os versos em sua sequência e registrá-los convenientemente, em qualquer tempo. Juntamente com essa aprimorada atividade mental, eu podia ver uma energia elétrica toda em torno do cérebro”.

As seguintes citações de “Letters on Savitri” dão uma ideia de como ele trabalhou em sua criação poética posteriormente:

“Este último verso ‘the high boughs prayed in a revealing sky’⁴³ (*Savitri* I, Canto I) é uma expressão de uma experiência que frequentemente eu tinha, ou nas montanhas ou nas planícies de Gujarat ou olhando de minha janela em Pondicherry, não somente no amanhecer mas em outros momentos”.

“Eu não trabalho no poema, uma vez por semana. Tenho outras coisas para fazer. Uma vez por mês, talvez, eu olho o novo formato do primeiro livro e faço tantas mudanças quanto a inspiração me indica”.

Em outra carta, ele se refere a isso, nos seguintes termos:

⁴³ Nota do tradutor. ‘os altos ramos oraram em um céu revelador’.

“Depois de quatro anos de pranayama e outras práticas minhas próprias, com não outro resultado do que um incremento na saúde e no fluxo de energia, alguns fenômenos psicofísicos, um grande fluxo de criação poética, um poder limitado de visão sutil (padrões luminosos e figuras, etc.), principalmente com olhos despertos, tive uma suspensão completa” (maio de 1932).

Durante o período de início de seu *sadhana*, ele costumava ver coisas nos planos sutis como mencionado na carta abaixo. Ele descreve como começou a ver interiormente:

“Eu me lembro quando primeiro comecei a ver interiormente (e exteriormente também com os olhos abertos), um amigo cientista meu começou a falar de pós-imagens, ‘há somente pós-imagens’, eu lhe perguntei se pós-imagens permanecem diante dos olhos por um tempo de dois minutos. Não, para seu conhecimento, somente por uns poucos segundos; eu também lhe perguntei se alguém poderia ter pós-imagens de coisas que não estavam entorno dele ou mesmo que não existiam sobre a terra, uma vez que tivessem outras formas, outro caráter, outros matizes, contornos e um dinamismo muito diverso, movimentos vivos e valores - ele não podia responder afirmativamente. Isto é como as assim chamadas explicações científicas falham, tão logo quanto você as coloca fora do mundo das nuvens de sua teoria mental e as defronta com os fenômenos reais que elas fingem decifrar” (19 de fevereiro de 1932).

Foi durante sua estadia em Baroda que Sri Aurobindo teve a experiência pessoal de *Narayana Jyotishi*, o qual, sem nenhuma referência ao horóscopo, previu seus três processos políticos e também sua libertação, ao dizer que ele permaneceria no problema, enquanto lutasse contra “inimigos brancos”. Nesta época, Sri Aurobindo não teve seriamente o pensamento de interromper a atividade política.

Barin acompanhou Sri Aurobindo de Deoghar a Baroda, e então partiu para as montanhas Vindhya em busca de um “lugar distante da atmosfera das cidades, na solidão, para encontrar uma pacífica e enobrecedora atmosfera” para estabelecer lá o templo da Mãe Índia. Retornou com uma febre da montanha muito persistente!

Barin estava em tratamento, mas não se curava, quando um *Naga Sannyasi* chegou, a partir de quem Sri Aurobindo teve uma prova direta dos poderes do yoga e também de sua utilidade.

“Eu primeiro soube da cura yóguica a partir de um Naga Sadhu ou Sannyasi. Barin teve uma febre da montanha quando estava circulando em Amarkantak. O sadhu tomou uma xícara de água e a cortou transversalmente com uma faca, enquanto repetia um Mantra. Ele então pediu ao Barin para bebê-la, dizendo que ele não teria febre no dia seguinte. E a febre o deixou”.

Nos anos de 1904 e 1905, Sri Aurobindo ficava na *Grey Street*, quando ia a Calcutá, durante as férias. Barin cozinhava e Devabrata, depois conhecido como Swami

Prajnamanda, costumava vir e ir, isto é, permanecer em intervalos irregulares com ele. Todos aqueles que seriam recrutados para a organização revolucionária costumavam vir para a casa da *Grey Street* e encontrar Barin, Jatin ou Devabrata. Sri Aurobindo costumava encontrar somente aqueles que eram importantes. Eles costumavam avaliar o dia de trabalho e trocar ideias na hora da refeição. Este era o trabalho de recrutamento, que começou em 1899-1900. Mas Sri Aurobindo queria permanecer na retaguarda e trabalhar. Ele tinha aversão de aparecer diante do público.

Durante este ano, os centros revolucionários, não juntos bem organizados, mas separados, haviam começado em Khulna, Rangpur, Midnapur, Dacca, etc.

Pontos da Declaração do Sj. R. N. Patkar, advogado, Baroda, são reproduzidos aqui para dar uma ideia da vida de Sri Aurobindo em Baroda.

“Naqueles dias, ele não consumia qualquer alimento cozido à noite, mas costumava consumir frutas - principalmente bananas - e uma xícara de leite. Este austero modo de vida continuou até o dia em que deixou Baroda (isto é, 1906).

Quando cheguei em Baroda, eu era um simples rapaz com apenas dezesseis anos de idade e assim não estava em condições de julgar as coisas com propriedade. Entretanto, registro uns poucos pontos que me impressionaram durante meu contato.

Sri Aurobindo era muito simples em seu modo de vida. De modo algum era enjoado em seus gostos. Não se preocupava muito com comidas ou roupas porque nunca deu importância alguma a elas. Ele nunca visitou o mercado para suas roupas. Em casa, vestia-se com um *sadara* branco e liso e um *dhoti* e, fora de casa, invariavelmente com ternos brancos. Nunca dormia em uma cama macia de algodão - como a maioria de nós - mas em uma cama de coco - com fibras de coco - sobre a qual se estendia um colchão de grama de Malabar que servia como uma colcha.

Uma vez, perguntei-lhe porque usava uma cama tão dura e grosseira, a isso ele respondeu com seu sorriso característico: “Você não sabe, meu jovem, que sou um *Brahmachari*? Nossos *Shastras* ordenam que um *Brahmachari* não deveria usar uma cama macia”.

Outra coisa que observei a respeito dele foi a total ausência de amor pelo dinheiro. Ele costumava ter a quantia fixa de três meses de remuneração em uma bolsa, que ele esvaziava numa bandeja deixada sobre sua mesa. Ele nunca se incomodou em guardar dinheiro em um cofre com fechadura ou chave. Não guardava um controle do que gastava. Um dia, casualmente perguntei-lhe por que guardava seu dinheiro dessa maneira. Ele sorriu e assim respondeu: “Bem, é uma prova de que estamos vivendo no meio de pessoas boas e honestas”. “Mas você nunca mantém um controle que pode testemunhar a honestidade das pessoas ao redor de você?” Eu lhe perguntei.

Então, com a face serena, ele disse: “É Deus que tem o controle para mim. Ele me dá tanto quanto quero e guarda o restante para Ele mesmo. De todo modo, Ele não me deixa em falta, então por que eu deveria me preocupar?”

Ele costumava ficar absorvido na leitura ao ponto em que, algumas vezes, se distraía das coisas ao seu redor. Uma noite, o serviçal trouxe seu jantar, colocou os pratos sobre a mesa e lhe informou: “*Sab, Khana rakha hai*” - “Senhorio, o jantar está servido”. Ele simplesmente disse, “*Achcha*” - “tudo bem”, sem mesmo mover sua cabeça. Depois de cerca de uma hora, o serviçal retornou para levar os pratos e, para sua surpresa, encontrou os pratos intocados sobre a mesa! Ele não ousava perturbar seu senhorio e assim veio a mim em silêncio e me falou disso. Eu deveria ir ao seu quarto e lembrá-lo do jantar que espera. Ele deu um sorriso, foi à mesa e terminou seu jantar, em pouco tempo, e retomou sua leitura.

Tive a boa sorte de ser seu aluno, quando eu estava na Turma Intermediária. Seu método de ensino era a novela. No início, ele costumava dar uma série de aulas introdutórias, no intuito de iniciar os estudantes no tema do texto. Depois disso, costumava ler o texto, parando onde era necessário para explicar o significado de palavras e sentenças difíceis. Concluía dando aulas gerais, abordando vários aspectos do tema, no texto.

Todavia, mais do que as suas aulas na Faculdade, era um deleite ouvi-lo na tribuna. Ele costumava ocasionalmente presidir os encontros da *Sociedade de Debates* da Faculdade. O grande pátio central da Faculdade costumava ficar cheio, quando era sua vez de falar. Ele não era um orador, mas um locutor de altíssimo nível e era ouvido com muita atenção. Sem qualquer gesto ou movimento dos membros, ele permanecia imóvel e sua fala fluía como um riacho de seus lábios, com natural facilidade e melodia, que mantinha a audiência enfeitiçada. ... Embora tenha sido há mais de cinquenta anos que o ouvi, eu ainda recordo de sua imagem e do som metálico de sua voz melodiosa.

Em uma ocasião, aconteceu de eu falar com ele sobre um grande homem de Bengala. Mencionei Romesh Chandra Dutt como um grande poeta, porque ele tinha traduzido o Ramayana e o Mahabharata para a poesia inglesa.

Sri Aurobindo disse: “Você considera Romesh Dutt um poeta? Não, você pode chamá-lo no máximo um ritmista, não um poeta. Todos aqueles que escrevem versos não são poetas. Mesmo um escrito de prosa pode ser um poeta, se ele tem o dom poético”.

No dia de sua partida de Baroda, ele me chamou em seu quarto e me disse afetuosamente para ser bom e leal aos ditames de minha consciência. Então foi diretamente a sua estante e, conhecendo meu amor pelo sânscrito, pegou a *Xacuntalá* de Kalidasa e o *Vikramorvasi*, e os presenteou a mim como um símbolo de seu amor. Também me deu o seu livro de poemas: *Songs to Myrtilla*, e sua tradução do *Vikramorvasi*.

Embora eu agora esteja velho, ainda me lembro da cena de despedida, com o coração pesado”.

*

“No início de 1905, Sri Aurobindo, Deshpande e Khasirao reuniam-se à noite, quando Barin trazia a prancheta⁴⁴. Uma vez, reuniram-se sucessivamente por três dias. No quarto dia, eu perguntei a Barin que assunto era. Ele me disse, sem a menor hesitação, que uma mensagem da Divindade tem sido recebida com detalhadas orientações que, depois de serem postas em uma forma legível, deveriam ser impressas sob o título “Bhawani Mandir”. Seria somente para circulação particular”.

R. N. PATKAR
Advogado, Baroda
30 de setembro de 1956

BHAWANI MANDIR⁴⁵

OM

Namas Chandikayai

Um templo deve ser erigido e consagrado a Bhawani, a Mãe, entre as colinas. Para todas as crianças da Mãe, o chamado é enviado diretamente para ajudar no trabalho sagrado.

Quem é Bhawani?

Quem é Bhawani, a Mãe, e por que nós deveríamos erigir um templo para ela?

Bhawani é a Infinita Energia

Nas intermináveis revoluções do mundo, como a roda do Eterno gira fortemente em seus cursos, a Infinita Energia, que flui diretamente do Eterno e faz a roda trabalhar, aparece na visão do homem em vários aspectos e infinitas formas. Cada aspecto cria e assinala uma idade. Algumas vezes, Ela é Amor; algumas vezes Ela é Conhecimento; algumas vezes, Ela é Renúncia; algumas vezes, Ela é Piedade. Essa Infinita Energia é

⁴⁴ Nota do tradutor. Prancheta é o instrumento usado na comunicação com os mortos. Veja acima o ano de 1901.

⁴⁵ Escrito por Sri Aurobindo e divulgado durante os dias da “Partição de Bengala”, nos primeiros anos do século vinte. Este Manuscrito só foi recuperado recentemente.

Bhawani, Ela é também Durga, Ela é Kali, Ela é Radha, a Amada, Ela é Lakshmi, Ela é nossa Mãe e a Criadora de todos nós.

Bhawani é Shakti

Na idade atual, a Mãe é manifestada como a mãe do Poder. Ela é pura Shakti.

O Mundo Todo está crescendo pleno da Mãe como Shakti

Deixe-nos erguer nossos olhos e lançá-los sobre o mundo ao nosso redor. Para onde voltamos nosso olhar, enormes massas de poder erguem-se diante de nossa visão, tremendas, instantâneas e inexoráveis forças, figuras gigantes de energia, terríveis arrebatadoras colunas de força. Tudo está crescendo imenso e forte. A Shakti da guerra, a Shakti da saúde, a Shakti da Ciência são dez vezes mais potentes e colossais, uma centena de vezes mais ferozes, rápidas e ativas em suas ações, um milhar de vezes mais prolíficas em recursos, armas e instrumentos do que nunca antes, na história registrada. Em toda parte, a Mãe está no trabalho; de Suas mãos poderosas e modeladoras, imensas formas de Rakshasas, Asuras e Devas estão lançando-se adiante, na arena do mundo. Estamos vendo o lento, mas poderoso despertar de grandes impérios no Ocidente, estamos vendo o rápido, irresistível e impetuoso salto na vida do Japão. Algumas são Mleccha Shaktis, obscurecidas em seus poderes, negras ou de cor vermelho-sangue com tamas ou rajas, outras são Arya Shaktis, imersas em uma chama pura de renúncia e absoluto autossacrifício: mas todas elas são a Mãe em Sua nova fase, remodelando, criando. Ela está derramando Seu espírito no velho; Ela está turbilhonando na vida o novo.

Nós, na Índia, falhamos em todas as coisas por falta de Shakti

Mas na Índia a respiração se move vagarosamente, a inspiração demora para chegar. Índia, a antiga Mãe, está de fato se esforçando para renascer, esforçando-se com agonia e lágrimas, mas se esforça em vão. O que a aflige, ela que é tão forte, depois de ser, em tudo, tão vasta e poderosa? Há seguramente algum imenso defeito, algo vital está faltando em nós, nem é difícil colocar nosso dedo no local. Temos todas as outras coisas, mas estamos vazios de força, vazios de energia. Abandonamos a Shakti e consequentemente estamos abandonados pela Shakti. A Mãe não está em nossos corações, em nossos cérebros, em nossos braços.

O desejo de renascer temos em abundância, não há deficiência lá. Quantas tentativas têm sido feitas, quantos muitos movimentos têm sido iniciados, na religião, na sociedade, na política! Mas o mesmo destino ultrapassou ou está se preparando para

ultrapassá-los todos. Eles florescem por um tempo, então o impulso diminui, o fogo falece, e se eles aguentam, é somente como conchas vazias, formas a partir do quais o Brahma partiu ou nos quais permanece dominado por *tamas* e inércia. Nossos começos são poderosos, mas não têm continuidade nem fruto.

Agora estamos principiando em outra direção; começamos um grande movimento industrial que deve enriquecer e regenerar um país empobrecido. Não ensinado pela experiência, não percebemos que esse movimento deve seguir o caminho de todos os outros, a menos que primeiro busquemos a única coisa essencial, a menos que adquiramos força.

Nosso Conhecimento é uma Coisa Morta por Falta de Shakti

É conhecimento o que está faltando? Nós indianos nascemos e nos criamos em um país onde *Jnana* tem sido guardada e acumulada desde que a raça começou, tem a ver conosco os ganhos herdados de muitos milhares de anos. Grandes gigantes do conhecimento surgiram entre nós mesmo hoje para somar ao estoque. Nossa capacidade não encolheu, o limite de nosso intelecto não foi embotado ou diminuído, sua receptividade e flexibilidade são tão variadas como antigamente. Mas é um conhecimento morto, um fardo sob o qual estamos curvados, um veneno que está nos corroendo, ao invés do modo como ele deveria ser: um apoio para sustentar nossos pés e uma arma em nossas mãos; porque esta é a natureza de todas as grandes coisas, as quais, quando não são usadas ou são mal usadas, se voltam contra o portador e o destroem.

Nosso conhecimento, então, sobrecarregado com um carga pesada de *tamas*, está sob a maldição da impotência e inércia. Escolhemos de fato fantasiar, atualmente, que, se nós adquirirmos Ciência, tudo estará bem. Vamos primeiro perguntar a nós mesmos o que fizemos com o conhecimento que já possuímos, ou o que aqueles, que já adquiriram Ciência, têm sido capazes de fazer para a Índia. Imitadores ou incapazes de iniciativa, nós nos esforçamos para copiar os métodos da Inglaterra, e não tínhamos a força; nós agora poderíamos copiar os métodos dos japoneses, um povo ainda mais enérgico; é provável que tenhamos sucesso melhor? A força poderosa do conhecimento que a Ciência europeia aplica é uma arma nas mãos de um gigante, é a maçã de Bheimsen; o que pode um fraco fazer com ela, além de esmagar a si mesmo na tentativa de empunhá-la?

Nossa Bhakti não pode Viver e Trabalhar pela Falta de Shakti

É amor, entusiasmo, *Bhakti*, que está faltando? Essas estão enraizadas na natureza indiana, mas na ausência de *Shakti*, não podemos concentrá-las, não podemos

direcioná-las, nem mesmo preservá-las. Bhakti é a chama saltitante, Shakti é o combustível. Se o combustível é escasso, por quanto tempo pode o fogo durar?

Quando a forte natureza, iluminada pelo conhecimento, disciplinada e dada a uma potência de gigante pelo Karma, ergue-se por si mesma, em amor e adoração a Deus, esta é a Bhakti que sustenta e mantém a alma para sempre unida com o Divino. Mas a fraca natureza é por demais débil para suportar o ímpeto de algo tão potente, como a Bhakti perfeita; ela é levantada por um momento, então a chama ergue-se ao Céu, deixando-a atrás exausta e mesmo mais fraca do que antes. Todo movimento de qualquer tipo, do qual entusiasmo e adoração são a vida, deve falhar e logo extinguir, se o material humano do qual ele provém for frágil e leve em substância.

A Índia Portanto necessita de Shakti Exclusivamente

Quanto mais fundo nós olhamos, mais seremos convencidos de que a única coisa faltante, que devemos nos esforçar para obter antes de todas as outras, é potência - potência física, potência mental, potência moral, mas acima de tudo potência espiritual, que é a única fonte inexaurível e imperecível entre todas as outras. Se tivermos potência, tudo o mais nos será adicionado, fácil e naturalmente. Na ausência de potência, somos como homens em um sonho, que têm mãos mas não podem pegar ou golpear, que têm pés mas não podem correr.

Índia, Envelhecida e Decrépita em Vontade, deve Renascer

Toda vez que nos esforçamos para fazer algo, depois que o primeiro ímpeto de entusiasmo é gasto, um paralisante desamparo nos captura. Frequentemente vemos, nos casos de homens idosos, cheios de anos e experiência, que um demasiado excesso de conhecimento parece ter congelado seus poderes de ação e seus poderes de vontade. Quando um grande sentimento ou uma grande necessidade os atinge e é necessário realizar suas sugestões na ação, eles hesitam, ponderam, discutem, fazem um esforço incerto e as abandonam ou esperam um modo mais fácil e seguro para sugerir o mesmo, em vez de seguir o mais direto; então o tempo, quando foi possível e necessário agir, se perde. Nossa raça cresceu justamente como um homem idoso com estoques de conhecimento, com habilidade para sentir e desejar, mas paralisado por uma lentidão senil, timidez senil, fraqueza senil. Se a Índia deve sobreviver, ela deve se tornar jovem de novo. Fluxos correntes e ondulantes de energia devem ser derramados sobre ela; sua alma deve se tornar, como foi nos tempos antigos, tal como vastas ondas, poderosas, calmas ou turbulentas segundo sua vontade, um oceano de ação ou de força.

Índia pode ser Renascida

Muitos de nós, completamente atingidos pelo *tamas*, o demônio escuro e pesado da inércia, estão dizendo atualmente que isso é impossível, que a Índia está decaída, sem sangue e sem vida, por demais fraca até mesmo para se recuperar; que nossa raça está destinada à extinção. É uma fala tola e frívola. Nenhum homem ou nação necessitam ser fracos até que escolham, nenhum homem ou nação necessitam perecer até que deliberadamente escolham a extinção.

O que é uma Nação? A Shakti de seus Milhões.

Para o que existe uma nação? O que é nosso país-mãe? Não é um pedaço de terra, nem uma figura de expressão, nem uma ficção da mente. É uma poderosa Shakti, composta de Shaktis de todos os milhões de unidades que constroem a nação, exatamente como Bhawani Mahisha Mardini veio a existir, a partir da Shakti de todos os milhões de deuses reunidos em uma única massa de força, e fundiu-se numa unidade. A Shakti que nós chamamos Índia, Bhawani Bharati, é a unidade viva da Shakti de trezentos milhões de pessoas; mas ela está inativa, aprisionada no círculo mágico de *tamas*, a inércia autoindulgente e a ignorância de seus filhos. Para nos livrar de *tamas*, devemos todavia despertar o Brahma interior.

É Nossa Própria Escolha se Criamos uma Nação ou Perecemos

O que é que tantos milhares de homens santos, Sadhus e Sannyasins, pregaram para nós silenciosamente por meio de suas vidas? Qual foi a mensagem que irradiou da personalidade de Bhagawan Ramakrishna Paramhansa? O que foi que formou o cerne da eloquência com que o coração de leão de Vivekananda procurou agitar o mundo? É isso, que em cada um desses trezentos milhões de homens, do *rajá* em seu trono até o trabalhador em sua ocupação, do *brâmane* absorvido em sua *Sandhya*⁴⁶ até o pária que caminha evitado pelos homens, DEUS VIVE. Somos todos deuses e criadores, porque a energia de Deus está conosco e toda vida é criação; não somente o fazer de novas formas é criação, mas a preservação é criação, mesmo a destruição é criação. Resta conosco o que vamos criar; porque nós não somos, a menos que escolhamos, marionetes dominados pelo Destino e por Maya; somos facetas e manifestações do Poder Onipotente.

⁴⁶ Nota do tradutor. *Sandhya* em sentido geral são os ritos sagrados.

A Índia deve ser Renascida, porque seu Renascimento é Requerido pelo Futuro do Mundo

A Índia não pode perecer, nossa raça não pode se extinguir, porque, entre todas as divisões da humanidade, para a Índia é que está reservado o destino mais elevado e mais esplêndido, o mais essencial para o futuro da raça humana. É ela quem deve levar adiante, a partir de si mesma, a futura religião do mundo inteiro, a religião Eterna que harmoniza toda religião, ciência e filosofias, e faz da humanidade uma única alma. Na esfera da moralidade, do mesmo modo, é sua missão remover o barbarismo (o estado de *mleccha*) da humanidade e arianizar o mundo. Para fazer isso, ela deve primeiro rearianizar-se a si mesma.

Foi para iniciar esta grande obra, a maior e mais maravilhosa obra jamais dada a uma raça, que Bhagawan Ramakrishna veio e Vivekananda pregou. Se a obra não progride, como uma vez foi prometido que se realizaria, é porque nós, mais uma vez, permitimos a terrível névoa de Tamas se estabelecer em nossas almas - medo, dúvida, hesitação, morosidade. Pegamos, alguns de nós, a Bhakti emanada por alguém e a Jnana que nos foi dada por um outro, mas pela falta de Shakti, pela falta de Karma, não temos sido capazes de fazer de nossa Bhakti uma coisa viva. Devemos ainda nos lembrar que foi Kali, que é Bhawani, Mãe da força, a quem Ramakrishna venerou e com quem ele se tornou um.

Mas o destino da Índia não poderá esperar pelas lisonjas e falhas dos indivíduos, a Mãe requer que os homens se ergam para estabelecer Seu culto e fazê-lo universal.

Para ter Força nós devemos Adorar a Mãe da Força

Força nesse caso e de novo força e ainda mais força é a necessidade de nossa raça. Mas se é força o que desejamos, como a ganharemos se não adorarmos a Mãe da força? Ela requer culto não para Seu próprio interesse, mas no intento de que Ela possa nos ajudar e dar a Si mesma a nós. Esta não é uma ideia fantástica, nem uma superstição, mas uma lei comum do universo. Os deuses não podem, mesmo que eles quisessem, dar-se aos que não pedem. Mesmo o Eterno não pode vir de surpresa aos homens. Todo devoto conhece por experiência que nós devemos nos voltar a Ele e desejar e adorá-Lo, antes que o Divino Espírito se derrame com sua inefável beleza e êxtase sobre a alma. O que é verdadeiro do Eterno, é verdadeiro também Dela, que provém Dele.

Religião, o Caminho Verdadeiro

Aqueles que, possuídos pelas ideias do Ocidente, olham de soslaio para todo retorno às velhas fontes de energia, devem bem considerar alguns fatos fundamentais.

O Exemplo do Japão

I. Não há exemplo, na história de um soerguimento mais maravilhoso e súbito de força, em uma nação, do que o moderno Japão. Todos os tipos de teorias têm sido propostos para entender a insurgência, mas agora nos é dito que as fontes desse despertar poderoso, as origens dessa força inexaurível, foi o intelectual japonês. Foram extraídas da religião. Foram os ensinamentos vedantinos de Oyomei e a recuperação do Xintoísmo, com seu culto da Shakti nacional do Japão, na imagem e pessoa do Mikado, que permitiu ao império da pequena ilha empunhar as armas estupendas da ciência e do conhecimento ocidental, tão leve e invencivelmente quanto Arjuna empunhou a Gandiv.

A Grande Necessidade da Regeneração Espiritual da Índia

II. A necessidade da Índia de extrair das fontes da religião é bem maior do que então foi a do Japão; porque o japonês devia somente revitalizar e aperfeiçoar a força que já existia. Nós temos de criar força onde antes não existia; devemos mudar nossas naturezas e nos tornamos novos homens com novos corações, renascer de novo. Não há um processo científico, não há maquinaria para isso. A força somente pode ser criada por sua extração dos reservatórios do Espírito, internos e inexauríveis, daquele Adya-Shakti do Eterno que é a fonte de toda nova existência. Renascer de novo significa nada além de reviver o Brahma conosco, e esse é um processo espiritual - nenhum esforço do corpo ou do intelecto pode compreendê-lo.

Religião, o Caminho Natural para Mente Nacional

III. Todos os grandes despertares na Índia, todos os seus períodos de vigor mais poderosos e mais variados extraíram sua vitalidade das nascentes de algum profundo despertar religioso. Toda vez que o despertar religioso foi completo e grandioso, a energia nacional, que foi criada, foi gigantesca e poderosa; toda vez que o movimento religioso foi exíguo e incompleto, o movimento nacional foi quebrado, imperfeito ou temporário. A persistência desse fenômeno é a prova de que ele está inserido no temperamento da raça. Se você tentar métodos estrangeiros ou outros, ou encontraremos nosso fim com a tediosa lentidão, dolorosa e imperfeitamente, ou de modo algum o alcançaremos. Por que abandonar o caminho simples com Deus e que a Mãe assinalou para você, para escolher caminhos obscuros e tortuosos de seu próprio passo?

IV. O Brahma interno, o oceano único e indivisível da força espiritual é este, a partir do qual toda a vida, material e mental, é extraída. Ele está começando a ser muito mais reconhecido pelos principais pensadores do ocidente como foi pelo oriente, nos tempos antigos. Se assim for, então a energia espiritual é a fonte de todas as outras forças. Há insondáveis nascentes, fontes profundas e inexauríveis. As fontes de superfície rasa são mais fáceis de encontrar, mas elas logo secam. Por que então não ir às profundezas, em vez de raspar a superfície? O resultado compensará o esforço.

Três Coisas Necessárias

Precisamos de três coisas demandando três leis fundamentais.

I. Bhakti - o Templo da Mãe

Não teremos força até adorarmos a Mãe da Força

Nós, em consequência, construiremos um templo para a Bhawani branca, a Mãe da força, a Mãe da Índia; e o construiremos em um lugar afastado da contaminação das cidades modernas e ainda pouco pisado pelo homem, com ar elevado e puro, embebido em calma e energia. Esse templo será o centro a partir do qual o Seu culto espargirá sobre todo o país; porque lá, cultuado entre as colinas, Ela entrará como fogo nos cérebros e corações de Seus cultores. Isso é também o que a Mãe ordenou.

II. Karma - A Nova Ordem dos Bhahmacharins

A adoração será morta e ineficaz até que seja transmutada em Karma.

Nós, em consequência, teremos um *Mat*⁴⁷, com a nova Ordem de Karma Yogins, ligados ao templo, homens que renunciaram totalmente, na intenção de trabalhar para a Mãe. Alguns devem, se assim escolherem, ser completos *Sannyasins*, a maioria será de *Bhahmacharins*, que retornarão a *Grihasthasram*, quando o trabalho designado a eles terminar, mas todos devem aceitar a renúncia.

⁴⁷ Nota do tradutor. *Mat*: monastério; período de estadia no monastério. Na sequência: *Sannyasins*: renunciantes; *Bhahmacharins*: celibatários; *Grihasthasram*: mantenedor da casa, pai de família.

Por quê? Pelos motivos:

1) Porque é somente na proporção em que retiramos de nós a preocupação de desejos e interesses corporais, as gratificações sensuais, luxúrias, anseios, indolências do mundo material, que podemos retornar ao oceano da força espiritual interna em nós.

2) Porque, para o desenvolvimento da Shakti, total concentração é necessária; a mente deve estar devotada inteiramente para seu objetivo como uma lança é arremessada para sua meta; se outros cuidados e anseios distraem a mente, a lança se desviará de seu curso direto e errará o alvo. Necessitamos de um núcleo de homens nos quais a Shakti está desenvolvida em sua extensão máxima, nos quais ela preenche todos os cantos da personalidade e transborda para fertilizar a terra. Esses, tendo o fogo de Bhawani em seus corações e cérebros, avançarão e trarão a chama para cada canto e recanto de nosso país.

III. Jnana, a Grande Mensagem

Bhakti e *Karma* não podem ser perfeitos e duradouros enquanto não forem baseados em *Jnana*.

Aos *Bhahmacharins* da Ordem, por consequência, deverá ser ensinado preencher suas almas com conhecimento e basear seu trabalho sobre ele, como sobre uma rocha. Qual deverá ser a base do conhecimento deles? O quê, senão o grande *so-aham*⁴⁸, a poderosa fórmula do Vedanta, o antigo canto que ainda não atingiu o coração da nação, o conhecimento que, quando vivificado pelo *Karma* e pela *Bhakti*, retirará do homem todo medo e toda fraqueza.

A Mensagem da Mãe

Quando, por consequência, você perguntar quem é Bhawani, a mãe, Ela mesma te responderá: “Eu sou a Energia Infinita que escorre do Eterno para o mundo e o Eterno em vocês mesmos. Eu sou a Mãe do Universo, a Mãe dos Mundos, e para vocês que são crianças do País Sagrado, *Aryabhumi*, feitos de sua argila e erigidos por seu sol e seus ventos, eu sou Bhawani Bharati, Mãe da Índia”.

Então se você perguntar porque deveria ser erguido um templo a Bhawani, a Mãe, ouça Sua resposta: “Porque eu ordenei isto, e porque, construindo um centro para a futura religião, você estará promovendo a vontade imediata do Eterno e acumulando mérito que te fará forte, nesta vida, e grande em outra. Você estará ajudando a criar uma nação, a consolidar uma era, a arianizar um mundo. E esta nação é a sua própria,

⁴⁸ Nota do tradutor. Literalmente, “eu sou isso”.

esta era é a era de vocês mesmos e de suas crianças, este mundo não é um fragmento de país circundado por mares e colinas, mas a terra toda com seus abundantes milhões”.

Venha então, ouça o chamado da Mãe. Ela já está em nossos corações esperando para manifestar a Si-mesma, esperando para ser cultuada, - inativa porque o Deus em nós está escondido por Tamas, perturbada por Sua inatividade, pesarosa porque Suas crianças não A chamam para ajudá-los. Você que sente Sua agitação em você, deponha o negro véu do *self*⁴⁹, derrube os muros aprisionadores da indolência, ajude-A cada um, conforme você se sentir impelido, com seus corpos ou com seu intelecto ou com sua fala ou com sua riqueza ou com suas preces e cada homem cultue, de acordo com sua capacidade. Não recue, porque contra aqueles que foram chamados e não A ouvirem, Ela bem poderá estar furiosa, no dia de Sua chegada; mas para aqueles que ajudaram no Seu advento, mesmo que pouco, quão radiante, com beleza e graça, será a face da Mãe para eles.

Apêndice

O trabalho e as regras da nova Ordem dos Sannyasins será como segue:

I. Regras Gerais

1. Todos aqueles que adotarem a vida de Brahmacharya para a Mãe deverão, a si mesmos, fazer um voto para o Seu serviço, por quatro anos, após o qual estarão livres para continuar o trabalho ou retornar para sua vida familiar.

2. Todo dinheiro recebido por eles, em nome da Mãe, irá para o serviço da Mãe. Para eles mesmos, lhes será permitido receber abrigo e refeições, quando necessário, e nada mais.

3. O que eles puderem ganhar por si mesmos, por exemplo, pela publicação de livros, etc., eles devem dar pelo menos a metade disso ao serviço da Mãe.

4. Eles deverão observar total obediência ao Chefe da Ordem e a um ou dois de seus assistentes, em todas as coisas ligadas ao trabalho ou à vida religiosa deles.

5. Eles deverão observar estritamente a disciplina e regras de *Achar*⁵⁰ e de pureza, corporal e mental, prescritas pelo Chefe da Ordem.

6. A eles serão dados períodos de licença ou de aperfeiçoamento religioso, durante os quais eles cessarão o *Mat*, mas a maior parte do ano eles consumirão no trabalho externo. Essa regra será aplicada a todos, exceto aos poucos necessários ao serviço do Templo e àqueles requisitados para a direção central do trabalho.

⁴⁹ Nota do tradutor. *Self*: ego, personalidade.

⁵⁰ Nota do tradutor. *Achar*: regras de conduta diária.

7. Não haverá gradações de nível entre os trabalhadores, e ninguém deve buscar distinção ou fama meramente pessoal, mas praticar força e autoanulação.

II. Trabalho para o Povo

8. O principal trabalho para o povo será o de instrução em massa e ajuda ao pobre e ignorante.

9. Assim, eles se esforçarão para efetivar, de vários modos:

1. Aulas e demonstrações adequadas a uma inteligência não-educada.
2. Turmas e escolas noturnas.
3. Ensinos religiosos.
4. Cuidado aos doentes.
5. Condução de trabalhos de caridade.
6. Qualquer outro bom trabalho que a mão deles puder encontrar para fazer, e a Ordem aprovar.

III. Trabalhos para Classe Média

10. Eles poderão assumir, segundo orientação, vários trabalhos de utilidade pública, nas grandes cidades, e em todo lugar ligado especialmente à educação, vida religiosa e instrução da classe média, bem como com outras necessidades públicas.

IV. Trabalho com a Classe Rica

11. Eles deverão se aproximar dos aristocratas, proprietários de terras e homens ricos, e empreender -

1. Promover simpatia entre os aristocratas e os camponeses e cuidar de toda discórdia.
2. Criar a ligação de um espírito religioso único e vivo e uma paixão comum, para um único grande ideal entre todas as classes.
3. Mover as mentes dos homens ricos para trabalhos de beneficência pública e caridade para aqueles em sua vizinhança, independentes da expectativa de prêmio ou distinção oficial.

V. Trabalho Geral para o País

12. Tão logo quanto os fundos permitam, alguns poderão ser enviados ao exterior para estudar artes lucrativas e manufaturas.

13. Eles poderão ser como Sannyasins durante seu período de estudo, nunca abandonando seus hábitos de pureza e autoabnegação.

14. Em seus retornos, eles poderão estabelecer, com a ajuda da Ordem, fábricas e oficinas, ainda vivendo a vida de Sannyasins e devotando todos os seus lucros para o envio de cada vez mais estudantes para o exterior.

15. Outros poderão ser enviados para viajar por vários países a pé, inspirando por meio de suas vidas, comportamento e conversação, simpatia e amor para o povo indiano, nas nações europeias, e preparando o caminho para a aceitação deles dos ideais arianos.

Depois do estabelecimento e consagração do Templo, o desenvolvimento do trabalho da Ordem será impulsionado, tão rápido quanto possível, ou quanto permita o apoio e simpatia do público. Com a bênção da Mãe, isso não fracassará conosco.

SRI AUROBINDO

As cartas traduzidas abaixo foram escritas para Mrinalini Devi, e foram encontradas e levadas pela polícia, durante a busca na casa da *Grey Street*, em conexão com o atentado de Alipore, em Calcutá. Elas foram depositadas no Tribunal, foi assim que esses documentos íntimos inesperadamente viram a luz do dia. O que tinha sido pretendido por Sri Aurobindo ser um “segredo”, tornou-se, então, propriedade pública, revelando um lado de sua natureza que culminou em seu grande Trabalho Espiritual.

30 de agosto de 1905

Querida Mrinalini

Sua carta de 24 de agosto, em mãos. Lamentei saber que seus pais têm mais uma vez o mesmo tipo de privação, mas você não mencionou que um irmão tinha falecido. Mesmo que alguém sinta tristeza, como isso ajuda? O grande esforço para buscar a felicidade no mundo conduz alguém a encontrar sofrimento, no coração daquela felicidade, porque o sofrimento é sempre inseparavelmente atado à felicidade. Essa lei vale não somente com relação ao desejo das crianças, mas o sofrimento é o inevitável resultado de todos os desejos mundanos.

Em vez de vinte rupias, eu li dez (em sua carta) e assim eu escrevi sobre o envio a você de dez rupias; se você necessitar de quinze, eu vou, naturalmente, te enviar quinze rupias. Neste mês, enviei o dinheiro para as roupas que Sarojini comprou para você, em Darjeeling. Como eu poderia saber que você, de sua parte, tinha pedido emprestado dinheiro? O custo das roupas foi quinze rupias que eu enviei; poderia custar três ou quatro rupias a mais, que te enviarei no próximo mês. Eu te enviarei vinte da próxima vez (isto é, no próximo mês).

Agora, vou te falar deste assunto. Você, talvez, neste momento, tenha descoberto que aquele com quem seu destino está ligado é um tipo de pessoa muito estranha. Não são minhas a perspectiva mental, o objetivo da vida e o domínio da ação, que o comum das pessoas neste país tem atualmente. É muito diferente, em todos os aspectos, é incomum. Talvez, você saiba por qual nome o comum das pessoas chama as ideias extraordinárias, ações incomuns, altas aspirações extraordinárias. Eles denominam todas essas coisas como loucura, mas se o homem louco tem sucesso, no campo da ação, então em vez de chamá-lo lunático, eles o chamam um grande homem, um homem de gênio. Mas quantos têm sucesso em seus esforços? Entre mil pessoas, somente dez são extraordinárias, e dessas dez uma tem sucesso. Em meu campo de ação, sucesso está fora de questão; não tenho sido capaz de adentrar nele totalmente; assim, as pessoas vão me considerar um homem louco. É uma grande infelicidade para uma mulher estar casada com um homem louco; porque todas as esperanças da mulher estão confinadas à felicidade e tristeza da família. Um homem louco não poderia trazer felicidade a sua esposa - ele poderia somente infligir sofrimento. Os fundadores da religião hindu compreenderam esta matéria muito bem, e eles amaram muito o caráter extraordinário, ação e esperanças, eles apreciaram muito todas as pessoas incomuns, fossem grandes ou insanas. Mas qual remédio poderia existir em todas estas coisas para a terrível condição da mulher? Os Rishis decidiram sobre esse remédio: eles disseram às mulheres: “para vocês, mais do que a qualquer um, o esposo é o Guru” - considere ser isso o único Mantra para a mulher. A esposa é a companheira do esposo, na prática do Dharma. Ela o ajuda na execução do trabalho, que o marido escolheu em seu Dharma. Ela lhe dá conselho, e encorajamento, ela o observa com um Deus e sente a felicidade dele como sua própria, mesmo quando ela lhe faz sofrer. É o domínio do homem escolher o trabalho; ajudá-lo e encorajá-lo é o direito da mulher. Agora a questão é o que você poderia escolher: o caminho do Dharma hindu ou aquele do Dharma recentemente cultivado? O fato de ter se casado com um lunático é o fruto de ações erradas feitas na sua vida precedente. É melhor fazer um acordo com o destino de alguém; mas que tipo de acordo poderia existir? Influenciada pela opinião de outros, você também vai considerá-lo como um homem louco? O homem louco vai, muito certamente, fazer o percurso de sua loucura. Você não será capaz de fazê-lo retroceder; a natureza dele é mais forte do que a sua. Você poderá então somente se sentar em um canto e choramingar, ou unir-se a ele em seu percurso e tentar se tornar a esposa louca, coerente com o esposo lunático, como a rainha de um rei cego, que cobre seus olhos com um pano, vestida ela mesma como uma cega? Apesar de você ter sido educada em uma escola de *Brahmo*⁵¹ e qualquer que seja sua influência, você é, ainda, uma jovem de

⁵¹ Nota do tradutor. *Brahmo Balika Shikshalaya* é uma escola para meninas em Calcutá, fundada em 1890, tendo Montessori como orientação pedagógica.

uma família hindu; o sangue dos ancestrais hindus corre em suas veias, e não tenho dúvida de que você escolheria o último caminho.

Eu tenho três loucuras. Primeiro, é minha firme fé que qualquer virtude, talento, alta educação e conhecimento, e a riqueza que Deus me deu, pertencem a Ele. Tenho o direito de gastar somente tanto quanto é necessário para a manutenção da família e naquilo que é absolutamente necessário. Qualquer sobra deve ser retornada ao Divino. Se eu gastar tudo comigo mesmo, para conforto pessoal, para diversão, então sou um ladrão. De acordo com as Escrituras Hindus, alguém que aceita dinheiro do Divino e não o retorna a Ele é um ladrão. Até agora tenho dado somente uma pequena parcela de meu dinheiro a Deus e tenho gasto nove décimos dele para minha felicidade pessoal - assim fechei a conta e permaneci imerso na felicidade mundana. Metade da vida já foi gasta; até mesmo um animal se sente gratificado em nutrir a si mesmo e a sua família.

Vim a perceber, em todo este tempo, que tenho perseguido a vida do animal e a do ladrão. Percebendo isso, comecei a me sentir repetitivo e repulsivo de mim mesmo; chega disso, - este ato perverso eu abandono por um bom. Dar o dinheiro ao Divino significa usá-lo para trabalhos honrados. Não lamento pelo dinheiro que dei a Sarojini ou a Usha, porque assistir outros é Dharma, proteger aqueles que dependem de você é um grande Dharma, mas a conta não é acertada, se alguém der somente a seus irmãos e irmãs. Nestes dias difíceis, o país inteiro é como um dependente em nossas portas, tenho trezentos milhões de irmãos e irmãs neste país - muitos deles morrem de fome, a maioria deles está enfraquecida pelo sofrimento e dificuldades e está de alguma forma se arrastando em sua existência. Devem ser ajudados. O que você diz, estará minha mulher compartilhando este Dharma comigo? Poderemos comer e nos vestir como pessoas comuns e comprar o que é realmente essencial, e dar o restante ao Divino. Isto é o que eu faria. Se você concordar nisso, e aceitar o princípio do sacrifício, então minha resolução pode ser cumprida. Você estava lamentando que não fez progresso. Este é um caminho ao progresso que te mostro. Você gostaria de seguir esse caminho?

A segunda insanidade recentemente apoderou-se de mim; é esta: por quaisquer meios eu devo executar a realização direta do Senhor. A religião de hoje consiste na repetição do nome de Deus, de vez em quando, orando a Ele na presença de todos e mostrando ao povo como é alguém religioso; eu não quero isso. Se o Divino estiver lá, então dever haver lá uma via para experienciar Sua existência, para perceber Sua presença; ainda que o caminho seja difícil, tomei a firme resolução de segui-Lo. O Dharma hindu assevera que o caminho é para ser encontrado em si mesmo, em sua própria mente. A regra que permite a alguém seguir o caminho é também dada a mim; eu comecei a observar todas as regras e, em um mês, fui capaz de assegurar que as palavras do Dharma hindu não são falsas. Tive a experiência de todos os sinais que têm sido mencionados por ele. Eu gostaria de tê-la também ao longo desse caminho; você não seria capaz de me acompanhar porque você ainda não adquiriu o conhecimento,

mas não há nada que impeça de seguir-me. Todos podem atingir a perfeição seguindo o caminho. Mas depende da escolha de cada um adentrar a via. Ninguém pode forçar você a adentrá-la. Se você estiver querendo, escreverei mais sobre esse assunto.

A terceira insanidade é esta: enquanto outros consideram o país como um objeto inerte, e o conhecem como as planícies, os campos, as florestas, as montanhas e rios, eu vejo meu país como a mãe, eu a reverencio e a adoro como a mãe. O que deveria um filho fazer quando um demônio, assentando-se no peito de sua mãe, está bebendo o seu sangue? Deveria ele sentar-se contente para tomar seu alimento, e ir alegrar-se na companhia de sua esposa e filhos, ou deveria ele, de preferência, correr para salvar sua mãe? Eu sei que tenho a força para erguer esta raça caída; não é uma força física, não estou indo lutar com a espada ou com o revólver, mas com o poder do conhecimento. O poder do guerreiro não é somente um tipo de força, há também o poder do Brahman, que é fundado no conhecimento. Não há um novo sentimento em meu interior, ele não é de origem recente, nasci com ele, está em meu âmago, Deus enviou-me à terra para cumprir esta grande missão. Na idade de quatorze anos, a semente disso começou a germinar e aos dezoito ela firmemente se fixou e se tornou inabalável. Você ouviu a história da tia N. e acreditou que alguma pessoa má levou seu esposo simples e amável para o caminho da perdição. De fato, foi seu esposo amável quem levou aquela pessoa e centenas de outras para aquele caminho, seja ele bom ou mau; e ainda levará milhares a ele. Eu não digo que o trabalho terá sucesso, em meu tempo de vida, mas ele será muito certamente concluído. Agora eu te pergunto: “O que você quer fazer em relação a isso? A esposa é a Shakti - o poder - do esposo. Você está querendo ser discípula de Usha⁵² ou adular os europeus? Você poderia ser indiferente ou diminuir o poder de seu esposo, ou poderia duplicar a simpatia e entusiasmo dele?” Você deveria responder: “O que uma simples mulher, como eu, poderia fazer, em todas estas grandes obras? Não tenho nem a força da mente, nem a inteligência requerida, tenho medo até de pensar nestas coisas”. Há uma solução simples para isso - refugiar-se no Divino, adentrar o caminho que conduz à união com o Divino. Ele logo vai te curar de todas as suas imperfeições; o medo gradualmente se afasta da pessoa que se refugia no Divino. E se você tiver fé em mim, e ouvir o que eu digo, em vez de ouvir os outros, eu poderia te dar minha força, que não seria reduzida (pela doação), mas seria, ao contrário, incrementada. Dizemos que a esposa é a Shakti do esposo, o que significa dizer, o esposo vê seu próprio reflexo na esposa, ele encontra o eco de sua própria alta aspiração nela e isso duplica sua própria força. Você sempre permaneceria assim, pensando: “Eu poderia usar um vestido fino, comer um bom alimento, rir e dançar, e aproveitar todos os prazeres possíveis?” Este estado de mente não é chamado progresso. Atualmente a vida da mulher em nosso país tem uma forma muito limitada e indesejável. Deixe todas estas coisas e venha comigo. Viemos ao mundo para o trabalho de Deus, vamos iniciá-lo.

⁵² Nota do tradutor. *Usha*: no hinduísmo, a deusa *Aurora*, simboliza os novos começos, a luz e a inspiração.

Há um único defeito em sua natureza - você é por demais simples. Você ouve qualquer coisa que alguém diz. Como resultado, sua mente está sempre perturbada, seu intelecto não se desenvolve, e não há concentração em qualquer trabalho. Isso deve ser corrigido; você tem que reunir conhecimento, ouvindo uma única pessoa, definindo o objetivo que você tem para cumprir o trabalho, você tem que desconsiderar a calúnia e o ridículo do povo e manter sua devoção calma e firme.

Há outro defeito também - não de sua natureza, mas aquele dos tempos. Os tempos se tornaram deste modo, em Bengala: o povo é incapaz de ouvir assuntos profundos; eles riem e se divertem com tudo - *Dharma*, filantropia, alta aspiração, grande esforço, liberdade do país; com um sorriso eles querem repudiar qualquer coisa séria, tudo que é elevado e nobre. Você desenvolveu esse defeito um pouco, por sua longa associação com a Escola Brahmo; Barin também fez isso, e, em alguma extensão, todos nós estamos propensos a esse defeito, mas ele incrementou-se em um grau surpreendente, entre o povo de Deoghar. É necessário retirar firmemente esse defeito da mente; você será capaz de fazer isso facilmente, e uma vez que tiver cultivado o hábito de pensar, sua verdadeira natureza vai florescer; há uma atração para o altruísmo e autossacrifício em sua natureza, somente a força da mente está faltando; você obterá essa força de sua devoção a Deus. Sua devoção a Deus te dará essa força.

Este foi meu segredo. Sem divulgá-lo a ninguém, reflita sobre essas coisas com a mente firme e tranquila. Não há nada a temer nelas, mas muito a pensar a respeito. No começo, é inteiramente suficiente se você devotar meia-hora todo dia para meditar em Deus, você poderia colocar diante Dele sua forte aspiração, na forma de uma prece. A mente vai se preparar gradualmente. Você poderia sempre oferecer-Lhe esta prece: "Não posso ser um obstáculo no caminho de vida do meu esposo, e dos seus ideais, e em seu caminho para a realização de Deus; posso me tornar sua auxiliar e seu instrumento". Você fará isso?

Seu

*

Scotts Lane, 23

Calcutá

17 de fevereiro de 1907

Querida Mrinalini

A falha é minha desde há muito, que eu não escrevi uma carta a você há muito tempo. Se você não me perdoar, por causa de sua própria divindade, então estou sem saída. O que está na essência não pode ser eliminado em um dia. Temo que deva gastar a vida toda tentando corrigir essa falha.

Minha vinda para encontrá-la em 4 de janeiro foi definida, mas eu não pude vir; isto não aconteceu por minha própria vontade. Tive de ir aonde o Senhor me conduziu. Nesta época, não me dirigi para meu próprio trabalho, mas me dirigi para Seu trabalho. O estado de minha mente, no presente, mudou totalmente; mais do que isso eu não poderia revelar nesta carta. Venha para cá, então te direi o que tenho a dizer. A única coisa que pode ser iniciada neste momento é que doravante não sou mais meu próprio mestre; terei de ir, como uma marionete, a qualquer lugar que o Divino me levar; terei de realizar, como uma marionete, o que quer que Ele me faça executar. No presente, você achará difícil compreender o significado dessas palavras. Mas é necessário te informar sobre isso; porque de outro modo minha linha de ação poderia se tornar a causa de sua reclamação e sofrimento. Você pode vir a pensar que estou te negligenciando e fazendo meu trabalho. Mas não pense assim. Longamente tenho sido culpado de muitos pecados contra você e assim é natural que você tenha estado insatisfeita por causa disto; mas não estou mais livre, de agora em diante você deverá entender que tudo isso que eu faço não depende de minha própria vontade, mas é feito de acordo com o comando do Divino. Quando você vier aqui, será capaz de entender totalmente o significado de minhas palavras. Eu espero que o Senhor te mostre a luz de Sua infinita Graça, a qual Ele me mostrou, mas tudo isso depende de Sua vontade. Se você quiser ser minha esposa, compartilhando meu *Dharma*, então você deve tentar mais intensamente de modo que Ele possa te indicar o caminho de Sua Graça, por meio da força pura de tua vontade concentrada. Não mostre esta carta a ninguém porque o que escrevi é extremamente secreto. Não falei disso a ninguém mais. Isso é proibido. E já é muito por hoje.

Seu esposo

Nota. Escrevi a Sarojini sobre assuntos familiares, quando você vir a carta você a entenderá, não é necessário escrever a você em separado sobre eles.

*

6 de dezembro de 1907

Querida Mrinalini

Sua carta chegou anteontem; o xale foi enviado no mesmo dia; não entendo porque você não o recebeu.

...

No presente, eu não tive um momento livre; a responsabilidade de escrever uma obra, da organização complexa do Congresso, do estabelecimento dos assuntos do *Bande Mataram*, está em meu coração. Eu mal posso lidar com o trabalho. No topo de todas

essas coisas, eu tenho meu próprio trabalho para fazer, o qual não pode ser negligenciado.

Você poderia ouvir um pedido meu? Estou passando por tempos muito apertados, a pressão de todos os lados é suficiente para deixar alguém louco. E, em tal período, se você também se chatear, isso somente se acrescentaria à minha ansiedade e aborrecimento; uma carta de encorajamento e conforto me daria uma força especial, e eu superaria todos os obstáculos e perigos com um coração alegre. Sei que é difícil para você viver em Deoghar por si mesma, mas se fizer sua mente firme e tiver fé, então o sentimento de sofrimento não será capaz de oprimi-la. Esse sofrimento é sua parte inevitável, desde que se casou comigo. Em intervalos, é natural que haja uma separação, porque, diferentemente dos bengaleses comuns, sou incapaz de fazer a alegria dos parentes e da família o principal objetivo da minha vida. Nestas circunstâncias, o que é o meu Dharma é também o seu *Dharma*; e a menos que você considere o sucesso de minha missão como a sua alegria, não haverá saída. Uma coisa a mais, a maioria das pessoas com quem você convive, no presente, são seus idosos e mesmo que eles digam coisas duras ou passarem observações injustas, não se zangue com eles. Também, não acredite que o que eles dizem seja tudo o que eles realmente querem dizer, ou que eles dizem isso com o objetivo de magoá-la. Muitas vezes, as palavras surgem da ira sem pensamento; não é bom nos agarrarmos a elas. Se você considerar absolutamente impossível permanecer aí, então vou falar com Girish Babu para arranjar para que seu avô venha e permaneça na casa, enquanto eu estiver fora para a sessão do Congresso.

Hoje estou indo a Midnapore. No meu retorno, farei todos os arranjos aqui e então seguirei para Surat; o que provavelmente será no dia 15 ou 16. Retornarei em 2 de janeiro.

Seu

*

1905

De abril a setembro: Sri Aurobindo substituiu o Reitor, que estava de licença; pagamento de $550 + 160 = 710$ rupias. Os estudantes gostavam muito dele.

Havia um encontro público em Baroda para protestar contra a Partição de Bengala, no mês de setembro. Sri Aurobindo compareceu no encontro, mas não discursou porque estava no serviço de Baroda.

Durante este ano, Sri Aurobindo encontrou S. Charu Chandra Dutt, do Serviço Civil Indiano (S.C.I.), em Thana, uma vez no início do ano e outra vez em setembro ou outubro.

Foi em Thana que ele encontrou Raja Subodh Mullick, cunhado de S. C.C. Dutt, que era um juiz em Thana. Sri Aurobindo permaneceu cinco ou seis dias durante os quais ele e Subodh Mullick tornaram-se grandes amigos e se puseram em completo

acordo na ideologia e programa políticos. Subodh Mullick prestou grandes serviços à Índia e deu um suporte irrestrito a Sri Aurobindo, em seu trabalho político.

Revolucionário - de 1904 a 1910

Sri Aurobindo: “Junto com Tilak, Madhav Rao, Deshmukh e Joshi que, mais tarde, se tornou um moderado, estávamos planejando trabalhar em ações mais extremas do que o Congresso. Trouxemos Jatin Banerji de Bengala e o colocamos no Exército de Baroda. Nossa ideia foi desviar os moderados do Congresso e capturá-lo. Tão logo ouvi que a Faculdade Nacional tinha sido inaugurada em Bengala, achei minha oportunidade, deixei o serviço de Baroda e fui a Calcutá como Reitor. Lá entrei em contato com B. C. Pal que estava editando o *Bande Mataram*. Mas sua condição financeira era precária. Quando B. C. Pal estava em viagem, ele me pediu para cuidar do jornal. Eu pedi a Subodh Mullick e a outros para financiarem o jornal e fui editá-lo. Então algumas pessoas queriam destituir B. C. Pal do *Bande Mataram* e eles ligaram meu nome com isso. Eu chamei o subeditor e dei-lhe uma tremenda surra, é claro, metaforicamente. Mas o dano estava feito. B. C. Pal era um grande orador e nesta época seus discursos eram altamente inspirados, um tipo de descida do alto.

Então Shyam Sunder e outros chegaram. O *Bande Mataram* logo chamou a atenção de um grande número de pessoas e tornou-se um jornal de toda a Índia.

Um dia, chamei os líderes de Bengala e disse: não é útil simplesmente continuar assim. Devemos capturar o Congresso, e retirar estes líderes moderados de lá. Devemos seguir Tilak como um líder de toda a Índia”. Eles pela primeira vez se agarram à ideia. Tilak não era muito bem conhecido no norte da Índia, antes de ter sido escolhido para a liderança”.

18 de dezembro de 1938

Chandernagore - Pondicherry

Sri Aurobindo: “Enquanto a ação judicial estava pendente, fui embora para Chandernagore e lá alguns amigos estavam pensando em enviar-me à França. Eu estava pensando no que fazer em seguida. Lá eu ouvi o *Adesh* - comando intuitivo – para ir a Pondicherry”.

18 de dezembro de 1938

Sri Aurobindo: “Houve uma súbita transformação durante os dias de *Swadeshi*⁵³. Antes, aquele povo costumava tremer diante de um inglês em Bengala. E então a posição foi revertida. Eu me lembro que, quando quis fazer um trabalho político, visitei Bengala e excursionei pelos distritos de Jessore, Khulna, etc. Encontrei o povo mergulhado em pessimismo, um negro peso de escuridão pesando sobre toda a região. É difícil atualmente imaginar aqueles tempos”.

“Eu viajava com Devavrata Bose. Ele estava vivendo somente de bananas e costumava falar ao povo. Ele tinha um modo muito persuasivo de fala. Foi em Khulna que tivemos uma recepção verdadeiramente de rei, não tanto porque eu era um político, mas porque era filho de K. D. Ghose. Eles me serviram, com sete fileiras de pratos, e eu dificilmente poderia chegar a todos eles, mesmo diante dos mais próximos eu poderia comer muito pouco. Meu pai era extremamente popular em Khulna. Para onde quer que ele fosse se tornava uma potência. Quando estive em Rangpur, ficou muito amigo do magistrado inglês. Fomos e permanecemos com seu primo, o Sr. Drewett, na Inglaterra, naquele tempo. Foi sempre o “doutor” que fez as coisas em Rangpur”.

“Quando o novo magistrado chegou, ele entendeu que nada poderia ser feito sem o Dr. K. D. Por isso, o magistrado pediu ao Governador para removê-lo, e o Dr. K. D. foi transferido a Khulna. Foi nessa época que ele se tornou um político. Isso foi para dizer que ele não gostava da dominação inglesa. Antes disso, tudo do oeste era bom. Ele queria, por exemplo, que todos os seus filhos fossem grandes; naquele tempo ser admitido no Serviço Civil Indiano (S.C.I.) era tornar-se grande”.

“Era extremamente generoso. Dificilmente alguém que fosse a ele para algo voltava de mãos vazias”.

8 de janeiro de 1939

Período Revolucionário - de 1904 a 1910

Sri Aurobindo: “Barin não fornece o verdadeiro estado das coisas (em seu livro). Não fui nem o fundador nem o líder. Foi P. Mitter e a Srta. Ghosal que a iniciaram, sob a inspiração do Barão Okakura. Eles já haviam iniciado e quando eu visitei Bengala vim a saber disso. Eu simplesmente me mantive informado do trabalho deles. Minha ideia era uma revolução armada por toda a Índia. O que fizeram naquela época foi muito infantil, assassinando um Magistrado e assim por diante. Depois, voltou-se ao terrorismo e aos roubos que não eram, de modo algum, minha ideia ou intenção. Bengala é por demais emocional, quer resultados rápidos e não pode se preparar por longos anos. Queríamos

⁵³ Nota do tradutor. *Swadeshi*: movimento pela independência nacional na Índia, que boicota produtos estrangeiros e incentiva o uso de produtos nacionais (*Merriam-Webster Dictionary*).

dar combate criando um espírito na raça, por meio da guerrilha. Mas no presente estado da ciência tais coisas são impossíveis e fadadas ao fracasso”.

18 de dezembro de 1938

O governo aprovou o Ato da Partição, em 20 de julho de 1905. Foi um sinal para a tremenda agitação através da Índia e particularmente em Bengala.

30 de agosto de 1905. Uma carta a Mrinalini de Sri Aurobindo.

Durante as segundas férias na faculdade, isto é, em setembro, outubro e novembro, Sri Aurobindo participou do *Swadeshi* e outras agitações, sem abertamente filiar-se a qualquer partido político.

21 de outubro de 1905. Uma carta a Mrinalini na qual ele menciona a doença de Barin e completa a carta informando que “como a hora de meditação está próxima” ele deve terminar de escrever. Isso significa que seu *sadhana* de yoga estava em curso, no momento.

Madhavrao, irmão de Khashirao, foi enviado a Europa para obter treinamento militar, aprender a preparar bombas, pegar armas, etc. Ele se refere a isso em uma de suas cartas a Mrinalini: “Devo guardar dinheiro para enviar a Madhavrao. Ele foi enviado a Inglaterra numa missão especial. Gastei muito no movimento de *Swadeshi* e ainda tenho outro trabalho a ser feito o qual requer uma enorme quantia”. Por esse “trabalho” era entendido o trabalho revolucionário.

É claro que desde 1902 o interesse de Sri Aurobindo moveu-se mais e mais para a política e o serviço em Baroda deixou de interessá-lo.

1906

Durante este ano, apesar de Sri Aurobindo ter servido no Estado, a maior parte do ano foi gasta em Bengala.

A partir de fevereiro de 1906, Sri Aurobindo obteve uma licença privilegiada de dois meses. Isso lhe tornou possível passar todo o primeiro período da faculdade e as férias de verão em Bengala. Então ele se apresentou, quando o segundo período começou, no mês de junho, e obteve uma licença de um ano sem pagamento, de 12 de junho de 1906 a 12 de julho de 1907. Deste modo, ele passou uma semana ou duas em Baroda e de novo retornou a Bengala.

No mês de fevereiro, houve uma mostra de agricultura em Midnapore. Sri Aurobindo estava então em Bengala, ou em Deoghar ou Midnapore.

14 de abril de 1906. A famosa conferência de Barisal ocorreu. Sri Aurobindo estava de licença em Bengala. Ele participou da conferência. A conferência foi declarada

ilegal pelo Governo que ordenou a dispersão. Krishna Kumar Mitter, tio de Sri Aurobindo, recusou deixar o pavilhão. Houve uma marcha para protestar contra o Governo. Na primeira fila estavam Sri Aurobindo, Bepin Chandra Pal, B. C. Chatterji. Atrás deles estavam os delegados da conferência, em filas de quatro. A marcha foi bloqueada pela polícia, no sentido de dispersá-la pela força. A polícia permitiu que os líderes passassem e deteve os delegados. Todos permaneceram na via e se recusaram dispersar. Foram surrados com *lathi*. Muitos fugiram. Chittaranjan, filho de Monoranjan Guha, foi ferido na cabeça.

Foi criminalizado gritar “Vande Mataram” na rua, naqueles dias. Deste modo, os jovens foram instruídos a gritar nas ruas em desafio à ordem. Se acontecesse de virem um policial, eles primeiro subiam nas varandas das casas e gritavam de lá “Vande Mataram” - a varanda não é a rua!

Depois da conferência, Sri Aurobindo percorreu os distritos da parte leste de Bengala, em companhia de Bepin Chandra Pal e de um jovem, Sarat. Isso foi para observação e estudo dessas regiões e também para levar o despertar político pelo contato pessoal.

Junho de 1906 (primeiras duas semanas), Sri Aurobindo veio a Baroda. Foi nessa época que ele foi a Chandod, pela última vez. Antes, ele tinha ido lá duas ou três vezes, durante sua estada em Baroda, com K. G. Deshpande e outros. Em Karnali, perto de Chandod, ele viu o Swami Brahmananda. No momento de deixar o Swami, cada um dos presentes fez a reverência de Pranam. Brahmananda geralmente mantinha seus olhos fechados e aqueles que o reverenciavam costumavam se levantar e partir. Mas, quando Sri Aurobindo fez o Pranam e olhou para ele, encontrou Brahmananda com os olhos abertos e olhando-o atentamente - como se tivesse visto algo extraordinário ou como se tivesse reconhecido alguém. Sri Aurobindo costumava dizer que os olhos de Brahmananda eram muito belos.

Uma vez, quando Sri Aurobindo fez uma visita a Chandod, foi a um dos templos de Kali, na margem do Narbada. Ele foi lá por causa do grupo. Ele nunca se sentiu atraído ao culto de imagens - se é que existe algum, até então era avesso a isso. Então, quando foi ao templo, encontrou uma presença na imagem. Teve uma prova direta da verdade que pode estar atrás do culto de imagens.

“Ou, você está atrás de um templo de Kali, ao lado de um rio sagrado, e o que vê? - uma escultura, uma peça graciosa de arquitetura, mas num momento misteriosamente, inesperadamente, há, ao invés, uma Presença, um Poder, uma Face que olha para você, e uma visão interna em você olhou a Mãe-Mundo” (*On Yoga II*, Tomo I, p. 216).

THE STONE GODDESS

In a town of gods, housed in a little shrine,
From sculptured limbs the Godhead looked at me, -
A living Presence deathless and divine,
A Form that harboured all infinity.

The great World-Mother and her mighty will
Inhabited the earth's abysmal sleep,
Voiceless, omnipotent, inscrutable,
Mute in the desert and the sky and deep.

Now veiled with mind she dwells and speaks no word,
Voiceless, inscrutable, omniscient,
Hiding until our soul has seen, has heard
The secret of her strange embodiment,

One in the worshipper and the immobile shape,
A beauty and mystery flesh or stone can drape.

A DEUSA DE PEDRA

Em uma cidade de deuses, posta num pequeno templo,
De membros esculpidos, a Divindade olhou-me, -
Uma Presença viva, imortal e divina,
Uma Forma que abrigou todo o infinito.

A grande Mãe-Mundo e sua vontade poderosa
Habitaram o sono abismal da terra,
Sem voz, onipotente, inescrutável,
Muda, no deserto e no céu, e profunda.

Agora coberta com a mente, ela mora e não pronuncia nenhuma palavra,
Sem voz, inescrutável, onisciente,
Ocultando até que nossa alma tenha visto, tenha ouvido
O segredo de sua estranha personificação,

Um no devoto e na forma imóvel,
Uma beleza e mistério, carne ou pedra, pode cobrir.

13 de setembro de 1939

12 de março de 1906. Declaração de “Yugantar” foi apresentada.

Julho de 1906, Sri Aurobindo foi a Bengala, e em Calcutá permaneceu com Subodh Mullick, na *Wellington Street*, n. 12. Depois de alguns meses, foi solicitado a Abinash procurar uma casa separada. Havia muitas razões para isso. Uma foi que Sarojini e Mrinalini queriam ficar com Sri Aurobindo. Outra foi que havia membros da família de Mullick que não gostavam que todos os tipos de pessoas, especialmente recrutas revolucionários, viessem à casa deles. Sri Aurobindo também não gostava da ideia de pô-los em qualquer inconveniência. Suas próprias condições pessoais, entretanto, foram bem cuidadas. Uma casa foi arrumada em *Chhaku Khansama Lane*, onde Barin, Abinash, Sarojini e Mrinalini ficaram com Sri Aurobindo.

Depois disso, eles se mudaram para *Scott's Lane*, n. 23. Barin foi ficar com Murari Pukar Bagan, os demais permaneceram com Sri Aurobindo.

Os lugares em que Sri Aurobindo viveu e o escritório no qual ele se estabeleceu em Calcutá:

1. *Wellington Street*, n. 12, casa de Subodh Mullick.
2. *Scott's Lane*, n. 23.
3. Casa de Bhupal Chandra Bose, em *Serpentine Lane*.
4. Prisão de Alipore - cela individual.
5. *Grey Street*, n. 48 (primeiro andar).
6. Escritório de Sanjivani (depois de maio de 1909).
7. *College Square*, n. 8 (casa de Krishna Kumar Mitter, de 1909 a fevereiro de 1910).
8. *Shyam Pukur Lane*, n. 4, escritório do *Karma Yogin*.

Mantra de Sri Aurobindo, em sânscrito

तत्सवितुर्वरं रूपं ज्योतिः परस्य
धीमहि ।
यन्नः सत्येन दीपयेत् ॥

तत्सवितुर्वरं रूपं ज्योतिः परस्य धीमहि ।
यन्नः सत्येन दीपयेत् ॥

tat savitur varam rūpaṃ jyotiḥ parasya dhīmahi,
yannaḥ satyena dipayet.

Meditemos sobre a forma mais auspiciosa de Savitri, sobre a Luz do Supremo,
que nos iluminará com a Verdade.

19 de março de 1933

NA POLÍTICA INDIANA

Em agosto de 1906, a Faculdade Nacional de Calcutá foi inaugurada e Sri Aurobindo foi empossado como seu Reitor.

06 de agosto de 1906. Declaração do *Bande Mataram* apresentada por Bepin Chandra Pal como o Editor.

Setembro de 1906. Sri Aurobindo escreveu sobre *Anandamath* de Bankim, no *Bande Mataram*.

22 de agosto de 1906. O *Bande Mataram* tornou-se uma sociedade anônima, de acordo com a sugestão de Sri Aurobindo. Um conselho administrativo foi indicado. O verdadeiro editor foi Sri Aurobindo, mas a responsabilidade pertencia ao conselho. O Governo não poderia por conseguinte perseguir alguém individualmente. Toda vez que algo fosse considerado censurável pelo Governo, alguém se apresentava para aceitar a responsabilidade e ir à prisão, se necessário. O cérebro do movimento poderia então evitar o encarceramento e continuar o trabalho. Os artigos foram tão inteligentemente escritos que eles violavam a lei, enquanto permaneciam estritamente dentro de seus limites.

Há muitas conjecturas a respeito de como o *Bande Mataram* começou, qual foi a conexão de Sri Aurobindo com ele e como terminou. Damos aqui a explanação do próprio Sri Aurobindo, para tirar todas as dúvidas:

“Bepin Pal começou o *Bande Mataram*, com 500 rupias em seu bolso, doadas por Haridas Halder. Ele pediu minha ajuda, como editor assistente, e eu a dei; convoquei uma reunião particular com os jovens líderes nacionalistas de Calcutá e eles concordaram em adotar o *Bande Mataram* como seu jornal partidário, com Subodh e Nirod Mullick como os principais apoiadores financeiros. Uma empresa foi projetada e formada, mas o jornal era financiado e mantido, enquanto isso, por Subodh. Bepin Pal, que era fortemente apoiado por C. R. Das e por outros, permaneceu como editor. Hemendra Prasad Ghose e Shyamsunder integraram a equipe editorial, mas eles não poderiam continuar com Bepin Babu e foram apoiados pelos Mullicks. Finalmente, Bepin Pal precisou se retirar, não me recordo se em novembro ou dezembro, provavelmente o último mês. Eu estava muito doente, a ponto de falecer, na casa de meu sogro, na *Serpentine Lane*, e não sabia o que estava ocorrendo. Colocaram meu nome como editor do jornal, sem meu consentimento, mas eu falei com o secretário muito duramente e isso foi interrompido. Também escrevi uma pesada carta sobre esse assunto a Subodh. Desde essa época, Bepin Pal não teve ligação com o *Bande Mataram*. Alguém disse que ele retomou sua editoria, depois que eu fui preso no Caso Alipore. Nunca ouvi sobre isso. Bejoy Chatterjee me disse, depois que eu saí da prisão, que ele, Shyamsunder e Hemendra Prasad, de alguma forma, continuaram com o jornal, mas como os financiamentos se tornaram impossíveis, então ele deliberadamente escreveu

um artigo que fez com que o Governo caísse sobre o jornal e encerrasse sua publicação, deste modo o *Bande Mataram* deveria terminar com alguma pompa e com toda a honra”.

A política básica do *Bande Mataram* foi:

1. Apoiar violência contra violência e foi mostrado que era indispensável fazer deste modo.

2. Se não se opuser à injustiça, o entusiasmo, a perseverança e a unidade, tão necessários para ganhar independência, se enfraqueceriam consideravelmente.

3. Responder golpe a golpe, resistir ao ataque, despertar a coragem na nação. Isto é muito importante para uma nação oprimida.

4. Traição e perfídia para com a nação, se elas não forem punidas, não cessam.

5. Uma nação que quer ser livre deve estar pronta para enfrentar tirania e perseguição. Opressão é o método de Deus para preparar uma nação. “Somos ferro em Sua bigorna e os golpes estão caindo sobre nós, não para destruir mas para recriar. Sem sofrimento, não pode haver crescimento”.

O *Bande Mataram* apresentou à nação o programa de Boicote, *Swadeshi*, Educação Nacional, e Resistência Passiva com o ideal para formar um Governo paralelo.

De outubro até o início de dezembro de 1906, Sri Aurobindo teve uma grave doença. Ele permaneceu com Bhupal Chandra Bose, seu sogro, em *Serpentine Lane*, Calcutá. Em 4 de novembro, teve uma febre intensa e não pode escrever seu editorial para o *Bande Mataram*. Ele se recuperou parcialmente, no final de novembro, mas teve uma recaída em dezembro.

Em 11 de dezembro de 1906, Sri Aurobindo foi a Deoghar para uma mudança, mas retornou de novo a Calcutá, logo antes de 26 de dezembro, quando a Sessão do Congresso ocorreria.

Foi neste Congresso, ocorrido em Calcutá sob a Presidência de Dadabhai Navroji, que a resolução, estabelecendo a independência como o objetivo do Congresso, foi aprovada pela primeira vez. Entre os líderes nacionalistas que compareceram estavam Tilak, Lajpatrai, Khaparde, Khare, etc. Foi principalmente devido aos esforços de Sri Aurobindo, no comitê de recepção e no comitê de trabalho, que a resolução foi aprovada. A resolução aceita pelo Comitê de Recepção devia obter o apoio das outras províncias. Consultas particulares, e encontros ocorreram na casa de Subodh Mullick sob a liderança de Tillak, onde esse apoio foi assegurado. A participação de Sri Aurobindo em assegurar isso não foi insignificante. À resolução principal, requerendo *Swaraj*⁵⁴, outras foram acrescentadas: - por exemplo, *Swadeshi*, Boicote e Educação Nacional. O Sr. Phirozshah Mehta, Gopal Krishna Gokhale, Surendranath Banerjee - todos líderes da escola moderada de políticos - se opuseram à resolução. Dadabhai, o presidente, estava indeciso, no início. Mas quando ele observou que havia um forte

⁵⁴ Nota do tradutor. *Swaraj*: autorregulação, regra própria, governo próprio, soberania, independência.

apoio de Bengala e de outras parte da Índia para a resolução, ele a aceitou e a fez aceitar por todos. O Congresso teria sido dividido então em Calcutá, se não fosse pelas inteligentes manobras do partido nacionalista e pelo apoio de Dadabhai. Finalmente, houve uma ruptura em Surat, em 1907. É difícil para o leitor imaginar hoje⁵⁵ que grande realização foi apresentar a resolução de *Swaraj* e fazê-la ser aceita pelo Congresso. É a partir disso que a Independência se tornou o objetivo aceito pelo Congresso.

Durante 1906, antes do mês de dezembro, Sri Aurobindo percorreu Bengala com Devavrata para atividades políticas. Quando visitou Khulna, teve uma recepção de rei, porque o povo o considerava um dos seus, por causa da longa estadia de seu pai lá e do serviço dele para a cidade. A refeição servida a ele era tanta e tão variada que Sri Aurobindo nem mesmo poderia experimentar toda ela.

A prática de Pranayama que ele vinha fazendo tornou-se muito irregular devido à pressão do trabalho político e por fim encerrou.

Sri Aurobindo encontrou uma vez Tagore, durante este ano, na residência dele em *Jorasanko Street*, para onde foi em resposta a um convite para jantar. Um artista japonês, o Sr. Jagadish Chandra Bose e algumas pessoas proeminentes estavam presentes. Tagore visitou o escritório de Sanjivani, algumas vezes, onde ocasionalmente encontrou Sri Aurobindo.

Mono Mohan começou seu serviço como Professor de Inglês em Patna e então partiu para Dacca, onde permaneceu durante 1906. Ele costumava vir a Calcutá ocasionalmente, e embora costumasse ficar de fora da política, era orgulhoso do trabalho político de Sri Aurobindo. Ele costumava dizer: “Há somente dois homens e meio na Índia: um é Aurobindo e o outro é Barin, e o meio é Tilak!”.

1907

De 27 de janeiro a 15 de abril de 1907, Sri Aurobindo esteve em Deoghar. Em 17 de fevereiro de 1907, ele escreveu uma carta a Mrinalini.

De 12 a 23 de abril, ele escreveu uma série de artigos sobre “Resistência Passiva”, no *Bande Mataram*. Pode-se ver nela claramente a distinção entre Não-violência e Resistência Passiva. Em 10 de maio de 1907, houve busca no escritório do *Bande Mataram*. Em uma carta a Hemendra Prasad Ghose, Sri Aurobindo escreveu: “É uma grande lástima que o trabalho possa ser prejudicado por atrito e mal-entendido”.

Uma lembrança dos dias do *Bande Mataram*: Sri Aurobindo estava sentado em sua casa na *Scott's Lane*, Shyamsundar Chakravarty chegou e perguntou pelo editorial. Sri Aurobindo saca de uma pilha de papéis, em sua mesa, um velho papel de embalagem e começa a escrever numa extremidade dele. Ele termina o artigo em quinze minutos - nada apagou, nem uma correção, nem um momento de pausa! No dia seguinte, este artigo atíça o fogo do patriotismo nos corações dos nacionalistas, por toda a Índia.

⁵⁵ Nota do tradutor. 1964.

15 de julho de 1907. O *Sandhya*, um jornal revolucionário, apresentou sua declaração.

24 de julho de 1907. Bhupendranath Dutt, irmão de Vivekananda, foi sentenciado por um artigo no *Sandhya*. Sri Aurobindo quis oferecer uma defesa, mas declinou de sua proposta, porque era ilógico para um revolucionário reconhecer um tribunal estrangeiro e sua jurisdição.

24 de julho de 1907. Acusação contra o *Bande Mataram*. Sri Aurobindo e Bepin Chandra Pal estavam entre os acusados.

30 de julho de 1907. Busca no escritório do *Bande Mataram*.

Agosto de 1907. Segunda acusação contra o *Sandhya*.

23 de setembro de 1907. Apurva Bose foi sentenciado a três meses, como o impressor do *Bande Mataram*. Sri Aurobindo foi absolvido. Tagore (e também muitos outros nacionalistas) vieram ver Sri Aurobindo, em *Wellington Street*, n. 12. Ele publicou sua *Homage to Aurobindo*, quando a acusação estava em curso, antecipando a sentença. Mas como Sri Aurobindo fora absolvido, ele veio congratulá-lo e, quando abraçou Sri Aurobindo, ironicamente disse em bengalês: “O quê! Você nos enganou! (não indo para a prisão)”. Sri Aurobindo respondeu em inglês: “Não por muito tempo você vai ter que esperar”, sugerindo que ele não estaria fora da prisão, por muito mais tempo.



O Poeta bengalês Rabindranath Tagore, em Kyoto, Japão, 1916, ao seu lado Mira Alfassa, discípula de Sri Aurobindo.

05 de dezembro de 1907. Vinte milhas de Kharagpur, próximo de Naryangarh, um atentado foi feito contra a vida do Sr. Andrew Frazer, o Governador de Bengala. Uma bomba foi jogada no trem, em que ele estava viajando.

07, 8 e 9 de novembro de 1907. Houve uma conferência em Midnapore. O Sr. K. B. Dutt, que fora eleito Presidente pelos Moderados, foi impedido de ir à conferência, no dia 7. Os Nacionalistas organizaram um encontro separado no dia 8 - Sri Aurobindo foi o líder deles. Ele conduziu com sucesso a conferência e fez aprovar resoluções em apoio ao programa nacionalista. Elas foram encaminhadas para a sessão seguinte do Congresso, em Surat. Sri Aurobindo conquistou muitos líderes moderados para o lado nacionalista. Sri Aurobindo encontrou Satyendra Bose e Khudiram Bose.

03 de dezembro de 1907. Uma carta de Mrinalini Devi a Sri Aurobindo, na qual ela disse: “Abinash não trabalhará para você, quando ele se casar”. Abinash era um trabalhador revolucionário que cuidava da casa de Sri Aurobindo.

06 de dezembro de 1907. Sri Aurobindo enviou dinheiro a Mrinalini Devi.

20 de dezembro de 1907. Mrinalini Devi estava morando em *Chhaku Khansama Lane*, n. 29/3, Calcutá, e nenhum arranjo definido foi feito para suas despesas até 20 de dezembro de 1907.

15 de dezembro de 1907. Um encontro público ocorreu em *Beadon Square*. Sri Aurobindo discursou lá e uma resolução apoiando o programa nacionalista foi aprovada e encaminhada ao Congresso de Surat.

22 de dezembro de 1907. Sri Aurobindo parou em Nagpur, por dois dias, em seu caminho ao Congresso de Surat. O Sr. Moropant Joshi estava presente no encontro conduzido por Sri Aurobindo. Ele foi um daqueles que fizeram o juramento da sociedade revolucionária “Lotus & Dagger”, quando estava na Inglaterra. Ele era agora o líder do Moderados em C. P., Índia!

Sri Aurobindo: “No meu caminho ao Congresso de Surat, paramos em Nagpur. Minha exposição foi marcada no teatro. No banco da frente estava sentado Moropant Joshi. Deshmukh estava ao seu lado. Ele esteve todo o tempo de soslaio para mim”.

26 de dezembro de 1907. Congresso de Surat.

Uma semana antes, as sessões de ambos os partidos - os moderados e os nacionalistas - começaram seus esforços para assegurar a maioria para o seu lado. Os moderados escolheram Surat como o local porque pensavam que seria fácil para eles assegurar a maioria lá. Tilak, Khaparde, Khare já estavam lá, do lado nacionalista. Entre os líderes de Bengala, Sri Aurobindo presidiu os encontros em Balaji Tekra. Em um dos discursos, ele começou: “Minha caneta é mais poderosa que minha língua” - um grande Sutra que se tornou realidade em sua vida! Todos os líderes nacionalistas costumavam se encontrar em particular, todos os dias, sob a liderança de Tilak, para decidir as questões controversas. Havia pacificadores indo de um acampamento para outro. A

atmosfera estava sobrecarregada com grande agitação. Membros do Partido Revolucionário que também vieram em grande número estavam organizando seus próprios encontros, e discutindo seus planos. Em 27 de dezembro de 1907, Barin escreveu uma nota para Sri Aurobindo, pedindo para organizar entrevistas pessoais com os líderes do Partido Nacionalista. Tilak, Lajpatrai e outros participaram nestas discussões, quer pessoalmente ou por meio de seus representantes. Eles, como Sri Aurobindo, mantiveram em separado o movimento secreto do movimento público; pois consideravam o primeiro complementar ao segundo.

Antes da abertura da sessão do Congresso, Surendranath Banerji, o líder moderado de Bengala, tentou organizar uma reunião com todos os delegados de Bengala para chegar a uma decisão unânime. Ele preparou um rascunho em nome dos moderados de Bengala, contendo as condições para um acordo com os nacionalistas. Isto foi posto antes do encontro. Satyen Bose rasgou o papel e a reunião se dispersou. O Sr. Phirozshah Mehta, Gokhale e outros líderes moderados começaram a duvidar se assegurariam a maioria para a sua resolução. Eles dependiam consequentemente de sua maioria no Comitê de Recepção. A disputa se centrou em torno da resolução aprovada em Calcutá pelo Congresso, em 1906. Os nacionalistas quiseram tomá-la como a base e prosseguiram nesta direção. Os moderados não quiseram aceitar a resolução de 1906 como obrigatória. Os nacionalistas, quando impedidos de levar sua resolução por meio do Comitê de Recepção, propuseram apresentá-la antes da abertura da sessão. Ambos os partidos decidiram testar suas forças na proposta para a Presidência do Congresso. Surendranath propôs Dr. Rash Behari Ghose e Tilak defendeu Lajpat Rai. Houve um esforço para impedir que Tilak se dirigisse à casa. Foi um sinal para um pandemônio. Cadeiras foram arremessadas por toda parte e a polícia precisou ser chamada para restabelecer a ordem.

Não foi uma época de sabedoria política ou de avaliação calma. O impulso pela liberdade despertou na nação, como uma irresistível inundação. Foi em 1947 - depois de quarenta anos - que finalmente se cumpriu, em uma medida muito grande.

ਮਾਨਤ੍ਰਿ ਨਿਰੰਕਰ
ਗਿਆਨੂਰ

ଅନ୍ୟମାନଙ୍କ, ଶିକ୍ଷାପ୍ରେମୀ ଏବଂ ନାୟକଙ୍କ !
 ତେଣୁ, ତେଜସବୁ, ସୁଲଭା-ଆଦିଙ୍କ
 ଶାନ୍ତି-ସ୍ମୃତି ଶୁଭ ! ତାହାମାନଙ୍କ ନିଜେ କାଳ,
 ନିଜେ ସମୟ, ନିଜେ ସୁଖ; କେବଳ ଶୁଣି ଏବଂ
 କହି ନାହିଁ, କେବଳ ଶୁଣି ଶୁଣା; କିନ୍ତୁ ମାନବ
 ଚାପାପାରି ଆଦର୍ଶ ଅନ୍ତର୍ଭାବି । ଏହି ମାନବ
 ମାନବତାକୁ ଚାହିଁ ଏହି ମାନବତା, -
 ଏହି ମାନବ ନିଜେ ନିଜେ ଚିନ୍ତାପ୍ରସ୍ତୁତି
 ଶୁଭାଶୁଭ; ଏହି ମାନବ ଶୁଭାଶୁଭ
 ଶୁଭାଶୁଭ ମହାନୀତି, ମହାନୀତିକର
 ଶୁଭାଶୁଭ ମହାନୀତିକର; ଏହି ଶୁଭାଶୁଭ
 ମହାନୀତିକର ନିଜେ ନିଜେ ଶୁଭାଶୁଭ;
 ଶୁଭାଶୁଭାଶୁଭ ଶୁଭାଶୁଭ; - ଏହି ଶିକ୍ଷାପ୍ରେମୀ
 ଶୁଭାଶୁଭ - ମହାନୀତିକର ମାନବତା -
 ଶୁଭାଶୁଭ ମହାନୀତିକର ଏହି ମହାନୀତିକର;
 ମହାନୀତିକର ମହାନୀତିକର ମହାନୀତିକର;
 ମହାନୀତିକର । ତାହାଙ୍କ ମହାନୀତିକର
 ଶିକ୍ଷାପ୍ରେମୀ ଶିକ୍ଷାପ୍ରେମୀ ? ଏହି ଶିକ୍ଷାପ୍ରେମୀ

*Rabindranath, ó Aurobindo, inclina-se a ti!
Ó amigo, amigo da minha pátria, ó voz encarnada, livre,
da alma da Índia! Nem fama discreta coroa teu destino;
nem riqueza ou despreocupado conforto te são destinados; buscaste
não pequena dádiva, pequena esmola; a tigela do mendigo
tu jamais erqueste.*

Tradução dos primeiros versos de Rabindranath Tagore, em sua *Homenagem a Sri Aurobindo*, publicada no *Bande Mataram* em 1907, a partir da tradução inglesa de Kshitish Chandra Sen.

*Rabindranath, O Aurobindo, bows to thee!
O friend, my country's friend, O voice incarnate, free,
Of India's soul! No soft renown doth crown thy lot;
Nor pelf or careless comfort is for thee; thou'st sought
No petty bounty, petty dole; the beggar's bowl
Thou ne'er hast held aloft.*

INÍCIO DO YOGA

Quando Sri Aurobindo esteve em Surat, ele encontrou Sakhare Baba, um yogue Maharashtriyam, que estava intensamente interessado na questão da independência da Índia. Sri Aurobindo considerou que seu próprio *sadhana* era muito irregular e desorganizado, por conta de seu trabalho político. Assim ele disse a Barin para organizar um encontro com alguém que pudesse auxiliá-lo em seu *sadhana*. Um dos discípulos de Vishnu Bhasker Lele estava em Baroda. Barin veio a saber sobre ele e foi informado que Lele estava nessa época, em Gwalior. Um telegrama foi enviado a Lele pedindo-lhe para vir a Baroda. Então, quando Sri Aurobindo foi a Baroda, depois da interrupção do Congresso, Lele já havia chegado lá.

Deste modo, a atividade política, de um lado, e o *sadhana*, de outro, foram ambos sendo intensamente seguidos.

“Não, não tinha conhecimento. Não sabia que Deus existia. Foi há dois (ou três ou quatro) anos antes de encontrar Lele que comecei seriamente o Yoga. Deshpande, nessa época, estava praticando *Hatha Yoga*, *Ásanas* e alguns outros *Kriyás*, e como ele tinha uma grande tendência proselitista quis me converter ao seu ponto-de-vista”.

“Mas eu tinha pensado que um Yoga que requeria de mim desistir do mundo não era para mim. Eu devo libertar meu país. Tomei-o seriamente quando aprendi que o mesmo *Tapasya*⁵⁶, que alguém faz para abandonar o mundo, pode ser usado para a ação. Aprendi que o Yoga dá poder, e, pensei, por que diabos eu não poderia pegar esse poder e usá-lo para libertar meu país?”

Questão: “Deus muito claramente explorou seu desejo de libertar a Índia?”

Resposta: “Foi na época do ‘o país primeiro, humanidade depois, e o resto em lugar algum’. Foi algo vindo detrás que fez a ideia ser aceita pela mente; foi a minha entrada lateral para a vida espiritual”.

22 de junho de 1926

Resultados da prática de Pranayama

“Os resultados foram notáveis. Muitas visões de cenas e imagens eu costumava ver. Senti um poder elétrico em torno de minha cabeça. Meus poderes de escrita estavam quase secos; eles reviveram com um grande vigor. Eu podia escrever prosa e poesia, com um fluxo. Esse fluxo nunca cessou desde então. Se não escrevia depois disso, era porque eu tinha algo mais a fazer. Mas, no momento em que eu queria escrever, ele

⁵⁶ Nota do tradutor. *Tapasya*: ascese; *sadhana*: disciplina; *ásana*: postura; *kriyá*: exercício de purificação e limpeza; *Hatha Yoga*: uma escola do yoga, mais focadamente direcionada ao aspecto físico e energético; *pranayama*: exercício de respiração.

estava lá. Em terceiro lugar, uma grande saúde. Eu fiquei forte e robusto, a pele tornou-se suave e delicada e havia um fluxo de doçura na saliva. Eu costumava sentir uma certa aura ao redor da cabeça. Havia uma multidão de mosquitos, mas eles não vinham a mim”.

“Então lá veio um *Sannyasi Naga* – que me deu o *Stotra*⁵⁷ de Kali. Foi um *Stotra* muito violento, com ‘Jahi’ ‘Jahi’ nele. Eu costumava repeti-lo, não me deu nenhum resultado. Visitei Ganganath, depois do falecimento de Brahmananda, quando Keshavananda estava lá”.

“Foi nessa época que eu desisti da dieta de carne e achei um grande sentimento de iluminação e purificação no sistema”.

“Com minha mente europeia, não tinha, nessa época, fé nos Deuses. Fui a Karnali (próximo de Chandod) e lá há muitos templos. Há um único templo de Kali e, quando olhei para a imagem, eu vi a presença viva lá. Pela primeira vez, eu acreditei na ‘presença’ de Deus”.

“Quando fui a Bengala e tomei o trabalho político, o *pranayama* tornou-se irregular e tive uma grande doença, que quase me levou”.

5 de dezembro de 1939

Lele encontrou Sri Aurobindo pela primeira vez, na casa de Khasirao Jadhav, em Dandia Bazar, por meia hora. Foi muito provavelmente em um dos três dias: 28, 29 ou 30 de dezembro de 1907. Sri Aurobindo deu três conferências em Baroda sobre a Situação Política - duas no *Teatro Bankaneer* e uma no ginásio de Manik Rao. Sardar Mazumdar, usando uma *Pashmina Shawl*, apresentou Sri Aurobindo, porque era então um inverno severo, e Sri Aurobindo foi só com uma camisa, sem um agasalho por cima. Ele não usava roupas de cama. Deste modo, enquanto viajava, dormia no banco e usava suas mãos como travesseiro⁵⁸.

Durante sua estadia em Baroda, ele encontrou Chhotalal Purani, em uma entrevista particular, e explicou-lhe o projeto do trabalho revolucionário, desenhando um rascunho à lápis sobre um papel branco. Então encaminhou-o para se encontrar com Barin, que se reuniu com C. B. Purani, por três dias consecutivos, explicando os detalhes da organização revolucionária. Foi deste modo que as sementes desse movimento foram germinadas em Gujarat, que tão bem conhecidas se tornaram depois. A inspiração para isso veio de Sri Aurobindo.

⁵⁷ Nota do tradutor. *Sannyasi Naga*: devoto de Shiva; *Stotra*: elogio, ode, hino de louvor.

⁵⁸ A respeito de seu gosto pela comida marata, em Baroda, e sua lembrança dela, aqui está o que ele disse em uma carta: “Eu espero que seu jantar em Dewas não acabe como minha primeira prova da cozinha marata - quando por alguma razão meu jantar foi *non est* e alguém foi ao meu vizinho, um professor marata, buscar comida. Peguei um bocado e somente um. Ó Deus! Subitamente um fogo na boca não poderia ter sido mais surpreendente. Suficiente para trazer abaixo toda a Londres, em uma rajada selvagem e agonizante de chama!”

Lele mostrou sua prontidão para ajudar Sri Aurobindo em seu *sadhana* e para tentar dar-lhe alguns resultados concretos, na condição de que ele pudesse suspender - porque Sri Aurobindo não estava pronto para desistir inteiramente - sua atividade política. Lele disse-me, em 1916, que, quando recebeu o telegrama chamando-o para ir a Baroda, teve uma intuição de que deveria dar iniciação a uma alma muito grande. Sri Aurobindo estava pronto para cumprir as condições. Lele queria que ele se separasse dos outros e ficasse com ele. Sri Aurobindo concordou. Ele subitamente desapareceu da tumultuada cena política da qual ele era um centro importante. Os amigos sabiam onde ele estava mas ninguém o perturbou. Ele permaneceu com Lele por três dias em um pequeno aposento, no último andar do *Sardar Majumdar's Wada*, em Baroda. Lele pediu-lhe para deixar sua mente em branco - o que ele fez. Ele mesmo descreveu esse episódio depois, mais de uma vez. Aqui estão suas próprias palavras:

“Eu estou contente que você se tenha convertido ao silêncio, e mesmo o Nirvana⁵⁹ não está sem seus usos - no meu caso foi a primeira experiência positiva e isso tornou possível todo o resto do *sadhana*; mas quanto ao caminho positivo para obter essas coisas, eu não sei se sua mente está realmente pronta para lidar com isso. Há de fato muitos caminhos. Meu próprio caminho foi pela rejeição do pensamento. ‘Sente-se’, me foi dito, ‘olhe e verá que seus pensamentos lhe chegam de fora. Antes de eles entrarem, mande-os embora’. Eu sentei e olhei e vi, para meu assombro, que era assim; vi e senti concretamente o pensamento se aproximando, como se para entrar através ou acima da cabeça e foi possível afastá-lo concretamente, antes de ele entrar. Em três dias - realmente em um - minha mente tornou-se plena de um eterno silêncio - ainda está lá. Mas o que eu não sei é quantas pessoas podem fazer isso. Alguém (não um discípulo - eu não tinha discípulos naqueles dias) perguntou-me como fazer yoga. Eu disse: ‘deixe primeiro sua mente quieta’. Ele fez e sua mente ficou quieta, silenciosa e vazia. Então ele investiu contra mim dizendo: ‘Meu cérebro está vazio de pensamentos, não posso pensar. Estou me tornando um idiota’. Ele não fez uma pausa para olhar e ver de onde esses pensamentos que proferiu estavam vindo! Não percebeu que alguém que já é um idiota não pode se tornar um. De todo modo, não tive paciência naqueles dias e dispensei-o e deixei-o perder seu silêncio milagrosamente alcançado”.

“O caminho comum, o mais simples, se alguém pode totalmente administrá-lo, é *mandar descer* o silêncio do alto de você para dentro do cérebro-mente e do corpo”.

“Eu penso que você fez um jogo exagerado com a minha frase ‘um acidente’, ignorando a importante qualificação, ‘pareceu vir por um acidente’. Depois de quatro anos de *pranayama* e outras práticas, minhas próprias, com não outro resultado senão uma saúde melhorada e abundância de energia, alguns fenômenos psicofísicos, uma grande abundância de criação poética, um poder limitado de visão sutil (padrões luminosos e figuras, etc.) principalmente com o olho desperto, tive uma suspensão

⁵⁹ Nota do tradutor. Nirvana: cessação.

completa e fiquei perdido. Nessa conjuntura, fui induzido a encontrar um homem sem fama, que eu não conhecia, um *Bhakta*⁶⁰ com uma mente limitada, mas com alguma experiência e poder evocativo. Sentamos juntos e segui, com uma fidelidade absoluta o que ele me instruiu a fazer, não eu-mesmo, sem o mínimo entendimento para onde ele estava me conduzindo ou para onde eu-mesmo estava indo. O primeiro resultado foi uma série de experiências tremendamente poderosas e mudanças radicais da consciência, as quais eu nunca pretendi - porque elas eram *advaitas* e *vedantinas*, e ele era contra o Advaita Vedanta, - e que eram muito contrárias às minhas próprias ideias, pois me faziam ver, com uma intensidade estupenda, o mundo como um jogo cinematográfico de formas vagas, na universalidade impessoal do Brahman Absoluto. O desfecho final foi que ele foi levado, por uma Voz que estava com ele, para entregar-me ao Divino, ordenando-me uma absoluta rendição à sua vontade - um princípio, ou melhor, uma força de semente, ao qual eu mantive, de forma inabalável e crescente, até que me conduzisse, através de todos os labirintos de um incalculável desenvolvimento yóguico, vinculado não por uma regra única ou estilo ou dogma ou *Shashtra*, para onde o que sou agora e em direção ao que serei doravante. No entanto, ele compreendeu muito pouco o que estava fazendo de forma que, quando me encontrou um mês ou dois depois, ele se espantou, tentou desfazer o que havia feito e disse-me que não era o Divino mas o Demônio que havia me capturado”.

Maio, 1932.

“Quanto à calma e silêncio, não há necessidade do Supramental para obtê-las. Alguém pode obtê-las no nível da Mente Elevada, a qual é a próxima acima da inteligência humana. Eu tive essas coisas em 1908, há 27 anos, e posso te assegurar que elas estão firmes o suficiente e maravilhosas o suficiente em toda a consciência, sem nenhuma necessidade da Supramentalidade para mantê-las assim. De novo, uma calma que parece ação e movimento é um fenômeno do qual nada conheço. Uma calma e um silêncio que é o que tive. A prova é que, de um silêncio absoluto da mente, eu editei o *Bande Mataram* por quatro meses e escrevi seis volumes do Arya, sem falar de todas as cartas e mensagens, etc., etc. que tenho escrito desde então”.

“... Eu mesmo tive minha experiência do Nirvana e silêncio no Brahman, etc., muito antes havia algum conhecimento de planos espirituais superiores; ele veio primeiro simplesmente por uma quietude e apagamento como se fosse de todo o mental, emocional e outras atividades internas - o corpo continuava de fato a ver, caminhar, falar e fazer seus outros negócios, mas como uma máquina automática vazia e nada mais. Não me tornei ciente de nenhum puro “eu”, nem mesmo de qualquer Si mesmo, impessoal ou outro, - havia somente um conhecimento do “Isto” como a única Realidade, tudo o mais sendo muito insubstancial, vazio, não real. Quanto ao que

⁶⁰ Nota do tradutor. *Bhakta* é aquele que pratica *Bhakti*: devoção.

realizou essa Realidade, era uma consciência sem nome que não era outra coisa além do “Isto”; alguém poderia talvez dizer assim, embora dificilmente nem sequer assim, porque não havia um conceito mental dela, e nada mais. Nem eu estava ciente de qualquer alma inferior ou Si mesmo exterior, denominado por tal ou qual nome pessoal, que estava realizando esse feito de chegar à consciência do Nirvana ...”.

“Note que eu não pensava nessas coisas, não havia pensamentos ou conceitos, nem eles se apresentavam como algo a qualquer ‘eu’; foi simplesmente assim ou foi assim aparentemente para o Si mesmo”.

On Yoga II, Tomo Um, pp. 294-295

“Foi minha grande dívida com Lele que me mostrou isso. ‘Sente-se em meditação’, ele disse, ‘mas não pense, somente olhe para sua mente; você verá pensamentos vindos a ela; antes que eles possam entrar, afaste-os de sua mente até que sua mente seja capaz de total silêncio’.

“Nunca havia ouvido antes a respeito de pensamento visivelmente vindo de fora para a mente, mas não pensei em questionar a verdade ou a possibilidade, eu simplesmente me sentei e o fiz. Em um momento, minha mente tornou-se silenciosa como um ar sem vento no pico de uma alta montanha e então vi um pensamento e logo outro vindo de fora de modo concreto; mandei-os embora, antes que pudessem entrar, e tomei conta do cérebro e, em três dias, estava livre. A partir desse momento, em princípio, o ser mental em mim tornou-se uma Inteligência livre, uma Mente universal, não limitada ao círculo estreito do pensamento pessoal, como um trabalhador numa fábrica de pensamentos, mas um receptor de conhecimento, a partir de toda uma centena de reinos de seres e livre para escolher o que ele quisesse, nesse vasto império de luz e império de pensamento”.

On Yoga II, Tomo Dois, pp. 359-360

1907-1908

Foi entre estes anos que Sri Aurobindo encontrou Amarendranath Chatterji, depois bem conhecido como líder revolucionário. Foi na *Scott's Lane*, n. 23, em Calcutá, que a entrevista foi organizada para dar a ele a iniciação. Upendranath Banerjee apresentou Amar, que escreveu em 1950 a respeito de seu primeiro encontro, nos seguintes termos:

“Eu não estava apenas encantado com meu primeiro encontro com ele, - eu me tornei forte, eu me tornei poderoso. Tive uma prova pessoal da ideia de que *Diksha* - iniciação - pode ser dada apenas por *Darshana* (visão) e isso não requer toque ou um Mantra”.

Os dois estavam sozinhos juntos. Sri Aurobindo começou:

“Eu suponho que Upen falou contigo sobre o trabalho a ser feito pelo país. Espero que não haja dúvida ou vacilação ou medo em sua mente sobre isso”.

Amar: “Você mesmo não poderá dizer alguma coisa? É a última coisa que Upen disse? Quero ouvir de você. Você ouviu algo sobre mim?”

Sri Aurobindo: “Eu ouvi sobre você. Você deu muito dinheiro ao movimento de *Swadeshi* e esse dinheiro é usado no serviço do país. Mas deve o país ser libertado pelos políticos de sal e açúcar somente? Se nós queremos assegurar a liberdade do país, devemos sacrificar tudo por ele, e deveríamos estar prontos para desistir mesmo de nossa vida por ele. Se nós queremos libertar o país, devemos conquistar o medo da morte”.

Amar: “Quantos seriam capazes de fazer isso, você pensa?”

Sri Aurobindo: “É tão difícil sacrificar a si mesmo para o Pátria-mãe? Homens se deslocam por meio de muito sofrimento e engano para conseguir a alegria na vida. Nenhum sacrifício deveria ser difícil para libertar o país. Se a Índia não se tornar livre, ninguém também será livre. O povo de outros países pensa somente no seu interesse; o povo da Índia, mesmo quando pensa sobre a Índia, pensa no mundo todo”.

Amar: “Upen falou-me sobre estar pronto para o autossacrifício e eu lhe respondi nos termos do que Bankim havia dito, já que, um dia, a morte será inevitável, por que alguém deveria temê-la? Meu medo vem de outro lugar. Sinto, no presente, que não sou digno de tão grande missão. Há algum modo de obter essa aptidão?”

Sri Aurobindo: “Entregue-se a Deus e em nome da Mãe Divina progrida com o serviço da Índia. Esta é minha *Diksha* - iniciação - para você”.

Amar acrescenta: “Esta *Diksha* moldou minha vida. Todo medo, todo apego deixou-me”. Ele me designou o trabalho de reunir dinheiro para a manutenção dos jovens do partido.

Quanto a que lugar ocupou o *Bande Mataram* no país e na estima dos ingleses, uma carta escrita pelo Sr. Ratcliffe, o então editor do *Statesman* de Calcutá, para o *Manchester Guardian* deixará isso claro:

Manchester Guardian Weekly

26 de dezembro de 1950

Princes Rishborough

Nós conhecemos Aurobindo Ghose somente como um revolucionário nacionalista e editor de um inflamado jornal que fez soar uma nova nota, no jornalismo diário indiano.

Foi em 1906, logo após a aposentadoria de Curzon, que Sri Aurobindo e seus amigos iniciaram o *Bande Mataram* (Saudação à Mãe). Era composto com uma folha de tamanho normal, claramente impresso sobre um papel verde, e cheio de artigos

especiais e de referências, escritos em inglês com brilho e pungência até então não alcançados na imprensa indiana. Foi a voz mais efetiva daquilo que então chamávamos extremismo nacionalista.

S. K. Ratcliffe

1908

Na segunda semana de janeiro, Sri Aurobindo foi de Baroda a Bombaim. Sri Aurobindo pediu a Lele para vir a Bombaim e Lele concordou. Em Bombaim, a experiência espiritual que já havia iniciado em Baroda tornou-se mais intensa. A condição vazia da mente transformou-se na experiência da Consciência Silenciosa de Brahman. As variadas atividades da cidade de Bombaim, as fileiras de casas altas, etc. - tudo tornou-se como se estivessem movendo-se na superfície, meras aparências, coisas irreais contra um fundo do Infinito silencioso, o qual sozinho parecia real.

NIRVANA

All is abolished but the mute Alone.

The mind from thought released, the heart from grief

Grow inexistent now beyond belief;

There is no I, no Nature, known-unknown.

The city, a shadow picture without tone,

Floats, quivers unreal; forms without relief

Flow, a cinema's vacant shapes; like a reef

Foundering in shoreless gulfs the world is done.

Only the illimitable Permanent

Is here. A Peace stupendous, featureless, still

Replaces all, - what once was I, in It

A silent unnamed emptiness content

Either to fade in the Unknowable

Or thrill with the luminous seas of the Infinite.

NIRVANA

Tudo está abolido, exceto o Solitário mudo.

A mente libertada do pensamento, do lamento o coração
Tornam-se inexistentes agora além da crença;
Não há eu, nem Natureza, conhecida-desconhecida.

A cidade, uma pintura sombria sem tom,
Flutua, treme irreal; formas sem relevo
Fluem, contornos vazios de um cinema; como um recife
Naufragando em golfos sem bordas o mundo acabou.

Somente o Permanente sem limites
Está aqui. Uma Paz estupenda, sem expressão, ainda
Substitui tudo, - o que então eu era, Nisso

Um conteúdo vazio, inominado, silencioso
Ou desaparecer no Incognoscível
Ou emocionar-se com os mares luminosos do Infinito.

Assim, quando aceitou um convite da *Bombay National Union* para conduzir um encontro, Sri Aurobindo estava em apuros. A mente tornara-se calma, branca - como estaria ele para fazer um discurso? Ele de fato não poderia recusar o convite, porque era um trabalhador político ativo e um líder proeminente de toda a Índia. Ele perguntou a Lele, que lhe disse que seu aceite estava todo em ordem e tudo acabaria bem.

A descrição disso, com suas próprias palavras, dará uma clara ideia de sua experiência e sua conexão (e a duração dela) com Lele:

“Então me dirige à política e quis retomar o yoga. Mas não sabia o que fazer porque não tinha tempo para os *Pranayamas*. Barin disse que eu iria gostar de ter uma orientação adicional no yoga, assim Barin telegrafou de Surat a Lele, que talvez estivesse em Gwalior, para vir e nos encontrar em Baroda”. “Ele me disse para não fazer nada, mas afastar todos os pensamentos que vierem. Então eu percebi a Consciência Silenciosa de Brahman. Comecei a pensar a partir de cima do cérebro, desde então”.

“Nessa condição silenciosa - sem qualquer pensamento na mente - fui a Bombaim. Lá, eu devia discursar na *National Union* e então perguntei a Lele: ‘O que eu deveria fazer?’ Respondeu-me: orar. Mas eu estava tão absorvido na Consciência Silenciosa de Brahman que eu não podia orar. Assim disse-lhe que não estava com vontade de orar. Então ele respondeu que isso não importava. Ele e alguns outros iriam

orar e eu devia simplesmente ir ao encontro e fazer *Namaskara*⁶¹ para a audiência, como Narayana, e então alguma voz iria falar. Fiz exatamente como ele me disse. No meu caminho para o encontro, alguém me deu um jornal para ler. Quando me levantei para falar, a impressão da manchete da notícia brilhou através da minha mente e então, de repente, algo falou. Esta foi minha segunda experiência a partir de Lele”.

“Quando estava em Bombaim, do balcão da casa de um amigo, vi todo o movimento comercial de Bombaim como uma pintura em uma exibição de cinema, tudo irreal e sombrio. Desde então tenho mantido essa estabilidade da mente - nunca a perco mesmo no meio de dificuldades. Todos os discursos que fiz, no meu caminho para Calcutá, foram da mesma natureza - com alguma mistura de trabalho mental, em algumas partes”.

“Antes de me separar de Lele, pedi-lhe instruções. Ele começou a me dar instruções detalhadas. Ao mesmo tempo, eu lhe falei de um Mantra que surgiu em meu coração. Subitamente, enquanto me dava instruções, ele parou e perguntou-me se eu poderia confiar absolutamente Nele, que me deu o Mantra. Respondi que eu sempre poderia fazer isso. Então Lele disse que não havia necessidade de instruções adicionais”.

“Quando Lele veio a Calcutá, em fevereiro de 1908, ele perguntou-me sobre meu yoga. Eu tinha parado o velho modo de meditação, como vinha fazendo praticamente todo o tempo. Então ele disse que o Demônio tinha tomado posse de mim e quis dar-me instruções. Eu não segui seu conselho - mas não quis insultá-lo. Então recebi o comando de dentro, que um Guru humano não era mais necessário para mim agora”.

“Tudo o que escrevi no *Bande Mataram* e no *Karma Yogin* foi a partir deste estado yóguico. Ele costumava descer para minha caneta, enquanto eu estava sentado para escrever. Sempre confiava no Guia interno, mesmo quando parecia estar me desviando. Não mais uso esse método agora”.

13 de abril de 1923, *Conversas Noturnas*

Foi assim que ele teve a indicação não somente para a praticabilidade do yoga, mas também para o seu dinamismo. Ao *sadhana* que conduz à passividade ou inatividade, foi acrescido o importante elemento do dinamismo divino. Não somente ele entendeu isso, mas o colocou à prova em sua viagem de Bombaim a Calcutá. Como já mencionado acima, todas as atividades iniciadas depois foram feitas do mesmo modo. A base de seu ideal de vida divina, como um resultado de transformação completa da natureza humana, foi derivada de uma sólida experiência obtida, no meio da tumultuosa atividade política.

Em seu desenvolvimento posterior no yoga, Sri Aurobindo viu que nem todas as vozes ouvidas no *sadhana* eram do Divino. Não apenas isso, mas havia vozes

⁶¹ Nota do tradutor. *Namaskara*: saudação.

provenientes da ignorância e mesmo vozes dos *Asuras*, e o *sadhaka* ⁶² deve estar em guarda contra elas. À luz do seu desenvolvimento posterior, ele declarou que uma direta Guiança Divina era possível, depois da realização do Divino, e poder-se-ia dispensar a necessidade de guiança (ou trabalho) da voz.

Deste modo, o yoga de Sri Aurobindo não se apoia na base de um milagre, ou uma fé cega em algo oculto, ou algum princípio intelectual abstrato de filosofia. Ele está baseado na experiência concreta e testado na luta da vida.

Quando discursou sobre as nove deportações, na Conferência de Jhalakati, ele disse:

“O que é esta tempestade que é tão poderosa e varre sobre nós com tal fúria? E digo em meu coração, ‘É Deus que cavalga amplamente nas asas do furacão - é o poder e a força do Senhor que se manifestaram e mãos todo-poderosas que agarraram e sacudiram o telhado tão violentamente sobre nossas cabeças hoje ... Estávamos construindo um edifício para ser o templo de nossa adoração à Mãe, estávamos criando para ela uma nova e justa mansão, um lugar adequado para sua morada. Foi então que Ele desceu sobre nós. Ele se jogou sobre o prédio que havíamos erguido. Ele sacudiu o telhado com suas mãos poderosas e parte do prédio foi deslocado e arruinado. Por que Ele fez isso? Repressão é o martelo de Deus que está nos deixando em forma, de tal modo que devemos ser moldados como uma nação poderosa e um instrumento para Seu trabalho no mundo. Somos ferro em Sua bigorna e os ventos estão nos lavando, não para destruir, mas para recriar. Sem sofrimento não pode haver crescimento”.

Na mesma petição ele disse: “Os governantes do país, com sua escassa sabedoria, pensaram que, arrancando as cabeças, o movimento iria cessar. Eles não sabem o quão grande Ele é, Ashwini Kumar Dutt não é o líder deste movimento, que Tilak não é o líder, Deus é o líder. Eles não sabem que a tempestade que tem varrido o país não foi enviada por eles, mas por Ele para seu próprio grande objetivo!”

“Somos os descendentes daqueles que praticaram *Tapasya* e suportaram austeridades inauditas, com a finalidade de ganho espiritual, e com suas próprias vontades se submeteram a todos os sofrimentos dos quais a humanidade é capaz. Somos as crianças daquelas mães que subiram, com um sorriso, à pira funeral, para que elas pudessem seguir seus esposos ao outro mundo”.

*

“É porque Deus escolheu manifestar-se e adentrou os corações de Seu povo que nós de novo estamos nos levantando como uma nação”.

*

“*Swaraj* significa realização de nossa vida nacional”.

⁶² Nota do tradutor: *Sadhana*: prática espiritual. *Sadhaka*: praticante, buscador espiritual.

Vivamus mea Lesbia, atque amemus,
rumoresque senum severiorum
omnes unius aestimemus assis!
soles occidere et redire possunt:
nobis cum semel occidit brevis lux,
nox est perpetua una dormienda.
da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum.
dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus invidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum. (Caio Valério Catulo, I a.C.)

O my Lesbia, let us live for loving.
Suns can set and return to light the morrow,
We, when once has sunk down the light of living,
One long night we must sleep, and sleep for ever.
Give me kisses a thousand and then a hundred,
One more thousand again, again a hundred,
Many thousands of kisses give and hundreds,
Kisses numberless like to sands on sea-shores,
Burning Libya's sands in far Cyrene.
Close confound the thousands and mix the hundreds
Lest some envious Fate or eye discover
The long reckoning of our love and kisses. (tradução do latim por Sri Aurobindo, 1942)

Vivemos, minha Lésbia, amemos sempre,
E os rumores dos velhos rabugentos
Saibamos desprezar, tê-los em nada.
O sol pode morrer, tornar de novo;
Nós, se uma vez a breve luz nos morre,
Uma e perpétua noite dormiremos.
Oh! mil beijos me dá, depois um cento,
E mil outros depois, mais outro cento,
E outros mil, e outros cem; e quando ao cabo
Muitos milhares ajuntarmos deles,
Em maga confusão juntá-los-emos.
Que não saibamos nós, que ninguém saiba
Nem maldoso nenhum possa invejar-nos
Se de tantos souber, tão doces beijos. (tradução portuguesa de Almeida Garrett)

Ele recusou curvar-se à repressão e disse: “É olhando a tempestade no rosto e encontrando-a com grande coragem, fortaleza e resistência que a nação pode ser salva. É o que a Mãe solicita de nós, o que Deus solicita de nós”.

“A tempestade deve cair sobre nós de novo com grande violência. Então, lembra disso, enfrenta a fúria dela, sinte tua força, treina a tua força na luta com a violência do vento, e, por meio dessa força, mantém firme o telhado sobre o templo da Mãe”.

3 de julho de 1909

Nós já vemos o quanto de espiritualidade se respira nessa petição. Para Sri Aurobindo, a vida já era um campo do Divino, Deus era o líder do despertar político, e era Ele quem estava trabalhando através de todas as aparências contrárias externas para a realização de Seu objetivo. O homem é somente um instrumento do Divino.

O discurso de Uttarpara é abertamente uma descrição de sua experiência espiritual, enquanto estava na prisão. Quando quis dar instruções escritas a C. R. Das, para a defesa no tribunal, ele ouviu a voz interna.

“Eu ainda penso ser necessário escrever instruções. Então tudo foi posto a partir de mim e tive a mensagem do interior. ‘Este é o homem que te salvará das algemas postas ao redor de seus pés. Deixa de lado estes papéis. Não é você quem vai instruí-lo. Eu vou instruí-lo.’ ”

Depois referiu-se ainda à mesma voz dizendo: “Estou na nação e sua insurreição, e sou Vasudeva, sou Narayana, e o que eu quiser, serei, não o que os outros quiserem. O que eu escolher promover, nenhum poder humano pode resistir”.

“Hoje você falou muito do meu autossacrifício e devoção ao meu país. Ouvi que tipo de discurso desde então eu trouxe da prisão, mas ouvi com embaraço, com algo de dor. Porque eu conheço a minha fraqueza, sou uma vítima das minhas próprias faltas e desvios. Não sou cego a elas, sempre que elas todas se erguerem contra mim, em isolamento, sinto-as totalmente. Soube então que eu, o homem, era uma massa de fraqueza, um instrumento imperfeito e defeituoso, forte somente quando uma força mais alta adentrava em mim ... Você obteve somente alguma força de mim para falar uma palavra a esta nação, que ajudará a erguê-la”.

“Eu tivera muitas dúvidas antes. Fui levado à Inglaterra entre ideias estrangeiras e uma atmosfera inteiramente estrangeira. A respeito de muitas coisas no Hinduísmo, uma vez estive inclinado a acreditar que elas eram imaginações, que havia muito de sonho nisso, muito que era ilusão e Maya. Mas agora, dia após dia, compreendi na mente, compreendi no coração, compreendi no corpo a verdade da religião hindu. Elas

se tornaram experiências vivas para mim, e as coisas estavam abertas para mim, as quais nenhuma ciência material poderia explicar”.

“Quando me aproximei de Deus, nesta época, tive firmemente uma fé viva Nele. O agnóstico estava em mim, o ateu estava em mim, o cético estava em mim e eu não estava absolutamente seguro que havia um Deus de fato”. “... Então quando me voltei ao yoga e resolvi praticá-lo e descobri que minha ideia era correta, fiz isso neste espírito e com esta oração a Ele: ‘Se Tu és, então Tu conheces meu coração. Tu conheces que eu não peço por *Mukti*⁶³, eu não peço por nada daquilo que os outros pedem. Eu peço somente pela força para erguer esta nação, peço somente para ser-me permitido viver e trabalhar para este povo que eu amo e a quem eu oro, que eu possa dedicar minha vida.”

Parte da resposta recebida foi:

“Esta é *Sanatana Dharma*, esta é a religião eterna que você de fato não conhecia anteriormente, mas que agora te revelei. O agnóstico e o cético em você foram atendidos ... Estou dando a eles (indianos) liberdade para o serviço do mundo”. “... É a *Shakti* que veio avante e adentrou no povo. Desde há muito, estou preparando este levante e agora chegou o momento e sou Eu quem o conduzirá para sua realização”.

Sri Aurobindo continua em sua própria pessoa:

“Esta é a palavra que foi posta em minha boca para falar contigo hoje. O que pretendia falar foi afastado de mim, e, além do que me foi dado, nada tenho a dizer. É a palavra que foi posta em mim que posso te falar. Esta palavra agora se encerrou”.

30 de maio de 1909

O discurso de Uttarpara é um documento público da vida espiritual de Sri Aurobindo e contém, na forma de semente, alguns dos princípios básicos do yoga que ele desenvolveu. O humano nele ainda falou do Divino e então o humano foi completamente transformado no Divino. A Luz que ele derramou foi a Luz Divina e é para que a humanidade a siga e se aproveite dela.

Ele falou com esta voz inspirada, no seu apogeu, em Bombaim, diante da *National Union*, na Conferência de Jhalakati e em Uttarpara.

1908

Durante as primeiras duas semanas de sua estada em Baroda, ele encontrou o Marajá, a pedido deste último. Na segunda vez, quando o Marajá quis encontrar Sri Aurobindo, Lele pediu-lhe para não o encontrar e deste modo ele não o encontrou.

19 de janeiro de 1908. Conferência diante da *National Union*, *Mahajan Wadi*, Bombaim. Outra conferência em Girgaum.

Janeiro de 1908. Conferência em *Gaekad Wada*, Poona.

⁶³ Nota do tradutor. *Mukti* ou *Moksha*: liberação.

24 de janeiro de 1908. Conferência em *Nasik*.

26 de janeiro de 1908. Conferência em *Dhulia*.

28 de janeiro de 1908. Conferência em *Umaraoiti*.

30 e 31 de janeiro de 1908. Conferência em *Nagpur*.

01 de fevereiro de 1908. Conferência em *Nagpur*. Shyam Sunder Chakravarty estava presente.

Fevereiro de 1908. Barin escreveu uma carta a Lele convidando-o a Calcutá. Foi considerado necessário para os jovens revolucionários ter treinamento na vida espiritual. Foi quando Lele visitou Calcutá que ele veio a saber sobre o movimento político secreto de Barin e de outros. Ele se tornou muito sério e dirigiu a atenção deles para os graves perigos; mas ninguém ouviu sua advertência. Todos estavam cheios de entusiasmo e despreocupados das consequências. Prafulla Chaki estava então em Calcutá e Lele quis levá-lo consigo a Bombaim para o *sadhana*. A proposta foi apresentada a Sri Aurobindo, que deixou a Prafulla sua própria decisão. Prafulla recusou separar-se de Sri Aurobindo.

Durante sua estadia em Calcutá, Lele esteve morando no alojamento de Seal. Ele escreveu uma carta a Sri Aurobindo, em 10 de fevereiro. Quando se encontraram, Lele pediu-lhe para não seguir o caminho que estava perseguindo. Ele advertiu-o que a voz que o estava guiando era de um *Asura*⁶⁴. Ele também disse que não seria responsável pelas consequências se ele continuasse a mesma prática. Sri Aurobindo liberou-o da responsabilidade de seu *sadhana*. A partir de então, ele confiou inteiramente em sua guiança interna. Aqui de fato termina sua relação com Lele, como Guru. Sri Aurobindo mesmo depois sentiu-se grande devedor de Lele e reconheceu sua dívida, com profunda gratidão. Em março (muito provavelmente), Lele retornou a Bombaim.

17 de fevereiro de 1908. Carta de Sri Aurobindo a Mrinalini Devi.

04 de abril de 1908. Um encontro dos nacionalistas em Chandernagore, proibido por Tardevell.

08 de abril de 1908. Em Chitala (próximo de Chandernagore), um encontro dirigido por Sri Aurobindo.

11 de abril de 1908. Um bomba que não explodiu, lançada na casa de Tardevell.

Abril de 1908. Na Sexta-feira Santa, Sri Aurobindo deixou Calcutá para ir a Kishoregunj. Ele chegou a Kishoregunj no sábado: um encontro e um discurso.

30 de abril de 1908. Uma bomba lançada contra a Sra. e a Srta. Kennedy, por engano. Era destinada ao Sr. Kingsford, Magistrado do Distrito. Ambas as damas morreram.

01 de maio de 1908. Prisão de muitos revolucionários.

⁶⁴ Nota do tradutor. *Asura*: demônio.

NA PRISÃO DE ALIPORE E DEPOIS

04 de maio de 1908. A residência de Sri Aurobindo foi revistada pela polícia e ele mesmo foi preso na *Grey Street*, 48, em Calcutá. Muitos membros da sociedade secreta foram simultaneamente presos: Barin, Ullaskar Dutt, Indra Bhushan, Upendra Nath Banerjee, todos foram presos em *Murari Pukur Bagan*.

Murari Pukur Bagan era a residência de Sri Aurobindo. É um lote de sete *Bighas*⁶⁵, tendo no seu centro três quartos (no térreo), com uma varanda externa. Ao derredor, havia coqueiros, mangueiras e bétulas.

05 de maio de 1908. Prafulla Chaki foi preso. Ele cometeu suicídio, atirando em si mesmo, de forma que o segredo do partido não pudesse vazar através dele.

08 de maio de 1908. Casa de Subodh Mullick, em *Banaras*, revistada.

10 de maio de 1908. Sudhir Sarkar, preso em Khulna.

11 de maio de 1908. Registrada a declaração de Sudhir.

17 de maio de 1908. O processo foi apresentado ao Sr. Birley.

18 de maio de 1908. O processo começou.

Sarojini fez um apelo por financiamento, para a defesa de Sri Aurobindo.

Um apelo para a defesa de Arabinda Ghose

Esperamos que os leitores possam prontamente responder ao seguinte apelo:

Meus conterrâneos estão cientes de que meu irmão Aravinda Ghose permanece acusado de uma grave ofensa. Mas creio, e tenho motivo para pensar, que a grande maioria de meus conterrâneos crê que ele de fato é inocente. Penso que, se ele for defendido por um advogado capaz, seguramente será libertado. Mas como ele tomou um voto de pobreza, no serviço da Pátria Mãe, ele não tem meios de contratar os serviços de um eminente Advogado. Estou, então, sob a penosa necessidade de apelar ao espírito público e à generosidade de meus conterrâneos, em seu nome. Sei que todos os meus conterrâneos não mantêm as mesmas opiniões políticas que as dele. Mas sinto alguma delicadeza em dizer que provavelmente há poucos indianos que não apreciam suas grandes realizações, seu autossacrifício, sua devoção obstinada à causa do país e a alta espiritualidade de seu caráter. Estas coisas encorajam a mim, um mulher, a estar diante de cada filho e filha da Índia para ajudar a defender um irmão, - meu irmão e deles também.

⁶⁵ Nota do tradutor. *Bigha* é uma unidade tradicional de medida de terra comumente usada na Índia, Bangladesh e Nepal. Sem um tamanho padronizado, a medida varia significativamente entre as regiões.

Contribuições podem ser enviadas ou para mim, no *College Square*, n. 6, Calcutá, ou para os meus procuradores, Srs. Mamal e Agarwala, no *Hastings Street*, n. 3, Calcutá.

Sarojini Ghose

*

“Ferres, que foi meu companheiro de classe, não poderia vir me ver no Tribunal, quando o julgamento (Alipur) estava em curso e fomos postos numa cela para não saltarmos fora e assassinarmos o juiz. Ele era um advogado que atuava em Sumatra ou Singapura. Ele viu-me na cela e ficou muito tocado, e não sabia como libertar-me. Foi ele quem me deu a pista para o hexâmetro em inglês. Ele leu um verso de Homero que pensava ser o melhor verso e isso deu-me o balanço dos metros”.

3 de dezembro de 1939

31 de agosto de 1908. Narendranath Goswamy, que tinha se tornado cúmplice, foi assassinado no hospital por Kanailal Dutt.

Depois desse incidente, os prisioneiros foram todos separados e mantidos em celas.

14 de setembro de 1908. Kanailal Dutt foi enforcado na prisão.

19 de outubro de 1908. O processo de Alipore foi dividido em sessões. Nesse caso, havia dois grupos de acusados: em um havia 33 e no outro 9. Documentos produzidos foram 4000, e outros objetos, constituindo a evidência, de 300 a 400. No todo, 222 testemunhas foram examinadas: nas sessões, 208 testemunhas foram chamadas. O processo durou até 13 de abril de 1909.

O Juri exarou seu veredito entre 13 e 14 de abril de 1909.

05 de maio de 1909. A sentença foi proferida.

Durante o período do julgamento, Sri Aurobindo retirou-se do Reitorado do *National College*, para evitar constrangimento do Conselho e lhes permitir administrar a instituição.

Havia diferenças com o Comitê do *National College*. O Comitê queria fazer do *National College* um local de aprendizado; Sri Aurobindo queria fazer dele um centro de vida.

Para os estudantes e professores do *Bengal National College*.

22 de agosto de 1907

“Na reunião que vocês tiveram ontem vejo que expressaram simpatia comigo naquilo que vocês chamam minhas dificuldades presentes. Eu não sei se eu deveria chamá-las dificuldades no todo, porque a experiência a que estou me submetendo foi

longamente prevista como inevitável, no cumprimento da missão que tomei desde minha infância, e estou me aproximando dela sem lamento”.

Sri Aurobindo

De 4 de maio de 1908 a 5 de maio de 1909. Durante esse período, Sri Aurobindo foi um prisioneiro sob julgamento. Quando o processo foi dividido em sessões, todos os acusados sob julgamento foram postos em um único salão. Sri Aurobindo passou a maior parte de seu tempo em meditação. Quando foram levados ao tribunal para audiência, ele firmemente observou as evidências ou a condução do processo. C.R. Das foi, no final, envolvido para defender Sri Aurobindo e, como já dissemos, Sri Aurobindo foi guiado por uma voz interior para conduzir a defesa, completamente a seu cargo. Sua visão de vida estava então sofrendo uma mudança radical na prisão. No começo do *sadhana*, a ideia era receber ajuda do Divino, na missão que ele tinha acolhido, mas a natureza das experiências durante o tempo na prisão mudou completamente seu olhar. Ele decidiu se dedicar inteiramente à vida espiritual, e sua vida exterior a partir de então tornou-se uma parte de seu *sadhana* e o resultado dele. O campo de ação também se alargou enormemente depois, - a partir do serviço do país e sua liberdade, e tornou-se um amplo trabalho mundial que tocava intimamente o futuro da humanidade.

Havia muito poucos entre os acusados que Sri Aurobindo conhecia pessoalmente. Enquanto todos em torno dele, conversando e cantando, continuavam na prisão, no meio disso, Sri Aurobindo perseguia seu *sadhana* impassível. Entre as pessoas em torno dele, alguns sabiam que Sri Aurobindo estava praticando um yoga, mas não tinham ideia do tipo de *sadhana*. Ele mesmo falou sobre isso do seguinte modo:

“Passei a primeira parte de meu encarceramento na prisão de Alipore em uma cela solitária e, de novo, depois do assassinato de Noren Gossain até os últimos dias do julgamento, quando todos os prisioneiros do processo de Alipore foram igualmente alojados, cada um em sua própria cela. Entre esses períodos, por pouco tempo, todos foram postos juntos. Não há verdade diante da afirmação de que, enquanto eu estava meditando, eles se reuniram em torno de mim, que eu recitava o Gita para eles e eles cantavam versos, ou que eles punham questões para mim sobre temas espirituais e recebiam instruções de mim”.

13 de setembro de 1946.

A experiência de Sri Aurobindo na Prisão

(Reproduzido de “*the Hindu*” - Há Cinquenta Anos - de 8 a 15 de novembro de 1909)

“Durante meu confinamento solitário, diz Sri Aurobindo, em um artigo no *Suprabhat*, o Dr. Daly e o Assistente do Superintendente da Prisão costumavam vir à cela

quase diariamente, e se entregavam a uma pequena conversa. Eu não sei o motivo por que eu despertei a compaixão e a simpatia deles, desde bem cedo. Eu não podia falar muito mas somente responder às suas questões. Costumava ouvi-los, em silêncio, e fazer apenas um pequeno comentário”.

“Eles, entretanto, ainda queriam vir a mim. Um dia, o Dr. Daly observou: ‘Perguntei ao Superintendente da Prisão, através do Assistente do Superintendente, para te dar permissão para uma saída constitucional de sua cela; caso contrário, sua mente e corpo vão sofrer’. A partir do dia seguinte, eu podia caminhar ao ar livre de dez minutos a uma ou duas horas”.

“Aproveitei isso muitíssimo; de um lado estava a loja da Prisão e do outro o estábulo, e entre ambos eu desfilava como se estivesse em meu próprio território independente. Lá eu repetia os comoventes versos dos Upanishads, ou observava os companheiros da prisão trabalhando ou circulando. Eu tentava ver Deus em todo homem que se movia diante de mim, mesmo em toda árvore, muro, pássaro ou animal. Eu murmurava o Mantra: “Deus está em todo metal e na terra e no lodo”. Eu entendi isso com muita clareza e fiquei perdido em pensamento, até que a prisão deixou de ser prisão para mim”.

Ele falou dessa experiência posteriormente, no momento de elaboração do seu Discurso de Uttarpara.

Também observando o mesmo período, ele escreveu:

“Eu me ocupava de meu yoga durante esses dias, aprendendo a praticar tanto no meio de muito barulho e ruído, quanto separado e em silêncio e sem nenhuma participação de outros nele. Meu yoga, iniciado em 1904, tem sido sempre pessoal e apartado, aqueles em torno de mim sabiam que eu era um *sadhaka*, mas sabiam só um pouco mais do que isso, porque eu mantinha tudo que vinha a mim comigo mesmo. Foi somente depois de minha libertação que, pela primeira vez, eu falei em Uttarpara publicamente sobre minhas experiências espirituais”.

13 de setembro de 1946

Quando Sri Aurobindo foi absolvido no processo da Bomba de Alipore, ele endereçou a seguinte carta:

Ao Editor do “Bengalee”

Sr.,

Poderia gentilmente me permitir expressar, por meio de suas colunas, meu sentido profundo de gratidão a todos que me ajudaram no momento de meu julgamento? De inumeráveis amigos, conhecidos e desconhecidos, que contribuíram cada um com seu bocado para elevar meu fundo de defesa, me é impossível agora até

mesmo aprender seus nomes, e devo pedir-lhes para aceitar essa expressão pública de meu sentimento, no lugar de uma gratidão particular; desde minha absolvição, muitos telegramas e cartas chegaram a mim e são muito numerosos para respondê-los individualmente. O amor que meus conterrâneos devotaram a mim, em retorno pelo pouco que fui capaz de fazer por eles, amplamente recompensa qualquer aparente falha ou infortúnio que minha atividade pública possa ter trazido sobre mim. Atribuo minha libertação a uma agência não humana, mas antes de tudo à proteção da Mãe de todos nós que nunca se ausentou de mim, mas sempre sustentou-me em Seus braços e protegeu-me da aflição e desastre, e, em segundo lugar, às orações de milhares que se dirigiram à Ela, em meu benefício, desde quando fui preso. Se isso é o amor de meu país, que me conduz ao perigo, é também o amor de meus conterrâneos que me mantém salvo por meio dele”.

(Puja Number Jugantar 1364)

Aurobindo Ghose
College Square, n. 6, 14 de maio de 1909

*

“Em meu próprio caso, uma vez vi a raiva chegando e me possuindo. Fiquei muito surpreso com minha própria natureza. A raiva tem sido sempre estranha a mim”.

“Em outro momento (1908), enquanto era um prisioneiro sob julgamento em Alipore, minha raiva teria precipitado uma catástrofe terrível que felizmente foi evitada. Lá os prisioneiras deviam esperar do lado de fora para, em algum momento, adentrar as celas. Enquanto assim fazíamos, o Guarda Escocês veio e deu-me um empurrão. Os jovens em torno de mim ficaram muito agitados e eu nada fiz, mas dei-lhe um tal olhar que ele imediatamente fugiu e chamou o Carcereiro. Foi uma raiva comunicativa e todos os jovens se reuniram para atacá-lo. Quando o Carcereiro, que era um homem bastante religioso, chegou, o Guarda disse que eu lhe havia dado um ‘olhar insubordinado’. O Carcereiro perguntou-me e disse-lhe que eu nunca usava tal tratamento. O Carcereiro acalmou todo o grupo e disse, ao se afastar: ‘Nós devemos, cada um, carregar nossa cruz’. Mas pela raiva, tal como a tive, eu não quero dizer o *Rudra-Bhava*⁶⁶, que experimentei muitas vezes”.

01 de janeiro de 1939

Uma lembrança de seu tempo de prisão é aqui dada:

“Isso me recorda um elogio feito a meus olhos pelo Sr. Edward Baker, Governador de Bengala. Ele nos visitou na Prisão de Alipur e falou a Charu Chandra Dutt: ‘Você viu os olhos do Aurobindo Ghose? Ele tem os olhos de um homem louco!’

⁶⁶ Nota do tradutor. *Rudra-Bhava*: raiva divina justa.

Charu Chandra Dutt, do Serviço Civil Indiano, teve grande trabalho para convencê-lo que eu não era, de modo algum, louco, mas um Karma-yogue”.

03 de janeiro de 1939

*

“Encontrei Navinson duas vezes: uma vez em Bengala, na casa de Subodh Mullick. Eu era muito sério nessa época. Eu o encontrei de novo, quando fui presidente da Conferência Nacional, em Surat. Então eu também não podia sorrir, sendo o presidente! Deste modo, ele disse a meu respeito: ‘O homem que nunca sorri’ ”.

03 de janeiro de 1939

*

Algumas pessoas disseram que Sri Aurobindo recebia ajuda espiritual de outras pessoas e dos livros religiosos. Isso não é totalmente verdadeiro, como ele diz em uma carta:

“Eu comecei meu yoga em 1904, sem um Guru, em 1908 recebi ajuda de um yogue marata e descobri as bases do meu *sadhana*, mas desde esse tempo até a chegada da Mãe na Índia, não recebi ajuda espiritual de mais ninguém. Meu *sadhana*, antes e depois, não foi fundado sobre livros mas sobre experiências pessoais que se acumularam sobre mim de dentro. Mas na prisão, eu tinha o Gita e as Upanishads comigo, praticava o yoga do Gita e meditava com a ajuda das Upanishads; esses foram os únicos livros dos quais encontrei guiança; o Veda, que comecei inicialmente a ler muito depois, em Pondicherry, mais confirmou quais experiências eu já tinha do que foi algum guia para o meu *sadhana*. Algumas vezes, eu voltei-me ao Gita para iluminar, quando havia uma questão ou uma dificuldade, e usualmente recebia ajuda ou uma resposta dele”.

13 de setembro de 1946

Houve experiências durante esse período na prisão que podem ser chamadas de extraordinárias e miraculosas. Sobre como a faculdade para apreciar pintura lhe veio, ele diz:

“Eu conhecia algo sobre escultura, mas era cego para pintura. Subitamente, um dia, na prisão de Alipore, enquanto meditava eu vi algumas pinturas nas paredes da cela e eis quê! O olho artístico em mim se abriu e conheci tudo sobre pintura, exceto, naturalmente, o lado mais material da técnica. Não sei sempre como expressar, ainda que me falte o conhecimento da própria técnica, isso não obstrui o caminho de uma apreciação perspicaz e compreensível. Assim, lá você está: todas as coisas são possíveis no yoga”.

“Eu não sei o que dizer sobre o assunto que você propõe para mim - a superioridade da música sobre a poesia - porque a minha apreciação de música é sem corpo e inexprimível, enquanto a respeito de poesia eu posso escrever com facilidade, com conhecimento técnico. Mas é necessário definir uma escala de grandeza entre as duas belas artes, quando cada uma tem sua própria grandeza e pode tocar em seu próprio caminho os extremos da *Ananda* estética? A música, sem dúvida, aproxima-se do infinito e da essência das coisas, porque conta inteiramente com o veículo etéreo, *Shabda*, (a arquitetura, por sinal, pode fazer algo do mesmo tipo no outro extremo, mesmo em seu aprisionamento na matéria); mas a pintura e a escultura têm sua vingança ao libertar a forma visível para o êxtase, enquanto a poesia, embora não possa fazer com o som o que a música faz, já pode produzir uma harmonia de várias cordas, uma revelação sonora vibrando a criação, pela palavra, e pondo à tona sugestões vívidas da forma e da cor, - que lhe dá, em um modo muito sutil, o poder de todas as artes. Quem pode decidir entre tais alegações ou ser um juiz, entre essas Divindades?”

Outra experiência foi a da levitação (É estranho que, em toda a Índia, o povo acredite que Sri Aurobindo normalmente permanecia acima do solo!). Quando uma vez essa questão foi perguntada, ele disse: “Isso foi uma vez na prisão. Eu estava então tendo um *sadhana* muito intenso no plano vital e estava concentrado. E tinha uma mente questionadora: ‘São possíveis tais *Siddhis* ⁶⁷ como o *Utthapana* (levitação)?’ Então subitamente me achei erguido de tal modo que eu mesmo não poderia ter feito isso com um esforço muscular. Somente uma parte do corpo estava levemente em contato com o solo e o resto estava erguido contra a parede. Eu não poderia ter mantido meu corpo deste modo normalmente, mesmo que eu quisesse e achasse que o corpo permaneceria suspenso deste modo sem qualquer esforço muscular de minha parte. Isso foi a única coisa que aconteceu. Na prisão houve muitas coisas assim extraordinárias, e alguém pode dizer experiências anormais. Como eu estava fazendo *sadhana* intensamente, no plano vital, eu penso que essas coisas poderiam ter vindo de lá. Todas essas experiências acabaram e não se repetiram”.

Foi durante sua vida na prisão que ele recorreu ao jejum para ver até onde os resultados espirituais poderiam ser alcançados por meio dele. Na prisão de Alipore, ele jejuou por onze dias e perdeu dez libras de peso durante esse período, embora não tenha se sentido pior por isso.

Ele costumava ouvir a voz de Vivekananda durante a meditação. Eis o que escreveu sobre isso: “É um fato que eu estava ouvindo constantemente a voz de Vivekananda falando comigo, durante duas semanas, na prisão em minha meditação solitária e sentia sua presença, mas isso nada tem a ver com as circunstâncias alegadas ... A voz falou somente sobre um campo especial e limitado, mas muito importante, da

⁶⁷ Nota do tradutor. *Siddhi*: poder.

experiência espiritual, e cessou tão logo terminou de dizer tudo o que tinha de dizer sobre o assunto”.

13 de setembro de 1946

“Agora o que você chama de piedade é algo muito diferente da compaixão e ambas são diferentes do *Samata*.⁶⁸ Piedade e sentimentalismo humano são um resultado de repulsa nervosa - algum movimento no ser vital. Eu mesmo, quando era jovem, não podia ler sobre qualquer ato de crueldade, sem sentir aquela repulsa e um sentimento de ódio para com aqueles que fizeram isso. Eu não podia matar um inseto, digo um besouro ou um mosquito. Não era porque eu firmemente acreditava em *Ahimsa*, mas porque eu tinha essa piedade e repulsa nervosa. Depois, mesmo quando eu não tinha uma objeção mental, não podia prejudicar nada porque o corpo rejeitava o ato. Quando estive na prisão, fiquei mentalmente submetido a todo tipo de tortura, nos primeiros 15 dias. Tive de olhar cenas de todo tipo de sofrimento diante de mim e então a coisa passou”.

26 de julho de 1923

Panchanan Tarkachudamani, o grande especialista em Sânscrito, estava também na prisão com alguns de seus discípulos. Um dia, Abinash Bhattacharjee pediu a Sri Aurobindo para que lhe explicasse certas passagens da Upanishad, o que ele fez. Abinash recontou a explanação a Panchanan Babu. Após ouvi-la, Panchanan disse: “Bem, Abinash, eu não teria sido capaz de explicar essa parte com a simplicidade que Sri Aurobindo fez”.

Hem Sen era um coacusado. Ele costumava obter de fora biscoitos e outros alimentos, que costumava guardar sob seu travesseiro, à noite. Houve roubos deles, cometidos por outros acusados. Aqueles que estivessem acordados, no momento do roubo, receberiam uma parte! Hem Sen geralmente costumava discutir durante o dia sobre esses pequenos roubos à noite. Uma vez, o roubo estava ocorrendo e o ladrão viu que Sri Aurobindo estava acordado. Abinash pegou uns poucos biscoitos e os colocou em sua mão. Ele sorriu e começou a comê-los deitado.

Upen Banerjee estava muito chocado por causa do brilho do cabelo de Sri Aurobindo e pensava que era devido à azeite. Ao inquirir, descobriu que não havia azeite com Sri Aurobindo. Assim ele perguntou a Sri Aurobindo que lhe respondeu que era devido ao *sadhana*.

Maio de 1908. Foi comentado por algumas revistas que a terra da cabana de Ramakrishna foi trazida por Sri Aurobindo.

Aqui está o que Sri Aurobindo diz sobre isso:

⁶⁸ Nota do tradutor. *Samata*: igualdade, equilíbrio, balanço, equanimidade. *Ahimsa*: não violência.

“A terra foi trazida a mim por um jovem ligado à Missão de Ramakrishna e eu a guardei; ela estava lá em meu quarto quando a polícia veio me prender”.

06 de maio de 1909. O Sr. Beachcroft informou sua decisão. Sri Aurobindo foi libertado.

“Eles (os acusados) vieram à casa de meu primo. Sri Aurobindo sentou-se entre eles - o mesmo olhar distante, melancólico em seus olhos - exteriormente despreocupado e inabalável. Ele tinha movido, por assim dizer, sua mente ao fundo de seu ser”.

“Ele olhou para os céus - um olhar distante em seus olhos - abstraído de seus entornos”.

Juiz S. R. Das
Mãe Índia, janeiro de 1959

Depois de sua libertação, Sri Aurobindo permaneceu com a família de Krishna Kumar Mitter. O próprio Mitter esteve na prisão em Agra. Sua tia ficou muito fraca. Assim o doutor orientou-a a banhar-se no Ganges. Geralmente alguém a acompanhava ao Ganges. A tia teria vindo a Sri Aurobindo, quando ele estava escrevendo um artigo para o “Dharma” ou o “Karmayogin” e dito: “Auro, por favor, venha comigo, estou indo para meu banho no Ganges”. E Sri Aurobindo teria deixado a escrita e a acompanhado.

Basanti Chakravarty (sua prima, filha de Krishna Kumar Mitter) escreve: “Eu nunca vi Sri Aurobindo irritar-se. Ele está sentado no salão e está escrevendo. Suas sandálias estão deixadas a pequena distância. Minha mãe chega, calça as sandálias dele e vai para o terraço para fazer sua caminhada habitual. Depois de algum tempo, o povo vem ver Sri Aurobindo. Ele se levanta, busca em torno suas sandálias. Neste momento, ele vê a tia, sorri e lhe pergunta: “Tiazinha! você calçou minhas sandálias? Há visitantes que vieram me ver”. A tia lhe devolve as sandálias. Que ela as levou embora - que ele teve de esperar - nada disso o deixava irritado”.

30 de maio de 1909. O histórico discurso de Uttarpara. Foi Amarendranath Chatterji quem foi de Uttarpara para Calcutá para buscar Sri Aurobindo para discursar na *Sanatan Dharma Association*. Ele conheceu Sri Aurobindo através da organização da sociedade secreta e por causa de sua iniciação feita por ele. Amar escreve: “Eu fui ao escritório de Sanjivani para buscar Sri Aurobindo. Eu o vi lá absolutamente calmo, como se ele estivesse em meditação. Assim não falei muito com ele. Fomos de trem para Uttarpara. Muitos da audiência também vieram no mesmo trem. O trem chegou às 3 horas. O horário do encontro era 5h30. O *jamindar*⁶⁹ de Uttarpara, Rajá Piyari Mohan, e seu filho Michhari Babu vieram à estação para receber Sri Aurobindo. Depois de fazer um pequeno descanso e um tomar um chá, na casa de Surendranath Chattopadhyaya, um desfile regular foi organizado. O encontro foi marcado no pátio, ao ar livre da

⁶⁹ Nota do tradutor. *Jamindar* ou *zamindar*: senhorio ou proprietário de terras.

Biblioteca, no lado leste, na margem oeste do Ganges. Sri Aurobindo era o único palestrante. Havia aproximadamente dez mil pessoas na audiência. Sua voz não era volumosa e assim a audiência manteve um silêncio absoluto, de forma a poder ouvi-lo (não havia autôfalantes naquele tempo).

Ele foi ouvido em silêncio absoluto. A recepção que teve foi extraordinária. Um buquê de guirlandas estava sobre a mesa. A maioria delas de flores de jasmim. Uma delas foi especialmente preparada por Michhari Babu e posta aos pés. Quando o discurso se encerrou, então, como era usual com ele, Sri Aurobindo deixou o buquê de guirlandas sobre a mesa e partiu. A grande guirlanda preparada por Michhari Babu foi levada embora por alguém, - sem dúvida não roubada mas tomada como um testemunho da ocasião. Amar escreve: “Quem não teria um desejo de ter uma guirlanda oferecida a Sri Aurobindo? Michhari Babu ficou muito irritado. Expliquei-lhe que tal avidez era natural a todos, assim ele não deveria ficar irritado”.



Sri Aurobindo, com a guirlanda recebida, no Discurso de Uttarpara

Na manhã seguinte, Michhari Babu recebeu de volta a guirlanda, mas estava calmo. Ele somente disse ao homem que a havia pego: “Vá e peça perdão a Deus, eu já te perdoei”.

“Ontem se ele fosse pego receberia uma grande surra - mas hoje a mão de ferro se transformou em ouro!”

Então Michhari Babu concordou com Amar e disse: “Sim, você tem razão. O discurso de Sri Aurobindo já produziu um resultado imediato”.

Amar Chatterji muito frequentemente descrevia sua experiência espiritual, quando teve o *Darshana* de Sri Aurobindo. Ele foi repreendido por Panch Kodi Banerji, editor do *Hitavadi*, que costumava citar o *Shastra*⁷⁰, e lhe disse que alguém deveria sempre manter as experiências espirituais como um segredo bem guardado.

Amar respondeu: “Meu Guru cria o *Shastra*, ele não o segue”.

Depois de sua liberação do processo da Bomba de Alipore, Sri Aurobindo permaneceu no escritório de Sanjivani. Nessa época, alguns jovens do partido *Yugantar* costumavam vir a ele para ler o Gita. Sri Aurobindo sentava-se na varanda com as mãos cruzadas, no congelante frio do inverno, vestido somente com um *Dhoti* e uma camisa. Ele costumava manter-se tão absorvido enquanto expunha o Gita que, um dia, foi até a uma hora. Sarojini veio com o alimento. Então perceberam que era a hora do almoço para ele, e o deixaram, e então ele almoçou.

Quando Sri Aurobindo saiu da prisão, toda a atmosfera política havia completamente mudado. Quase todos os líderes do partido nacionalista ou estavam na prisão ou se impuseram um exílio. Em toda parte, havia depressão e desesperança - apesar de o sentimento contra o domínio estrangeiro não ter se abatido. Pelo contrário, ele aumentou por causa da repressão. Sri Aurobindo decidiu continuar a luta sozinho. Toda semana costumava haver um encontro em Calcutá onde, em vez dos milhares que antes lotavam, dificilmente havia umas poucas centenas. E mesmo estes não tinham entusiasmo, nem espírito, nem vida. Uma vez, enquanto descrevia sua experiência do declínio do entusiasmo político, ele disse com humor: “A experiência que tive em Bengala deu-me um bom *insight* na psicologia de nosso povo. Mesmo quando todos os líderes estavam presos e alguns deportados, continuamos a manter nossos encontros políticos no *College Square*. Mas, em todos, costumava comparecer cerca de uma centena de pessoas, que eram também principalmente transeuntes. E tive a honra de presidir muitos desses encontros!”

Foi depois de sua libertação que ele começou o *Dharma* e o *Karmayogin*: um em bengalês, o outro em inglês. Eles tiveram uma ampla circulação e não tiveram dificuldades financeiras como o *Bande Mataram*.

Setembro (?) de 1909. Petição de Sri Aurobindo à Conferência de Jhalakati.

Setembro (?) de 1909. Sri Aurobindo conduziu a Conferência Política do Distrito de 24-Parganas. Esse distrito contém a cidade de Calcutá. A situação política era similar àquela do Congresso de Surat, em 1907. O Comitê de recepção era formado pelos Moderados e eles elaboraram propostas de resoluções, acolhendo as reformas

⁷⁰ Nota do tradutor. *Darshana*: visão. *Shastra*: regra de conduta.

concedidas pelo Governo Britânico. Sri Aurobindo tomou sozinho a causa do Partido Nacionalista e estabeleceu a associação nacionalista de Bengala. Ele retirou a cláusula do limite de idade das regras de admissão e alterou completamente a forma dos certificados dados aos delegados. Ele também alterou as propostas de resoluções, introduziu outras novas e obteve a maioria para aprová-las. Os Moderados foram derrotados e pensavam em deixar o Congresso. Sri Aurobindo de novo usava sua diplomacia, suavizava um pouco as resoluções e conduzia seu partido, que era a maioria, para não se opor àquelas resoluções que os Moderados estavam convencidos a propor. Ele adotou este movimento para preservar a unidade política de Bengala. Seus próprios partidários não estavam muito felizes com isso. Assim ele pediu para eles se ausentarem da sessão. De fato, os líderes moderados, quando se ergueram para falar, não foram ouvidos, a audiência se desregulou e começou a gritar o tempo todo. Foi quando Sri Aurobindo chegou e pediu-lhes para manter silêncio ou irem embora para que a paz fosse restaurada, e o partido que estava em maioria deixou o encontro em obediência aos seus líderes.

A amarga reclamação dos Moderados era que o povo estava ouvindo os líderes jovens e inexperientes - como Sri Aurobindo - e tornando-se surdo aos velhos e experimentados.

Não é conhecido como certo, mas é bem provável que Sri Aurobindo tenha participado da Conferência política provincial de Bengala, realizada em Barisal, e tenha também se dirigido à assembleia. A velha constituição do Congresso era tal que somente os Moderados poderiam se tornar membros do corpo principal de trabalho, os nacionalistas não poderiam adentrar nele. Surendranath Banerji convocou um encontro particular, em nome dos Moderados de Bengala, para o qual convidou Sri Aurobindo e outros proeminentes Nacionalistas de Bengala, na intenção de apresentar uma frente unida ao Congresso de toda a Índia, a ocorrer em Benares. Então os Moderados queriam permanecer com os Nacionalistas em Bengala. Isso foi devido ao fato de que Surendranath Banerji estava muito ansioso para ser o líder da unida Bengala, na política indiana. Isso poderia ocorrer se os Moderados votassem nos Nacionalistas e os enviassem como delegados! Além disso, os Nacionalistas seriam obrigados a aceitar a constituição aprovada em Surat. Sri Aurobindo recusou aceitar aqueles termos porque seria um compromisso sobre aspectos essenciais. Ele não quis manter a unidade deste modo. Ele propôs uma alteração na constituição do Congresso e pediu por liberdade para os novos órgãos políticos que poderiam ter sido formados, para enviar os seus representantes de forma que os Nacionalistas pudessem ter seus próprios homens no Congresso. As negociações se romperam nesses objetivos.

Sri Aurobindo pensava em continuar seu próprio trabalho independentemente. Ele percebeu que um movimento como o do Governo Interno seria uma possibilidade. A Srta. Besant, de fato, depois colocou isso em prática. Mas Sri Aurobindo sentia nisso

um abandono do ideal da independência total - libertar a Índia do Império Britânico seria o objetivo do movimento do Governo Interno - e por isso ele não o começou. Ele também pensou em Resistência Passiva. Mas ele sabia que não poderia ser o líder de tal movimento.

Nesse tempo, o Governo Britânico declarou algumas Reformas, nas quais ele viu alguns sinais de sua rendição. Então ele declarou sua opinião, inaugurando o princípio: “Não cooperação sem controle”. Isso, ele pensava, propiciaria aos Nacionalistas assegurar aqueles departamentos, que a nação havia lhes dado o controle, e introduzir seus próprios programas por meio deles.

Mas a repressão da época estava a todo vapor e Sri Aurobindo não encontrava uma saída para levar adiante suas próprias ideias. Assim ele dirigia os dois jornais - *Dharma* e *Karmayogin* - e publicou um artigo intitulado “Uma carta aberta aos meus conterrâneos”, no qual enunciava as linhas principais, ao longo das quais, os Nacionalistas deveriam continuar o trabalho, no caso de ele ser preso. Havia muitos rumores sobre sua prisão nessa época.

25 de dezembro de 1909. “Uma carta aberta aos meus conterrâneos”, no *Karmayogin*.

Há uma pequena história por trás dessa “carta”, ligada com o contado de Sri Aurobindo com a Irmã Nivedita, que já foi descrita com suas próprias palavras.



Sri Aurobindo entre os líderes políticos

CHANDERNAGORE

“Toda energia que tenho devo ao Yoga. Era muito incapaz antes. Mesmo a energia que empregava na política vinha do Yoga”.

6 de setembro de 1926

Fevereiro de 1910. Chandernagore

De novembro de 1909 a fevereiro de 1910, Sri Aurobindo permaneceu na casa de seu tio Krishna Kumar Mitter, no *College Square*, n. 8. Ele costumava ir ao escritório do *Karmayogin* e do *Dharma*, no *Shyam Pukur Lane*, n. 4, todos os dias às quatro horas da tarde. Não havia muito trabalho para fazer no escritório. Era inverno e Sri Aurobindo vinha para lá enrolado em seu xale. Normalmente quatro ou cinco pessoas se sentariam juntas e tentariam a escrita automática. Nesse experimento, alguém deve se sentar com a mente vazia, caneta na mão, e permitir uma ação livre à alguma força que pretenda escrever, através do médium dessa passividade. Algumas vezes, ele permanecia até tão tarde nesses lugares que os bondes já tinham parado de circular e uma carruagem devia ser alugada para levá-lo à casa de seu tio, no *College Square*. Quando foi a Pondicherry, ele gastou algum tempo na escrita automática. Não é que o que alguém recebe desse modo seja, ou deva ser, sempre correto; mas a experiência é útil para um contato com níveis ocultos e para o conhecimento do trabalho de forças sutis.

Deste modo é como ele descreve as circunstâncias de sua ida para Chandernagore:

“Eu estava no escritório do *Karmayogin*, e soubemos sobre a busca que estava para ser feita com a intenção de me prender. Havia algumas pessoas lá; Ramchandra (Majumdar) estava lá, preparando-se para lutar com a polícia, e muitas outras ideias estavam flutuando, quando subitamente ouvi uma voz do alto dizendo: “Não! Vá para Chandernagore”. Depois de deixar a prisão, eu costumava ouvir vozes. Naqueles dias, eu costumava obedecê-las sem questionar. A respeito de vir a Pondicherry eu também ouvi uma voz”.

As pessoas que estavam presentes foram: 1. Ramchandra Majumdar, 2. Suresh Chakravarty (Moni), 3. Biren Ghose, 4. Bijoy Nag. Após ouvir a voz, Sri Aurobindo decidiu agir imediatamente e, em torno de dez minutos, já estava nas margens do Ganges. Partiram do escritório do *Karmayogin*, em torno das oito horas da noite, Sri Aurobindo e Ramchandra Majumdar conduzindo. Cerca de cinquenta passos atrás deles Biren, e, cerca da mesma distância atrás de Biren, Suresh seguia. Fizeram um pequeno ziguezague e chegaram ao Ganges. Fizeram desse modo para escapar da vigilância dos homens do D.I.C.⁷¹, que vigiavam o escritório do *Karmayogin*. Neste dia, eles pareceram

⁷¹ Nota do tradutor. No original C.I.D. = *Criminal Investigation Department*, Departamento de Investigação Criminal, D.I.C.

ter sido notados pela sua ausência. Um barco foi chamado e contratado para Chandernagore. Sri Aurobindo embarcou com Biren e Suresh.

Há muitas histórias correntes sobre a partida de Sri Aurobindo para Chandernagore. Algumas têm sido publicadas em revistas por pessoas que escreveram informações erradas ou aceitaram rumores como fato e então fizeram confusão. Na intenção de resolver a questão, de uma vez por todas, nós damos aqui sua própria descrição dela, mesmo com o risco da repetição:

“Não foi Ganen Maharaj quem me informou da busca e prisão iminentes, mas um jovem da equipe do *Karmayogin*, Ramchandra Majumdar, cujo pai tinha sido avisado de que, em um dia ou dois, o Escritório do *Karmayogin* seria revistado e eu mesmo seria preso. Tem havido muitas lendas espalhadas sobre essa matéria e foi mesmo dito que eu seria processado pela participação no assassinato, no Tribunal Superior, de Shamsul Alam, um membro proeminente do D.I.C., e que a Irmã Nivedita teria mandado me chamar e me informado, e nós teríamos discutido o que deveria ser feito e meu desaparecimento teria sido o resultado. Nunca ouvi de qualquer processo assim proposto e não houve discussão desse tipo; o processo pretendido e depois começado foi somente de sedição. Irmã Nivedita nada sabia desses novos acontecimentos até que eu chegasse em Chandernagore. Não fui à casa dela ou vê-la; é totalmente inverdadeiro que ela e Ganen Maharaj tenham vindo me ver partir, no ancoradouro. Não houve tempo para informá-la; porque quase imediatamente eu ter recebido um comando do alto para ir a Chandernagore, em dez minutos eu estava no ancoradouro, um barco foi contratado e eu estava a caminho de Chandernagore, com dois jovens. Era um barco comum do Ganges, remado por dois marujos, e todos os detalhes pitorescos acerca de um barco francês e de luzes desaparecendo são puro romance. Enviei alguém do escritório para Nivedita, para informá-la e pedir-lhe para ficar com a edição do *Karmayogin*, na minha ausência. Ela aceitou e, de fato, dessa época em diante até a suspensão do jornal, ela teve o controle total dele: fiquei absorvido em meu *sadhana* e não enviei contribuição, nem houve quaisquer artigos com minha assinatura. Nunca houve minha assinatura para qualquer dos artigos no *Karmayogin*, com exceção somente de dois, o último sendo a ocasião para o processo que falhou. Não houve um arranjo para minha estadia em Chandernagore, no local selecionado por Nivedita. Fui sem um aviso antecipado a qualquer pessoa e fui recebido por Motilal Roy, que fez arranjos secretos para minha estadia; ninguém, exceto eu mesmo e uns poucos amigos, sabia onde eu estava”.

13 de setembro de 1946.

Não houve contratempo no caminho, exceto que os marujos tiveram de arrastar o barco em águas rasas, uma ou duas vezes, durante a noite.

Fevereiro de 1910, Chandernagore

O barco ancorou na Praia de Chandernagore. Suresh e Biren saíram e informaram Charu Chandra Roi da chegada de Sri Aurobindo e lhe perguntaram se ele poderia fazer os arranjos para a estadia dele. Charu Chandra estava temeroso e não sabia o que fazer. Nesse tempo, quando Biren e Suresh estavam pensando no retorno ao barco com uma resposta decepcionante, um Sishir Ghose os levou a Motilal Roy. Motilal, ao vir a saber sobre isso, prontamente aceitou acomodar Sri Aurobindo. Ele foi ao barco e o conduziu próximo do local onde estava. Sri Aurobindo desembarcou e foi levado à sua casa. Seu pedido de manter sua chegada secreta foi cumprido e Motilal Roy fez os arranjos para mantê-lo na clandestinidade.

Os dois, Suresh e Biren, retornaram a Calcutá, no dia seguinte, para não despertar qualquer suspeita. Então ninguém, nem mesmo seus colegas mais próximos, sabia para onde Sri Aurobindo fora. Ele escreveu uma carta a Nivedita pedindo-lhe para se encarregar do *Karmayogin* e lhe dizendo que estava indo para a clandestinidade. Ela aceitou a tarefa e conduziu o jornal. Ele não enviou artigos ao *Karmayogin*, depois disso.

No primeiro dia, Motilal Roy fez um arranjo em seu *Baithak khana* - seu quarto de hóspedes; de lá, ele levou Sri Aurobindo para um depósito, onde ele costumava guardar cadeiras (de uma loja de móveis). Era no primeiro andar da casa. Ele foi buscar alguma refeição para ele comer. Quando voltou, viu que Sri Aurobindo estava em meditação! Ele lhe deu a refeição. Sri Aurobindo a tomou mecanicamente. À tarde, ele o levou à sua sala de estar, onde ele tomou um banho. Era inverno e o banho com água fria o fez tremer. Motilal Roy teve de comprar alimento de uma loja para evitar suspeita.

Ele falou com Motilal Roy e disse-lhe para entregar tudo a Deus. À noite, Sri Aurobindo foi levado à casa de um amigo para dormir, em nome da segurança. Passou o segundo dia. No fim da tarde, quando Motilal o encontrou, Sri Aurobindo pediu-lhe para fazer um arranjo em qualquer lugar. Assim, Motilal o levou à sua própria casa, à noite. No terceiro dia, ele também permaneceu com Motilal. Todas as tardes, Motilal costumava conversar com ele sobre o assunto do yoga. Sri Aurobindo explicou muitas coisas a Motilal. No terceiro dia, à noite, Motilal o levou para a parte norte de Chandernagore (Gondalpara), chamada “Cooli-lines”, por segurança, na casa de Balai Chandra De.

No todo, Sri Aurobindo permaneceu em Chandernagore por um mês e dez ou quinze dias. Ele conduziu um *sadhana* a Motilal e então foram semeadas as sementes do que, depois, se tornou o *Pravartak Sangha*, que se apartou de Sri Aurobindo, depois de agosto de 1920.

Fevereiro-Março de 1910. Sri Aurobindo permaneceu em Chandernagore.

Motilal Roy, de Chandernagore, descreve a impressão que Sri Aurobindo deixou nele: “Um indivíduo completamente entregue - alguém sentia, quando ele falava, como

se outra pessoa estivesse falando através dele. Coloquei um prato de alimento diante dele - ele simplesmente olhava para ele. Então comeu um pouco, apenas mecanicamente! Ele parecia estar absorvido, mesmo quando estava comendo; ele costumava meditar, com olhos abertos, e ver formas sutis e visões espirituais”.

A respeito de sua decisão de ir a Pondicherry, Sri Aurobindo escreveu:

“Enquanto o processo estava pendente, parti secretamente para Chandernagore e lá alguns amigos estavam pensando em enviar-me à França. Eu estava pensando no que fazer em seguida. Então, tive o *Adesh* - comando - para ir a Pondicherry”.

18 de dezembro de 1932

*

O *sadhana* de Sri Aurobindo, em Chandernagore, desenvolveu-se com intensidade; ele teve muitas visões dos planos sutis. Costumava ver três ou quatro Deusas, no momento da meditação, e elas eram vistas partindo ao final da prática. Foi depois, quando foi a Pondicherry, que as conheceu como *Ila*, *Bharati*, *Mahi* e *Saraswati*, as Deusas Védicas.

Sri Aurobindo não encontrou ninguém em Chandernagore, exceto Motilal e uma ou duas pessoas que cuidavam de suas necessidades.

Depois que Sri Aurobindo partiu para Chandernagore, muitas cartas anônimas foram recebidas, em seu endereço em Calcutá. Em uma delas, foi-lhe pedido vir a público. Essas cartas foram enviadas a Sri Aurobindo. Em uma nota desafiadora, ele respondeu que não havia partido por causa de medo e não havia mandado contra ele. Se houvesse um, ele voltaria. Então foi ouvido que o Governo expedira um mandado, o que somente confirmou a suspeita de Sri Aurobindo de que a carta tinha sido escrita por um agente do Governo Britânico. Mas, na realidade, não havia base para qualquer mandado.

Algumas pessoas pensaram então - e mesmo agora deve haver algumas que poderiam pensar assim - que Sri Aurobindo deixara a política, porque sentira que nada poderia fazer ou que estaria com medo.

Aqui está sua própria explicação:

“Eu também posso dizer que não deixei a política porque sentia que nada mais podia fazer lá; tal ideia estava bem longe de mim. Fui embora porque eu não queria nada que interferisse com meu Yoga e porque tive um *Adesh* muito distinto nesse assunto. Cortei totalmente a conexão com a política, mas antes que eu tivesse feito assim, eu soube no meu íntimo que o trabalho que tinha começado lá estava destinado a ser levado adiante, nas linhas que eu tinha previsto, por outros, e que o triunfo final do

movimento, que eu tinha iniciado, seria certo sem minha ação pessoal ou presença. Não havia o menor motivo de desespero ou senso de futilidade atrás de minha retirada”.

Algumas pessoas acreditavam que havia uma proibição imposta à entrada de Sri Aurobindo na Índia Britânica. Que isso não é correto está claro a partir de sua carta a Baptista, em abril de 1920. Em uma *Conversa Noturna*, ele disse: “Nunca houve nenhuma proibição de minha entrada na Índia Britânica. Pelo contrário, Lord Carmichael enviou-me um convite para retornar à Índia e estabelecer-me em algum lugar como Darjeeling e discutir filosofia com ele. Eu rejeitei a oferta”.

No final de março (1910), Motilal Roy informou Sukumar Mitter, em Calcutá, da pretendida partida de Sri Aurobindo para Pondicherry.

Março, 1910.

Para o final de março, Moni Suresh Chakravarty recebeu um bilhete de Chandernagore, dizendo-lhe para ir a Pondicherry e conseguir uma casa. Moni devia partir no dia 28. Um semanário tâmil, chamado *Índia*, costumava ser publicado, a partir de Pondicherry. Era publicado por alguns nacionalistas, e um Srinivasachari, que era conhecido no grupo revolucionário, estava conectado com ele. Subramanya Bharati estava trabalhando com Srinivasachari e Krishnamachari era seu parceiro. O periódico sustentava a perspectiva nacionalista e revolucionária. Uma carta de apresentação, endereçada a Srinivasachari, foi dada a Moni. Moni caminhou até a estação de Howrah e então tomou seu assento na segunda classe. Saurin Bose, primo de Mrinalini Devi, e Sukumar Mitra, filho de Krishna Kumar, estavam na plataforma para vê-lo partir. Eles lhe deram o bilhete de segunda classe e 30 rupias em dinheiro. Ele estava vestido como um anglo-indiano. Moni chegou em Pondicherry, no dia 31.

Abril de 1910. Partida de Sri Aurobindo para Pondicherry

No final de março (muito provavelmente na terceira semana), Sri Aurobindo teve uma indicação interna para ir a Pondicherry, que ele chama, em sua carta a Baptista, em 1920: “meu lugar de retiro, minha caverna de *Tapasya*, não do tipo ascético, mas da marca da minha própria invenção”. Ele chegou em Pondicherry, no dia 4 de abril.

Karma (Radha's Complaint)

Love, but my words are vain as air!
In my sweet joyous youth, a heart untried,
Thou tookst me in Love's sudden snare,
Thou wouldst not let me in my home abide.

And now I have nought else to try,
But I will make my soul one strong desire
And into Ocean leaping die:
So shall my heart be cooled of all its fire.

Die and be born to life again
As Nanda's son, the joy of Braja's girls,
And I will make thee Radha then,
A laughing child's face set with lovely curls.

Then I will love thee and then leave;
Under the codome's boughs when thou goest by
Bound to the water morn or eve,
Lean on that tree fluting melodiously.

Thou shalt hear me and fall at sight
Under my charm; my voice shall wholly move
Thy simple girl's heart to delight;
Then shalt thou know the bitterness of love.

Composição de Sri Aurobindo, a partir de um antigo poema
bengalês, Pondicherry, 1915

Carma (uma queixa de Radha)

Amor, porém palavras vãs como o ar!
Na doce juventude, inábil peito,
de imediato me tens nas teias de Amar,
retendo-me em meu lar, eis o malfeito.

Agora não mais tendo um novo plano,
farei um forte desejo com minh'alma
e logo morrerei num Oceano:
deste fogo meu peito mui se acalma.

Morrer e renascer de novo, assim
como o filho de Nanda, concessor,
e vou fazer-te minha Radha enfim,
menina sorridente, linda flor.

Vou então te amar e logo te deixar;
sob os galhos frondosos, quando passas
orvalhada, dia e noite; vem tocar
a flauta melodiosa, vem à sombra!

Vais me ouvir e ficar sob a retina,
meu charme e minha voz serão o torpor
para o teu puro peito de menina;
conhecerás a mágoa deste amor.

PARTIDA PARA PONDICHERRY

Pergunta: “Por que você escolheu Pondicherry como o lugar para o seu *sadhana*?”

Aurobindo: “Porque foi por um *Adesh* - alto comando - que eu recebi para ir lá”.

*

Daqueles que tomaram parte nos arranjos da viagem de Sri Aurobindo, de Chandernagore a Pondicherry, três pessoas ainda estão vivas⁷². Elas publicaram um relato acordado do episódio, sob a assinatura de Nagendra Kumar Guha Roy. Foi aprovado por S. J. Sukumar Mitter. Os fatos são os seguintes:

Sri Aurobindo pediu a Motilal Roy para fazer os arranjos para sua partida: Motilal escreveu uma carta a Amar Chatterji, em Uttarpara, na qual ele o informava da partida pretendida de Sri Aurobindo, de Chandernagore, em um barco, no dia 31 de março, e pedia-lhe para fazer um arranjo para mudar de barco, no ancoradouro de *Dumur Tala*, e transladá-lo de lá para o navio “*Dupleix*”. Outros arranjos deveriam ser feitos, disse Motilal, por Sukumar Mitter. Ele também disse que Sukumar deveria estar presente no ancoradouro de Calcutá.

Motilal escreveu outra carta a Sukumar Mitter, em Calcutá, informando-o da intenção de Sri Aurobindo de ir a Pondicherry, e também dizendo-lhe que Sri Aurobindo o queria para fazer os necessários arranjos particularmente, de modo a manter sua partida secreta. A ele foi pedido encontrá-los no ancoradouro de Calcutá, com dois bilhetes para Pondicherry, para o navio “*Dupleix*”, um para ele mesmo e outro para um jovem que o acompanharia.

Foi necessário tomar uma grande precaução, de forma que a informação sobre a partida de Sri Aurobindo não vazasse. É difícil para a presente geração formar uma ideia da atmosfera tensa daqueles dias. Por exemplo, a casa de Sukumar Mitter estava sob vigilância, especialmente depois da estada de Sri Aurobindo lá. O trabalho que Sukumar teve de fazer foi muito difícil.

Tão logo recebeu a carta de Motilal, Sukumar chamou Nagendra Kumar Guha Roy, um trabalhador nacionalista de Noakhali, para o escritório de Sanjivani, e deu-lhe dois baús e pediu-lhe para levá-los para o local onde residia. Nagendra perguntou-lhe jocosamente se eles continham bombas. Sukumar pediu-lhe para não se incomodar com os conteúdos, mas manter os baús com ele. Nagendra os levou ao *College Square*, n. 44/1.

No dia seguinte, Sukumar deu dois nomes para Nagen e pediu-lhe para comprar dois bilhetes de segunda classe para Colombo. Isso foi feito para despistar a polícia. Ele pegou os dois nomes da lista de colaboradores de Sanjivani, de forma que, se os nomes

⁷² Nota do tradutor. Informação de 1964.

fossem investigados, eles seriam encontrados em correspondência com pessoas reais, não falsos ou imaginários. Os bilhetes para Colombo foram trazidos de forma que todas as investigações pudessem ser dirigidas, se fosse o caso, para Colombo, em vez de Pondicherry. Sukumar também instruiu Nagen para reservar uma cabine dupla para que os dois pudessem viajar juntos. Nagen trouxe os bilhetes e os entregou a Sukumar. Sukumar pediu a Nagen que guardasse consigo os bilhetes.

Então, no dia 31 de março de 1910, Sukumar o chamou e pediu a ele e a Surendra Kumar Chakravarty para alugarem um barco, no ancoradouro de *Bagbazar*, e irem ao ancoradouro de *Chand Pal*, com os baús, e pô-los na cabine do navio “Dupleix”, naquela tarde. Ele também lhes disse que dois passageiros chegariam em um barco e seriam eles que iriam viajar no navio e que eles subiriam no barco que alugaram, e chegariam no navio.

Nagen ficou um pouco confuso e assim perguntou a Sukumar como é que eles reconheceriam os dois homens. Sukumar respondeu que ele tinha dado todas as informações a Suren. Subitamente uma luz brilhou em sua mente e ele sentiu que seria Sri Aurobindo o passageiro. Assim, ele perguntou a Sukumar: “Não é Sri Aurobindo - teu Auroda - quem está indo?”

Sukumar ficou surpreso, sorriu e lhe disse: “Você acertou o alvo. Mas como você sabia?”

Nagen disse: “De algum modo, eu senti isso”.

Sukumar: “É verdade; mas tome cuidado, ninguém deveria sabê-lo”.

Como previamente combinado, Amar Chatterji e Manmatha Biswas alugaram um barco, em Uttarpara, no dia 31 de março, e encontraram Sri Aurobindo no ancoradouro de *Dumur Tala* e o trasladaram para a margem do rio, em Calcutá. Mas para o desapontamento deles, não encontram nem Sukumar e nem Bijoy Nag, que deveriam ter vindo encontrá-los como combinado. Assim, Amar alugou uma carruagem e levou Sri Aurobindo à casa de Sukumar, no *College Square*. Parou a carruagem a certa distância e enviou Manmatha Biswas para saber se Sukumar estava em casa. Não havia ninguém lá. Então concluíram que Sukumar devia ter ido encontrá-los, no ancoradouro do rio, e voltaram.

O ocorrido foi que Nagen e Surendra, que foram enviados por Sukumar para encontrar Sri Aurobindo e conduzi-lo ao “Dupleix”, se atrasaram na travessia do rio e perderam o barco que levaria Sri Aurobindo, Amar e Manmatha. Falhando no encontro com Sri Aurobindo, Nagen e Surendra retornaram a Sukumar e lhe disseram do revés. Sukumar então lhes disse para irem imediatamente ao ancoradouro de *Chandpal* e recuperarem os baús da cabine. Surendra deixou o trabalho nesse ponto. Já eram quase seis horas da noite. Nagen descobriu que o doutor que emitia os certificados de saúde já havia examinado todos os passageiros e ido embora. Ele encontrou o Capitão, pegou o endereço do Doutor e recolheu os baús. Alugou uma carruagem e o carregador, que

trouxe os baús, disse a Nagen que sabia onde era a casa do Doutor, e também conhecia seu auxiliar e poderia arranjar tudo para ele. Ele pediu ao carregador para esperar lá no ancoradouro e se dirigiu à casa de Sukumar. Ele encontrou Sukumar esperando por ele. Nagen informou-o que os baús tinham sido levados de volta. Sukumar pediu-lhe para se apressar ao ancoradouro, encontrar Sri Aurobindo e Amar, que estavam esperando lá, em uma carruagem, e dar-lhes os bilhetes e conseguir o certificado do Doutor. Ele deu a taxa do Doutor a Nagen.

Nagen pegou de volta os baús, se dirigiu ao ancoradouro de *Chandpal* e encontrou a carruagem de Sri Aurobindo esperando ao lado da rua. O carregador já conhecido de Nagen veio à sua carruagem e informou-o que os passageiros que ele estava esperando já tinham chegado. Ele já tinha informado os Babus que esperavam sobre o fato de Nagen estar com os baús.

Nagen então colocou os baús na carruagem que esperava, entrou na carruagem e sentou-se ao lado de Amar; Sri Aurobindo e Bijoy Nag estavam no assento oposto. O carregador sentou-se com o cocheiro.

O Doutor morava em Chowranghee. Ele foi chamado pelo carregador. Nesse tempo, Nagen deu os bilhetes, os nomes e endereços dos dois passageiros a Sri Aurobindo. Ele deu o dinheiro a Sri Aurobindo para pagar o Doutor, cuja taxa era de 32 rupias.

Tiveram de esperar meia hora até que o Doutor os chamasse para o exame. Todos estavam conversando entre si em baixo tom. Sri Aurobindo ficou em silêncio. O porteiro teve a impressão de que Sri Aurobindo estava tendo alguns receios e disse sua impressão a Nagen Guha Roy.

Nagen Guha Roy disse ao porteiro: “Não, o Babu não está com esse medo; somente teve uma febre de malária e seu corpo é frágil. Assim, você está pensando que ele está com medo”. Mas o porteiro não parecia estar convencido da explicação de Guha Roy. Correu a Sri Aurobindo, parou diante dele e disse: “Babuji, por que você está com medo? O Doutor é um homem muito bom; não há razão para temer”. Ele sacudiu os braços de Sri Aurobindo. Nós três olhamos um para o outro diante desse estranho comportamento e sorrimos. Sri Aurobindo também sorriu.

Depois de pouco tempo, o auxiliar do doutor veio e levou para dentro as duas pessoas. Cerca de quinze minutos depois, eles saíram com seus certificados médicos. Nesse pequeno intervalo, o Doutor europeu notou que Sri Aurobindo falava um inglês puro e, ao perguntar, lhe foi dito que ele recebera sua educação na Inglaterra.

Então todos retornaram na mesma carruagem ao ancoradouro de *Chandpal*. Não havia sinais de ansiedade e impaciência no rosto de Sri Aurobindo. As outras pessoas - Amar, Nagen, etc. - estavam um pouco ansiosas e perturbadas porque o arranjo não saiu como esperado. Mas Sri Aurobindo, por quem eles estavam todos tão ansiosos, estava imóvel, calmo, sem a menor ansiedade, como uma estátua - como se em meditação. Foi

lá que Nagen Guha Roy viu Sri Aurobindo, nesse estado de destemor, pela primeira vez - ele não o havia encontrado antes.

Quando chegaram ao ancoradouro de *Chandpal*, era cerca de 11 horas da noite. Todos se dirigiram à cabine reservada com os baús. Bijoy começou a preparar o leito para Sri Aurobindo. Amar e Nagen permaneceram atrás de Sri Aurobindo com as mãos unidas; Amar deu o dinheiro dado pelo *Zamindar*⁷³ Rajendra Mukherji, de Uttarpara, a Sri Aurobindo. Então partiram. Nagen curvou-se para ele e ambos seguiram para a passarela. Os nomes adotados por Sri Aurobindo e Bijoy foram - Jyotindranath Mitter e Bankimchandra Basak, respectivamente. As únicas pessoas que sabiam disso eram: 1. Motilal Roy, 2. Suresh Chakravarty, ou Moni, que já estava em Pondicherry, 3. Amar Chatterji, 4. Manmathanath Biswas, 5. Surendra Kumar Chakravarty, 6. Sukumar Mitter, 7. Nagendra Kumar Guha Roy, 8. Bijoy Kumar Nag, que acompanhou Sri Aurobindo, 9. Rajendranath Mukherji, *Zamindar*, de Uttarpara.

O navio deixou Calcutá, nas primeiras horas da manhã, primeiro de abril de 1910.

(FIM DA PRIMEIRA PARTE)

⁷³ Nota do tradutor. *Jamindar* ou *zamindar*: senhorio ou proprietário de terras.

SOBRE OS ORGANIZADORES

ELISA GONSALVES POSSEBON é Professora Titular do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, onde integra o Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Doutora em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2000). Possui Licenciatura em Pedagogia (1989), Especialização em Pesquisa Educacional (1991) e Mestrado em Educação (1996) pela Universidade Federal da Paraíba. É facilitadora Didata de Biodanza e especialista em Educação Biocêntrica pela *International Biocentric Foundation*. Coordenou o Grupo de Trabalho Educação Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação-ANPEd e foi diretora da Associação Nacional de Administração da Educação-ANPAE-seção São Paulo. É pesquisadora do Núcleo de Educação Emocional do Centro de Educação da UFPB e do Grupo de Pesquisa Educação Emocional UFPB/CNPq. É autora de vários livros, dentre eles “Educação e a Curva Pedagógica” (2014), “Conversas sobre Iniciação à Pesquisa Científica” (2012), “Educação e Emoções” (2014), dentre outros. Atualmente coordena o projeto Vivência Emocional na Interface com as Mídias Digitais.

FABRICIO POSSEBON é Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Estudos da Religião, Centro de Educação (atualmente aposentado). É graduado em Letras: Grego Clássico e Português pela Universidade de São Paulo (1999), em Engenharia Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1985), mestre em Letras Clássicas pela Universidade de São Paulo (2000) e doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2007). Possui especialização em Dependência Química pelo Colégio Dom Alberto, Santa Cruz do Sul, RS; especialização em Naturopatia pelo Centro Universitário - UNIESP-PB; e especialização em Psicologia Transpessoal pela Faculdade Unyleya. Colabora com o Núcleo de Educação Emocional (NEEMOC-CE-UFPB). Trabalhou também no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, na linha de pesquisa "Espiritualidade e Saúde". Tem 41 artigos acadêmicos e 38 livros (como autor ou coautor) publicados e orientou 48 alunos de mestrado e doutorado. É naturopata e facilitador de Biodanza. Desenvolve o projeto “Experiência Emocional na Interface com a Mídia Digital”. Possui formação complementar em yogaterapia (66 horas), aromaterapia (24 horas), florais de Bach (20 horas), fitoterapia (300 horas), reflexologia (16 horas), introdução ao yoga do som (20 horas), terapia Marma (40 horas), dança criativa (58 horas), constelação familiar sistêmica (120 horas), Reiki (24 horas), entre outras.

Currículo completo em <http://lattes.cnpq.br/2781959905615456>

Email: fabriciopossebon@gmail.com

WhatsApp: +55839981084421



Os organizadores com o prof. Horivaldo Gomes (no centro), seguindo o seu curso de Formação em Yoga Integral

CADERNOS DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Objetivam “divulgar a produção científica desenvolvida pelo NEEMOC, proporcionando maior intercâmbio entre a Universidade e a sociedade” (Res. Nº 24/2017, CONSEPE).

CENTRO DE EDUCAÇÃO

Diretora

Adriana Valéria Santos Diniz

Vice-Diretor

Valter Ferreira Rodrigues

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Coordenadora

Marilene Salgueiro

Vice-coordenadora

Taísa Caldas

Equipe editorial

Marilene Salgueiro

Taísa Dantas

Elisa Gonsalves

Fabricio Possebon

Maria Lucia Abaurre Gnerre

Secretaria editorial

Maria Emanuela Lima

Dedjany de Mendonça Delgado

